

ARLETE SOARES GODINHO

# A COR DA MEMÓRIA

EDUCAÇÃO E ARTE PELO PATRIMÔNIO  
NA VILA-BAIRRO COQUEIRO DA PRAIA

Luís Correia | Piauí | Brasil



ARLETE SOARES GODINHO

# A COR DA MEMÓRIA

EDUCAÇÃO E ARTE PELO PATRIMÔNIO  
NA VILA-BAIRRO COQUEIRO DA PRAIA

Luís Correia | Piauí | Brasil

## **FICHA CATALOGRÁFICA**

Universidade Federal do Delta do Parnaíba  
Biblioteca Prof. Cândido Athayde – Parnaíba  
Serviço de Processamento Técnico

G585c

Godinho, Arlete Soares.

A cor da memória: educação e arte pelo patrimônio na Vila-bairro Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí, Brasil. [recurso eletrônico] / Arlete Soares Godinho. – 2021

1 Arquivo em PDF

Dissertação (Mestre em Artes, Patrimônio e Museologia) - Universidade Federal do Delta do Parnaíba, 2021.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Ma. Elenilce Soares Mourão e Prof.<sup>a</sup> Dra. Áurea da Paz Pinheiro

1. Museologia Social. 2. Memórias. 3. Arte-educação. 4. Patrimônio. 5. Luís Correia – PI. I. Título.

CDD: 069.81

## © Copyright 2021

Arlete Soares Godinho  
Elenilce Soares Mourão  
Áurea da Paz Pinheiro

---

### **Créditos**

Este trabalho final faz parte dos resultados da pesquisa-ação sob o título “A COR DA MEMÓRIA: educação e arte pelo patrimônio na Vila-bairro Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí, Brasil”, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, Mestrado Profissional, da Universidade Federal do Delta do Parnaíba, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Ma. Elenilce Soares Mourão e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Áurea da Paz Pinheiro.

### **Universidade Federal do Piauí**

Reitor | Prof. Dr. Gildásio Guedes Fernandes  
Vice-reitor | Prof. Dr. Viriato Campelo  
Pró-reitora de Ensino de Pós-graduação | Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regilda Saraiva dos Reis Moreira-Araújo  
Coordenador de Programas Stricto Sensu | Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento

### **Universidade Federal do Delta do Parnaíba**

Reitor | Prof. Dr. Alexandro Marinho Oliveira  
Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia |  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Áurea da Paz Pinheiro  
Orientadora do Trabalho Final de Mestrado | Prof.<sup>a</sup> Ma. Elenilce Soares Mourão e Prof.<sup>a</sup> Dra. Áurea da Paz Pinheiro

### **Banca Examinadora**

Prof.<sup>a</sup> Ma. Elenilce Soares Mourão | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí | Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Áurea da Paz Pinheiro | Universidade Federal do Piauí | Universidade Federal do Delta do Parnaíba | UFDFPar | Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Freitas de Lemos | Universidade Federal do Delta do Parnaíba | Brasil  
Prof. Dr. Felipe Augusto dos Santos Ribeiro | Universidade Estadual do Piauí | Brasil

Capa | Padrão Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia  
Contra Capa | Aquarela de Arlete Soares Godinho, 2019.  
Concepção e composição gráfica | Rosa Karina Carvalho Cavalcante  
Impressão e acabamento | Gráfica  
Revisão ortográfica e bibliográfica | Jorge Diego Marques Fontenele  
Museu da Vila | Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia  
Rua José Quirino | Bairro Coqueiro | Luís Correia | PI  
www.museologiapiuai.com | e-mail: mapm@ufpi.edu.br



ARLETE SOARES GODINHO

## **A COR DA MEMÓRIA:**

educação e arte pelo patrimônio na Vila-bairro Coqueiro da Praia,  
Luís Correia, Piauí, Brasil.

Relatório final apresentado ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia, como requisito para obtenção do grau de mestre.

Edital nº 01/2018

5ª Turma | 2019-2021

Orientadoras:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Áurea da Paz Pinheiro

Prof.<sup>a</sup> Ma. Elenilce Soares Mourão

Trabalho apresentado em 29 de outubro de 2021

### **BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Ma. Elenilce Soares Mourão | Orientadora**

Universidade Federal do Piauí | UFPI | Universidade Federal do Delta do Parnaíba | UFDPAr | Brasil

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí | IFPI | Brasil

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Áurea da Paz Pinheiro | Orientadora**

Universidade Federal do Piauí | UFPI | Universidade Federal do Delta do Parnaíba | UFDPAr | Brasil

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Freitas de Lemos | Avaliadora Interna**

Universidade Federal Delta do Parnaíba | UFDPAr | Brasil

**Prof. Dr. Felipe Augusto dos Santos Ribeiro | Avaliador Externo**

Universidade Estadual do Piauí | UESPI | Brasil



*À comunidade da Vila-bairro Coqueiro da Praia.  
Aos meus pais João Soares Godinho (In memoriam) e  
Antônia Soares Melo.*



# DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu, Arlete Soares Godinho, declaro que este trabalho, “A COR DA MEMÓRIA: educação e arte pelo patrimônio na Vila-bairro Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí, Brasil”, é o resultado de meus estudos e intervenções no Programa de Pós- Graduação, Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI). O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia ou outras listagens de fontes documentais, tais como todas as citações diretas ou indiretas têm devida indicação ao longo do trabalho segundo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Teresina (PI), 29 de outubro de 2021.

  
Arlete Soares Godinho



# TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Em atendimento ao Artigo 6º da Resolução CEPEX nº 021/2014, autorizo a Universidade Federal do Piauí-UFPI a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, no Repositório Institucional (RI/UFPI), no formato especificado\* para fins de leitura, impressão e/ou download pela Internet, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Teresina (PI), 29 de outubro de 2021.

*Arlete Soares Godinho*

Arlete Soares Godinho



---

*“Eu valorizo pescaria porque ela é minha profissão.  
No seco a gente pega é gado, vestido de couro e gibão  
lá no mar eu mato é Serra  
Se eu correr do mar pra terra  
Eu mato até tubarão.”*

*(Senhor Antônio da Laura, 1ª geração de pescadores da Vila-bairro Coqueiro da Praia)*

---



# AGRADECIMENTOS

---

Agradeço aos sustos, aos medos, aos desencantos e ao mar, ao sol, e ao vento pelo constante movimento. E ademais, à ciranda de compartilhamentos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia, especialmente às professoras doutoras Áurea da Paz Pinheiro, Rita de Cássia Moura de Carvalho pelo apoio acadêmico, pelas orientações na indicação de referências, pelas boas práticas associadas a este trabalho, pela leitura dos originais deste texto, pela produção e edição do filme, um dos produtos deste trabalho, e pela generosidade quase maternal em me acolher na sua casa e comunidade.

À minha orientadora e amiga Elenilce Soares Mourão, paciente e colaboradora no contexto deste mestrado.

Aos meus familiares e em especial Mariana Godinho Silva, minha amada filha e fiel companheira de todas as horas, os quais conviveram comigo por esta longa jornada; ao amigo querido Lucas Ramyro que me ajudou com as normas e técnicas e me suportou falando sobre a pesquisa ao longo desses dois anos e meio.

Aos meus amigos poetas Jorge Diego Marques Fontenele e Enéias Napoleão Araújo Brasil, que muito me incentivaram nas produções dos textos poéticos do livro de memórias (produto do mestrado). Aos colaboradores entrevistados e participantes da Pesquisa e aos colegas de jornada da 5ª turma do PPGAPM. Às amigas Teresa da Rocha Oliveira e Márcia Cristina Leal de Carvalho que me acolheram tão carinhosamente na comunidade Vila Coqueiro.

# RESUMO

---

Este trabalho apresenta percurso e resultados de estudos e intervenções exigidos como requisito para conclusão de Mestrado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Artes Patrimônio e Museologia na Universidade Federal do Piauí/Universidade Federal Delta do Parnaíba. De março de 2019 a março de 2021, deu-se o processo de interação desde o primeiro contato até total imersão no território Vila-Coqueiro, onde residimos de novembro de 2020 a março de 2021. Nestes últimos quatro meses, intensificamos os contatos, principalmente com cinco residentes da vila entre 60 e 80 anos, um experiente pescador, uma enfermeira e três artesãs, todas filhas de pescadores e três delas viúvas de pescadores. O objetivo era a realização de ações educativas e culturais integradas ao Plano Museológico do Museu da Vila, uma organização comunitária membro da Rede Ecomuseu Delta do Parnaíba. O Museu fica localizado na Rua José Quirino, 10126, CEP 64220000, Vila-bairro Coqueiro da Praia, Luís Correia, sendo este um dos dez municípios que integram a Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba. Nestes estudos e intervenções usamos a pesquisa social aplicada, qualitativa e participativa, e como instrumento de coleta, a História Oral e Arte/Educação nos diálogos com os partícipes, vivendo seu cotidiano, as nuances de suas existências no território para, a partir daí, interpretar a paisagem cultural, as memórias dessa geração e as representações de falas com o fim de traduzi-las em pinturas e escrita poética, que registramos em livro (impresso e virtual) com dez textos do gênero memórias poéticas, 14 aquarelas, um filme com duração de 4 minutos e cinquenta segundos e pinturas murais (três painéis e três colunas na fachada da casa onde residimos), permitindo o registro sensível/artístico e a salvaguarda de histórias e memórias desta comunidade.

Palavras-Chave: Museu da Vila; Arte/educação; Piauí; Museologia de inovação social.

# ABSTRACT

---

This work presents path and results of studies and interventions required as requirement to the conclusion of master's degree within the postgraduate program in heritage, arts and museology at the Federal University of Piauí/ Federal University of Delta do Parnaíba. From March of 2019 to March of 2021 happened the process of interaction since the first contact until the total immersion in the territory "Vila-Coqueiro", where we lived from november of 2020 to march of 2021. In this last four months we intensified the contacts, especially with five residents with ages between 60 and 80, an experient fisher, a nurse and three artisans, all daughters of fishers and three of them widows of fishers. The objective was to make educative and cultural actions integrated to the Museologic Plan of Museu da Vila, community organization, member of the Ecomuseum Network Delta do Parnaíba, located at José Quirino street, number 10126, zip code 64220000, village-district Coqueiro da Praia, Luís Correia, one of the ten cities that are part of the environmental protection area Delta do Parnaíba. In this studies and interventions we used the social search applied, qualitative and participatory, Oral History and Art/Education in the conversations with the participants, living their daily, the nuances of their existency in the territory, to interpret the cultural landscape, the memories of this generation and the representations of speachs to translate them in paints and poetic write, that we registred in book (virtual and printed) with tem text of the gender poetic memories and 14 watercolor arts, a movie that is 4 minutes and fifty seconds long and mural paintings (3 panels and 3 columns in the front of the house where we lived), allowing the sensitive/artistic Record and the safeguard of stories and memories of this community.

Keywords: Museu da Vila; Art/Education; Piauí; Social Innovation Museology.

# LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

---

APA | Área de Proteção Ambiental EMS - Ecomuseu Municipal do Seixal

EMBRAPA | Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICOFOM | Comitê Internacional de Museologia

ITD | Instituto Tartarugas do Delta MUV - Museu da Vila

PPGAPM | Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia

PRODETUR | Programa de Desenvolvimento do Turismo

SESC | Serviço Social do Comércio

SESC - PI | Serviço Social do Comércio do Piauí

UERJ | Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFPI | Universidade Federal do Piauí

UFDPAr | Universidade Federal do Delta do Parnaíba

ZCO | Zona de Consolidação da Ocupação

# LISTA DE FIGURAS

---

- Figura 1 | Irradiação | 26-27
- Figura 2 | Esse Coqueiro que dá cores | 29
- Figura 3 | Mural colaborativo com o jovem José Armando | 34-35
- Figura 4 | Mural colaborativo com o Sr. Antônio Marcos | 36-37
- Figura 5 | Participação de Dona Dajanira | 38-39
- Figura 6 | Oficina de música | 54
- Figura 7 | Oficina de desenho | 55
- Figura 8 | Preparação da exposição “Nós do Coqueiro” | 60
- Figura 9 | Palestra sobre arte e cultura | 63
- Figura 10 | Oficina de Contação de estórias | 64
- Figura 11 | Abertura da Exposição “Nós do Coqueiro” | 65
- Figura 12 | Paisagem da Vila | 72
- Figura 13 | Caí no poço | 73
- Figura 14 | Procissão por mar, por chão | 75
- Figura 15 | Processo de criação de DESPEDIDAS | 76
- Figura 16 | Tocata etérea | 77
- Figura 17 | Tocata no fundo do mar | 78
- Figura 18 | Os bebês nasciam em casa | 81
- Figura 19 | Maternidade na Rede | 82
- Figura 20 | Maria, Valei-me | 83
- Figura 21 | Processo de criação | 84
- Figura 22 | Quando o mar se abriu | 84
- Figura 23 | O Irrisivi existe | 86
- Figura 24 | Antigamente | 87
- Figura 25 | Ciranda de memórias | 88-89
- Figura 26 | O pescador de ideias | 94-95
- Figura 27 | Pintura mural feitas com/para a Comunidade Coqueiro | 106
- Figura 28 | Construção coletiva dos murais | 106
- Figura 29 | Processo criativo | 107
- Figura 30 | Colaboração e diálogo com dona Dajanira | 107
- Figura 31 | Mural finalizado | 108
- Figura 32 | Segundo mural finalizado | 108
- Figura 33 | Flores na coluna | 109
- Figura 34 | Pássaro e flores finalizados | 109
- Figura 35 | Pintura de um Beija-flor | 110
- Figura 36 | Passarinho e Beija-flor | 110

**1**  
**2**  
**3**  
**4**  
**5**  
**6**  
**7**  
**8**  
**9**  
**10**

**INTRODUÇÃO | 24**

1.1 Estudo do Contexto | 28

**PROBLEMA | 30**

**PARTICIPANTES | 32**

**OBJETIVOS | 40**

4.1 Geral | 41

4.2 Específicos | 41

**PARCEIROS | 42**

**JUSTIFICATIVA | 44**

**REVISÃO DE LITERATURA | 46**

. Ecomuseu Ilha Grande | 49

. Ecomuseu Municipal do Seixal - Núcleo da Mundet | 50

. Ecomuseu Delta do Parnaíba | 50

**MÉTODOS E TÉCNICAS | 66**

8.1 Local de Estudo | 91

8.2 Coleta, análise e interpretação de Dados (memórias escavadas) | 96

**MEMORIAL DESCRITIVO (PRODUTO E / OU SERVIÇO) | 102**

9.1 Primeiro produto | 103

9.2 Segundo produto | 105

9.3 Terceiro produto | 111

**CONSIDERAÇÕES FINAIS | 112**

**REFERÊNCIAS | 116**

**APÊNDICES | 122**

Apêndice A | 124

Apêndice B | 126

Apêndice C | 134

# SUMÁRIO

# 1. INTRODUÇÃO

Tratamos neste documento de apresentar os resultados de estudos e intervenções desta pesquisadora no Museu da Vila (MUV) como parte das ações educativas e culturais do Plano Museológico deste. O MUV é um museu de comunidade, membro da Rede Ecomuseu Delta do Parnaíba, sediado na antiga Unidade Escolar Deputado João Pinto, criado com e para as pessoas, localizado na rua José Quirino, 10126, CEP 64220000, Vila-bairro Coqueiro da Praia, Luís Correia, um dos dez municípios que integram a Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba. É igualmente sede do Programa de Pós-graduação, mestrado profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM) e da Associação de Moradores do Bairro Coqueiro (AMBC). Nesse sentido, procuramos responder como a Arte/Educação pode contribuir no processo de afirmação de uma museologia participativa e inclusiva no Museu da Vila e seu entorno e se é possível sentirmos tais narrativas a ponto de transbordarem em arte? Quem irá responder? E o que merece ser lembrado? E o que merece ser esquecido? Quem decide? E por quê?

Para a execução deste trabalho, usamos as teorias da Arte/Educação, uma vez que o objetivo é realizar ações educativas e culturais do Museu da Vila, o que permite registrar e salvaguardar as memórias e histórias da Vila, por meio de relatos de memórias de cinco residentes locais entre 60 e 80 anos: um experiente pescador e quatro senhoras, uma enfermeira e três artesãs filhas ou esposas de pescadores. Para atingir os objetivos, adotamos como metodologia a pesquisa qualitativa e participante, de natureza aplicada e exploratória, tendo a Pesquisa-Ação como procedimento aproximador dos participantes, viabilizados pela História Oral.

Os procedimentos, instrumentos e técnicas utilizados na pesquisa coadunam com a concepção de museologia que atravessa este trabalho: de uma museologia crítica, participativa, social, inclusiva, que trabalha com e para

as comunidades ribeirinhas e praieiras da Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba. Pela história de vida desta pesquisadora como Arte/Educadora, artista visual, escritora amadora e amante da literatura, procuramos estabelecer as relações entre memórias e histórias dessa Vila de pescadores artesanais, representando-as em pinturas e textos no gênero memórias literárias em prosa poética.

Para os aportes teóricos, dialogamos com autores da Museologia, da Arte, Arte/Educação, da Educação para o Patrimônio, da História e Memória e da Metodologia da Pesquisa, respectivamente: (VARINE, 2012), (BOURRIAUD, 2009), (BARBOSA, 2002), (HALBWACHS, 2013), (THIOLENT, 2011) e (BRANDÃO & STRACK, 2006), entre outros.

A Museologia ativa está preocupada principalmente com o desenvolvimento comunitário. Entendendo que a comunidade precisa conhecer sua história e memórias para reconhecer-se pertencente a esse corpo social e orgulhar-se, portanto, de ser parte do patrimônio imaterial do lugar onde vive, o que justifica um registro textual e imagético das memórias e história, cultura e natureza circundante da comunidade. Uma vez que observamos nesta comunidade uma crescente descaracterização desde as formas arquitetônicas às atividades que visam retorno financeiro para o sustento das famílias, bem como o risco de extinção de espécies como a tartaruga marinha, o peixe-boi e o cavalo-marinho os quais afetam sobremaneira o meio ambiente que ainda sofre as consequências do consumismo e tratamento inadequado dado aos resíduos sólidos agressores do meio ambiente.

A exemplo do que consta no livro *Sublime Desvelar da mente* (produto desta pesquisa), na figura 1 (GODINHO, 2019a) apresentamos um dos primeiros registros sensíveis feitos pela pesquisadora ao adentrar no território. Ao estar na comunidade e ouvirmos os relatos dos mais velhos, os representamos em um livro de memórias com ilustrações com o objetivo de sensibilizar crianças e jovens sobre a importância das pessoas e do viver em comunidade, de existências que contribuem para que se fortaleça o sentimento de pertencimento, de convivência harmônica com a natureza e com o meio ambiente. O território. A exemplo do que consta no citado livro: *Sublime Desvelar da mente* (produto desta pesquisa), na figura 1 (GODINHO, 2019) apresentamos um dos primeiros registros sensíveis feitos pela pesquisadora ao adentrar no território





Arlete Godinho  
2019

Figura 01 - Irradiação. Pintura em aquarela 29 x 42 cm, 2019, autora Arlete Godinho. | Fonte: Arquivo pessoal (2019).

## 1.1 | Estudo do Contexto

A Vila Coqueiro está localizada no município de Luís Correia, Piauí, no Meio Norte do Brasil e faz parte da área de proteção ambiental Delta do Parnaíba. Encontra-se a aproximadamente 360 km de Teresina, capital do Piauí.

Uma comunidade que apresenta alguns contrastes: uma beleza extrema, com uma paisagem natural exuberante, mas com sérios problemas ambientais, como a ameaça de extinção da tartaruga marinha, o mal destino dado aos resíduos sólidos e o descuido com o lixo e, ainda, graves condições sociais como prostituição e consumo de drogas ilícitas, o que expõe a comunidade a situações de vulnerabilidade.

Grande parte das significativas intervenções já vêm sendo feitas pelo PPGAPM, como o Atelier Escola que funciona no Museu da Vila e oportuniza aprendizado e possivelmente geração de renda com atividades relacionadas à costura, artesanato, moda e design; outra intervenção nesse mesmo sentido, o projeto “Os guardiões do Patrimônio”, grupo de adolescentes e crianças orientados pelo professor Francisco Moraes para cuidar do Patrimônio deste lugar; A escolinha da Biodiversidade, e tantos outros. Porém há, ainda, muito a ser feito, a considerar a condição de Museu de Território em que se encontram e a construção gradativa dessa consciência.

Para dar continuidade a essas ações, o PPGAPM mantém projetos e intervenções com profissionais/mestrandos que se direcionam pelas suas áreas de conhecimento, afinidades, viabilidade e relevância nas pesquisas, sempre pensados para o benefício das pessoas, enquanto crescimento pessoal, qualidade de vida em comunidade, além do despertar para os problemas do lugar, da consciência das limitações que impedem o desenvolvimento local. Apresentamos na Figura 02 (GODINHO, 2019b) uma das imagens pintadas em aquarela, que mostra a nossa percepção de aspectos dos fazeres e saberes da região. Neste caso a produção de renda de bilro.



Figura 02 - Esse Coqueiro que dá cores. Pintura em aquarela 29 x 42 cm, 2019, autora Arlete Godinho. | Fonte: Arquivo pessoal (2019).

## **2. PROBLEMA**

Todos os projetos atrelados ao PPGAPM fazem parte de um projeto matriz e, portanto, estão interligados. Intervenções na comunidade Vila Coqueiro já vêm sendo feitas pelo PPGAPM com o objetivo de transformação e desenvolvimento social desta comunidade, como o Atelier Escola que funciona no Museu da Vila e oportuniza aprendizado e possivelmente geração de renda com atividades relacionadas à costura, artesanato, moda e design; outra intervenção nesse mesmo sentido, o projeto “Os guardiões do Patrimônio”, grupo de adolescentes e crianças que foram orientados pelo professor Francisco Moraes para cuidarem do Patrimônio deste lugar; e tantos outros.

Começamos, então, a estudar sobre pesquisas e ações com esse mesmo objetivo e bebemos em fontes como os documentários da série Povos do Delta (primeiro episódio: “Pescadores”, segundo episódio: “A fé que abraça a barca”, produzidos pelas Doutoras Áurea Paz Pinheiro e Rita de Cássia Moura Carvalho e roteiro da pesquisadora e mestra Alexandra Moraes; o livro Histórias da Vila de Francisco dos Santos Moraes; O trabalho da mestra Gabriela Freitas de Paiva Tesouro do acervo de artes de pesca artesanal do Museu da Vila também traz importante estudo sobre o território.

Para dar continuidade aos estudos e intervenções, sentimos necessidade de uma maior e efetiva aproximação do território e recentemente fomos comunidade, moramos no bairro Coqueiro no município de Luís Correia, onde constatamos as melhorias já alcançadas e também percebemos e identificamos outros clamores por observação e diálogos estabelecidos. Mas as histórias que nos sensibilizaram são de um tempo em que eu sequer existia, é possível tais narrativas nos atravessarem a ponto de conseguirmos transpô-las em linguagens artísticas? Quem nos traria as respostas? E o que merece ser lembrado e preservado em forma de arte? E o que merece ser esquecido e portanto não preservado? Quem deve escolher o que preservar? E por quê? E, finalmente, como a Arte/educação pode contribuir nos processos de afirmação de uma museologia participativa e inclusiva no Museu da Vila e seu entorno? Servindo este último questionamento como norteador desta pesquisa.

## **3. PARTICIPANTES**

Cinco residentes da Vila Bairro Coqueiro da Praia foram nossos entrevistados e protagonistas das histórias narradas nos textos poéticos. Homens e mulheres, com idade entre 60 a 80 anos: o pescador Antônio Vieira Galeno, 59 (Antônio da Laura), a enfermeira Maria Mirtes Rodrigues, 68 (filha de pescador e dono de curral de pesca), as artesãs Maria Gorete Rodrigues Amaral, 67 e Maria do Livramento Rodrigues, 63 (irmãs de Mirtes) e a também artesã, esposa e filha de pescador, Dajanira Cardoso da Silva, 80, todas de famílias de pescadores artesanais. Além desses, colaboraram também com estes estudos e intervenções o senhor Antônio Marcos Cardoso Silva, 50 anos (filho da entrevistada Dajanira) que colaborou com pintura mural; Teresa da Rocha Oliveira(44) que além de mediadora entre nós e os entrevistados foi nossa guia em muitas caminhadas pelo território e ajudou nas pinturas murais; José Armando Oliveira Pereira, 10 anos, filho de Teresa, participou das pinturas; Mariana Godinho Silva, 19, minha filha, morou comigo na casa cuja fachada recebeu as pinturas, participou das entrevistas, transcreveu-as e colaborou com as pinturas murais; professora Elenilce Mourão participou de algumas entrevistas, e de algumas caminhadas pela comunidade, além de orientar a pesquisa; professoras Áurea da Paz Pinheiro e Rita de Cássia de Moura Carvalho moradoras desta comunidade, orientaram a pesquisa, sugeriram bibliografias e colaboraram ainda com a produção e direção de um vídeo/produto desta pesquisa.

Com esses participantes com os quais dialogamos, desenvolvemos ações envolvendo Arte/Educação e Museologia Social na qual registramos suas memórias e história traduzidas em linguagens artísticas, pinturas e textos em prosa poética.



Figura 03 - Mural colaborativo com o jovem José Armando. | Fonte: Arquivo pessoal (2020).





Figura 04 - Mural colaborativo com o Sr. Antônio Marcos. | Fonte: Arquivo pessoal (2020).





Figura 05 - Participação de Dona Dajanira. | Fonte: Arquivo pessoal (2020).



## 4. OBJETIVOS

## 4.1 Geral

Realizar ações educativas e culturais integradas ao plano museológico do Museu da Vila, o que permite registrar e salvaguardar as memórias e histórias da Vila- bairro Coqueiro da Praia.

## 4.2 Específicos

- Pesquisar sobre a História e cultura da comunidade Vila Bairro Coqueiro, possibilitando a sensibilização para os patrimônios por parte, das crianças e jovens, despertando o sentimento de pertencimento e orgulho do lugar onde vivem;
- Contribuir para que o Patrimônio cultural imaterial e natural da Vila Coqueiro seja acessível para as gerações presentes e futuras;
- Produzir três painéis de arte mural mais três pinturas uma em cada coluna da fachada da casa onde residimos durante a pesquisa na rua Manoel Mariscal, 10687, Coqueiro, Luís Correia; um livro virtual e impresso, com 14 aquarelas e 10 textos em prosa poética e; um vídeo com duração de 4 minutos e cinquenta minutos, todos representativos das memórias e das histórias da comunidade a partir do olhar, da narrativa dos moradores mais velhos.

## 5. PARCEIROS

- Associação dos Moradores da Vila Coqueiro;
- Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia;
- Universidade Federal do Piauí;
- Universidade Federal do Delta do Parnaíba;
- Participantes da pesquisa.

## 6. JUSTIFICATIVA

Partindo dos trabalhos já realizados dentro do programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia que buscam o desenvolvimento das comunidades habitantes da APA Delta do Parnaíba e trazendo vivências como artista visual e educadora, percebemos que, apesar das muitas ações já feitas, ainda há crianças e jovens da Vila Coqueiro as quais não se reconhecem pertencentes à vila de pescadores, pois esta se encontra em processo de descaracterização, devido à crescente globalização, fluxo de turistas, novos proprietários de casas de veraneio e comerciantes ligados ao turismo comercial e de massa, descomprometidos com a sustentabilidade ambiental, que oferecem novos empregos aos pescadores, às rendeiras, bordadeiras, artesãos, fabricantes das artes da pesca entre outros.

Dessa forma, esses indicadores vêm resultando numa mudança no modo de vida dessa comunidade. Mudar não constituiria problema se trouxesse desenvolvimento sustentável, porém não é o que se observa. Há sim, uma perda de identidade cultural e de referências históricas, além de sérias agressões ao meio ambiente. E segundo a “Nova Museologia”, a “Museologia Social”, o que esta comunidade está perdendo são justamente os pré-requisitos para o seu real desenvolvimento, um desenvolvimento social, sustentável, comprometido com o bem-estar desta comunidade e não com o enriquecimento de pessoas exógenas a ela, fatos previstos em conferências oficiais:

A nova museologia, a ecomuseologia, a museologia comunitária e todas as outras formas de museologia ativa interessam-se em primeiro lugar pelo desenvolvimento das populações, refletindo os princípios motores

de sua evolução, ao mesmo tempo em que as associa aos projetos de futuro (DECLARAÇÃO DE QUEBEC, 1999, p. 223).

Nesse mesmo sentido, o da valorização do ser humano interagindo de forma benéfica com o meio em que vive, (PINHEIRO, 2015) em experiências vividas no território em questão, ressalta que:

Defendemos, portanto, o museu natural, integral, uma referência à ecologia, bem como ao componente humano, social- e pensar essa categoria de museu é tomar como significativas às relações simbióticas entre os elementos humano e natural, é conceber o espaço do museu como aquele em que os objetos, as pessoas, o ambiente humano e natural se mantêm em harmonia e funcionalidade que lhes são próprios (PINHEIRO, 2015, p. 62).

Dessa maneira, entendemos que se faz necessária uma sensibilização dos jovens e crianças da comunidade Vila Coqueiro, no sentido de fazê-los compreender o valor e a importância de sua história e cultura, bem como do meio ambiente. Para tanto, eles precisam conhecê-las para que se orgulhem de serem pertencentes a elas, o que deverá resultar numa vontade e necessidade de preservar sua cultura, sua história e a natureza circundante, enfim, o patrimônio cultural imaterial e natural desta comunidade.

Portanto, ouvimos relatos e narrativas de pessoas idosas pertencentes a esta comunidade e transformamos suas memórias em um livro com ilustração para um público infante-juvenil. Ou seja, um registro do Patrimônio imaterial e natural da comunidade Vila Bairro Coqueiro por meio de textos e imagens, de maneira poética e ainda, com a participação da comunidade, produzimos pinturas murais com temas relacionados ao patrimônio cultural da Vila Coqueiro. E posteriormente oportunizaremos a todas as gerações, crianças, jovens, adultos e idosos a apreciação e compartilhamento dessas histórias e memórias.

## 7. REVISÃO DE LITERATURA

Estudos interdisciplinares e multidisciplinares são próprios da Museologia Social, área na qual atuamos nesta pesquisa. Para tanto, antes de qualquer ação prática, fizemos uma pesquisa bibliográfica sobre museu, ecomuseu, Memória, gênero textual “Memórias literárias”, Museologia, Museologia Social, Arte/Educação, Estética relacional, bem como, pesquisamos sobre experiências exitosas que inspiram e nos garantem a viabilidade da pesquisa e intervenção no território. Esclarecido sobre o caráter multidisciplinar desta pesquisa, fica clara a necessidade de definir alguns termos, dando início aos estudos teóricos basilares antes de iniciar a pesquisa de campo.

Iniciamos, pois, conceituando termos chave para esse estudo como, patrimônio cultural, Memória, Museu e Museologia.

Quando falamos em patrimônio de maneira isolada, isso pode nos levar a pensar em conjunto de bens materiais de uma família, ou dependendo do contexto, pode-se ligar o termo às edificações arquitetônicas, ou seja, o significado da palavra vai depender do contexto em que se insere. Aqui trataremos do Patrimônio cultural entendendo o termo no seu mais amplo significado, de forma que consideramos como patrimônio cultural desde a arquitetura, música, lendas, histórias, gastronomia, arte e artesanato, e tudo mais que seja rico de significados para a comunidade Vila Coqueiro. Dialogamos com o conceito de patrimônio de Pelegrini:

Nas últimas décadas do século XX, (...) a acepção de patrimônio se dilatou, não se limitando à definição de sítios arqueológicos, obras de arte, monumentos, conjuntos arquitetônicos ou antigos objetos referentes

às representações do poder político. Essa noção estendeu-se aos diversos modos de viver, formas de linguagem, celebrações, festas, gastronomia, enfim, maneiras de usar os bens, os espaços físicos e a paisagem. A emergência dos bens simbólicos à condição de patrimônio estimulou a sociedade – em especial as minorias e os grupos étnicos- a reivindicar o plural reconhecimento de seus referenciais culturais e identitário (PELEGRINI, 2006, p. 122).

Considerando esse mesmo conceito ampliado de patrimônio, entendemos que o patrimônio intangível não carece de tombamento, não teria como fazê-lo, porém, urge, em muitos casos, a necessidade de um registro dos mesmos e de um acompanhamento de suas transformações, como bem racionaliza Gonçalves:

É possível preservar uma graça recebida? É possível tomar os sete dons do Espírito Santo? Certamente não. Mas é possível sim, preservar por meio de registros e acompanhamento, lugares, objetos, festas, conhecimentos culinários etc. (GONÇALVES, 2003, p. 30).

Assim, (GONÇALVES, 2003) fala do mesmo caráter intangível do patrimônio que tratamos nesta intervenção que relatamos: um registro sensível, artístico das memórias desta comunidade, as quais fazem parte do patrimônio imaterial da comunidade Vila Coqueiro. Por isso o convidamos para esta conversa.

Nesta pesquisa, usaremos também o termo museu, que muito comumente, ainda está associado a uma edificação, um prédio onde se guardam antiguidades, coisas do passado histórico da humanidade. Porém este conceito está muito fechado e ultrapassado. Usaremos aqui o conceito moderno, atual e amplo que a palavra museu pode ter. Vamos aqui considerar como museu todo o território do qual faz parte nosso objeto de estudo, a Vila Coqueiro, a qual integra a área de proteção ambiental do Delta do Parnaíba (APA). Falaremos então de Museu integral, de ecomuseu, que historicamente são considerados conceitos novos. Usados, portanto, pela nova Museologia, pela Museologia social, que são conceitos que interessam para nossa pesquisa e prática sobre a comunidade da Vila Coqueiro.

A partir do século XX, os museus entraram em uma crise conceitual. A instituição museu passou a ser alvo de críticas por ser considerada aristocrática, acrítica, autoritária e conservadora. Desde então, busca-se um aprofundamento científico da definição e das potencialidades de atuação ativa, interdisciplinar e educativa dos museus. Vejamos algumas importantes definições de Museu:

O termo museu tanto pode designar a instituição quanto o estabelecimento, ou o lugar geralmente concebido para realizar a seleção, o estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais do homem e de seu meio (DESVALLÈS E MAIRESSE, 2013. p. 64).

De acordo com *International Council of Museums* (ICOM, 2001), Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do seu entorno para educação e deleite da sociedade.

Para o Estatuto Brasileiro de Museus, criado pela Lei nº11.904/2009, em seu artigo primeiro, consideram-se museus, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. Analisando as definições, percebemos que uma completa e/ou reforça a outra.

O conceito de museu que nos interessa nestes estudos e intervenções é o de ecomuseu, um conceito de museu em que membros da comunidade na qual está inserido são protagonistas em todas as etapas do processo, desde a concepção, execução, manutenção, podendo ser assessorado por um museólogo. A primeira vez que esse conceito foi colocado em prática deu-se em 1971 na França.

O termo foi usado publicamente pela primeira vez na IX Conferência Geral do ICOM, Conselho Internacional de Museus, pronunciado por Robert Poujade, presidente da Câmara Municipal de Dijon, cidade francesa que sediava o evento. Mas sobre a autoria da palavra, há controvérsias: para uns é de Hugges de Varine, para outros, deve-se a Georges Henri Riviere.

Para (RIVIÉRE, 1989), o conceito de ecomuseu é evolutivo, dinâmico e acompanha a evolução da sociedade. Segundo Varine o novo museu é diferente do museu tradicional

em três aspectos. Uma vertente é o realce dado ao território, ou seja, ao meio ambiente ou lugar, em vez de realçar o prédio institucional. Outro ponto está na ênfase dada ao patrimônio em vez de ser dada à coleção e por último a importância dada à comunidade em oposição ao enfoque dado aos visitantes nos museus tradicionais.

Fato é que a nova modalidade de museu se tornou difundida e mostrou-se efetiva na realização de seus objetivos como se vê em alguns exemplos exitosos.

## • **Ecomuseu Ilha Grande**

[Angra dos Reis, Rio de Janeiro, Brasil]

A Vila Dois Rios integrou o sistema penitenciário brasileiro que ali se estabeleceu primeiramente em 1894. Sucessivas carceragens ocorreram no local até que em 1993, o Instituto Penal Cândido Mendes foi desativado. Em abril de 1994, o presídio foi parcialmente implodido.

Com a desativação das instalações carcerárias, a Ilha Grande tornou-se importante polo turístico e rapidamente a atividade turística tornou-se a base da economia local, atraindo cerca de 120 mil visitantes por ano.

O acelerado e desordenado fluxo de turistas vem provocando ameaças à preservação da natureza, história e cultura da região. Nesse contexto, em 1994, o Governo do Rio de Janeiro concedeu à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) as áreas anteriormente ocupadas pela Colônia Penal e Instituto Penal Cândido Mendes na Vila Dois Rios.

No local, estão sendo desenvolvidos projetos promovendo a preservação e dinamização dos vários aspectos que envolvem a memória e o ecossistema da Ilha Grande, por intermédio das quatro unidades básicas que constituem o Ecomuseu: Museu do Cárcere, Museu do Meio Ambiente, Parque Botânico e Centro Multimídia.

O Ecomuseu Ilha Grande visa ao desenvolvimento de atividades voltadas à preservação, à investigação e à comunicação de questões relacionadas ao meio ambiente, à história e à vida sociocultural da Ilha através de diversos projetos e ações.

## • **Ecomuseu Municipal do Seixal - Núcleo da Mundet**

[Praça 1º de maio, Seixal, Portugal]

O Ecomuseu Municipal do Seixal (EMS) tem por missão investigar, conservar, documentar, interpretar, valorizar e difundir testemunhos do homem e do meio, reportados ao território e à população do Concelho, com vista a contribuir para um desenvolvimento local sustentável.

A câmara municipal de Seixal criou e abriu ao público o Museu Municipal de Seixal, em 1982, em instalações localizadas na Torre da Marinha (Arrentela). Em 1983, é denominado por Ecomuseu, assumindo como linhas estruturantes da sua programação a atividade referente ao território Concelho, a conservação dinâmica do património e a interação com formas de participação da população e das comunidades na vida municipal.

Funcionalmente, baseia-se na gestão integrada de serviços, dividida em uma equipe de 30 pessoas, abrangendo a investigação, a documentação, a conservação, a exposição, a difusão e a educação centrada num vasto acervo museológico e num património muito diversificado.

Territorialmente, o EMS integra oito sítios (cinco núcleos museológicos e três extensões). Os núcleos são sítios ou espaços de propriedade e tutela municipais, musealizados ou com aproveitamento museológico atual ou programado. As extensões são sítios ou patrimónios integrados em espaços de tutelas mistas, com parcial aproveitamento museológico.

## • **Ecomuseu Delta do Parnaíba**

O Ecomuseu Delta do Parnaíba existe desde 2015 e está atrelado ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Artes, Património e Museologia (PPGAPM) da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

O território eleito para estudos e intervenções é a Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba (APA). São 307.590, 51 hectares, preservados por decreto lei federal s/n de 28 de agosto de 1996.

Da APA fazem parte os municípios de Barroquinha e Chaval, no Estado do Ceará; Araiões, Água Doce, Tutóia e Paulino Neves, no Estado do Maranhão; Cajueiro da Praia, Luís Correia, Parnaíba e Ilha Grande, no Estado do Piauí.

A Rede de Museus Delta do Parnaíba é formada por dois museus: Museu da Vila, localizado em Vila/bairro Coqueiro da Praia, no município de Luís Correia, Piauí, Brasil, sob a gestão do PPGAPM da UFPI e da Associação de Moradores do bairro Coqueiro (AMBC); e Museu Tartarugas do Delta, sob a gestão do Instituto Tartarugas do Delta (ITD) e Serviço Social do Comércio (SESC), com o apoio do PPGAPM da UFPI. Vejamos o que dizem Pinheiro e Carvalho sobre o conceito de rede e de ecomuseu para percebermos que a Rede de Museus aqui mencionada se encaixa nesses conceitos:

*Pela natureza do território, Área de proteção Ambiental, optamos pelo conceito de REDE e de ECOMUSEU, uma natureza de Museu polinuclear, tipologia que nos serve de base para integrar empresas públicas, privadas e sociais a serviço do desenvolvimento educacional, sociocultural e ambiental da região, em uma perspectiva mais ampla no campo da museologia e inovação social, uma museologia que considera o território, as pessoas e o patrimônio cultural (PINHEIRO; CARVALHO, 2018. p. 205).*

De acordo com as autoras, a missão e vocação da Rede é desenvolver projetos e ações de pesquisa, documentação e comunicação com foco na paisagem cultural do território, para seu conhecimento, reconhecimento e valorização, de forma a promover a construção coletiva de histórias e memórias de comunidades ribeirinhas, praieiras e deltaicas, com estímulo às reflexões sobre a importância dos patrimônios cultural e natural, de ações a serviço da sustentabilidade social, ambiental e econômica, com o envolvimento direto da população residente nas ações museais.

Traçamos até aqui conceitos, definições, percurso histórico sobre museu, exemplos exitosos de ecomuseus com interesse em elucidar acerca do tema. É evidente a importância desses novos conceitos de museus, bem como indiscutível que, para determinados territórios e comunidades, é perfeitamente aplicável e viável.

Contudo, é bom ficar bem entendido que em nenhum momento defendemos o fim de outros conceitos de museus (museus de arte, museus históricos, ou outros), nem pregamos o fim de acervos.

O que almejamos e lutamos para conquistar é, sim, uma ampliação dos conceitos de patrimônio, de acervo e de museus e uma mudança de postura daqueles que ainda teimam em desconsiderar a dinâmica desses conceitos e práticas relativos a museus e museologias.

Etimologicamente, a museologia é “o estudo do museu” e não a sua prática que remete à museografia, de acordo com Desvallées e Mairesse, (2013). A perspectiva científica que influenciou amplamente o Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM) nos anos de 1980 e de 1990 apresenta a museologia como o estudo de uma relação específica entre o homem e a realidade, estudo no qual o museu, fenômeno determinado no tempo, constitui uma das materializações possíveis, como reforçam os autores ao esclarecer sobre o campo de atuação da Museologia:

A museologia inclui um campo muito vasto que compreende o conjunto de tentativas de teorização ou de reflexão crítica ligadas ao campo museal. O denominador comum desse campo poderia, em outros termos, ser designado por uma relação específica entre o homem e a realidade, caracterizada como a documentação do real pela apreensão sensível direta. Tal definição não rejeita, a priori, qualquer forma de museu, desde as mais antigas (*Quiccheberg*) até as mais recentes (museus virtuais), uma vez que ela tende a se interessar por um domínio voluntariamente aberto a qualquer experiência sobre o campo museal (DEVALÉES; MAIRESSE, 2013, p. 61).

Para a maioria dos autores, a museologia tem a natureza de uma ciência social, proveniente das disciplinas científicas documentais e mnemônicas, e ela contribui à compreensão do homem no seio da sociedade. No entanto, essa abordagem particular, marcada pela vontade de impor a museologia como ciência e de cobrir todo o campo de patrimônio, aparece a muitos como pretensiosa e não menos fecunda que os questionamentos que ela pressupõe.

O papel dos museus ditos tradicionais começa a sofrer fortes críticas. Tudo começou na França dos anos 1970. Influenciadas pelo processo político e cultural, as críticas sociais questionavam a relação desses museus com os públicos, como explica (ODALICE, 2010):

[...] Uma revolução acontecia no mundo dos museus em 1972 com a introdução da noção de ‘patrimônio integral’ no repertório conceitual dos profissionais de museu [...]. Precisávamos de uma museologia diferenciada para atender às especificidades da América Latina e para isso foi preciso flexibilizar modelos

européus, deixar de lado a neutralidade e assumir sem complexos a vocação política dos museus (ODALICE, 2010. p. 36).

É essa vocação política da qual fala Odalice e interessa à Nova Museologia, os museus que surgem em oposição aos modelos clássicos cuja ênfase se davam às coleções. A Nova Museologia trata dos ecomuseus, dos museus de sociedade, dos centros de cultura científica e técnica e, de maneira geral, da maior parte das novas proposições que visam a utilização do patrimônio em benefício do desenvolvimento local.

Para nossa pesquisa, interessa-nos, portanto, conhecer o patrimônio cultural, principalmente o patrimônio imaterial, ou seja o intangível, vivo, fluido, concernente não somente à Vila Coqueiro como a toda a área de proteção ambiental do Delta do Parnaíba (APA) e contribuir para um desenvolvimento sustentável dessa comunidade, praticando uma verdadeira Museologia Social, que está comprometida com a transformação e libertação da comunidade, preocupada com a qualidade de vida das pessoas e em superar problemas sociais, levando em consideração a história e memória da comunidade em questão. Quando falamos em memória, aqui poderemos estar falando de memória individual, memória coletiva, memória Social ou memórias literárias. Para Gondar (2005):

*A memória Social, como objeto de pesquisa passível de ser conceituado, não pertence a nenhuma disciplina tradicionalmente existente, e nenhuma delas goza do privilégio de produzir o seu conceito. Esse conceito se encontra em construção a partir dos novos problemas que resultam do atravessamento de disciplinas diversas. (GONDAR, 2015, p. 15)*

Ou seja, o conceito de memória social é transdisciplinar e dinâmico. Esse conceito também passa por uma escolha ética e política sobre o que decidimos lembrar ou deixar cair no esquecimento. Jamais será neutra essa escolha. O autor afirma que “Em um campo múltiplo e móvel como o da memória social, toda perspectiva envolve a escolha de um passado e a aposta em um futuro. Cabe-nos responder por essa escolha e pelas consequências que ela implica” (GONDAR, 2005, p. 16). Mas que patrimônio é esse?

*O patrimônio de que eu quero falar neste livro é antes de tudo de natureza comunitária, isto é, emana de um grupo humano diverso e complexo vivendo em um território e compartilhando uma história, um presente, um futuro, modos de vida, crises, esperanças. (VARINE, 2013. p. 44.)*



Figura 06 - Oficina de música. | Fonte: Acervo Museu da Vila / PPGAPM (2019).



Figura 07 - Oficina de desenho. | Fonte: Acervo Museu da Vila / PPGAPM (2019).

Esse patrimônio a que Varine (2013) se refere é o patrimônio imaterial do qual faz parte a memória das pessoas que formam esta comunidade, o que perpassa conceitos como memória individual, memória coletiva, memória social, entre outros. Hoje somos comunidade, moramos no bairro Coqueiro no município de Luís Correia. Para Vera Dodebei (2005, p. 47), o patrimônio deve ser compreendido como um conjunto de informações que caracterizam as ordens de significado dentro de um grupo, povo ou nação. E complementa:

“A memória social, todavia, pode ser construída na dimensão da oralidade e também nas dimensões da escrita e da imagética, já que toma, na atualidade, o modelo de sociedade complexa, diversificada e heterogênea (sociedade urbana, plural) que contempla as relações entre memória e projeto e sua importância para a constituição de identidade” (DODEBEI, 2005, p. 49).

Neste sentido, Halbwachs (2013, p. 31), infere que “Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível”. Para o mesmo autor, em relação à forma de coletar as informações:

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também nos dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2013, p.39).

Somente em tais condições uma lembrança poderá ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. Só se pode falar em memória coletiva a partir do momento em que rememoramos um acontecimento ocorrido na vida de nosso grupo. Sobre memória individual, diz Maurice Halbwachs (2013):

Ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transportar a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente (HALBWACHS, 2013, p.72).

Nesta pesquisa, tratamos de histórias de vida, memórias individuais por meio da história oral, que imbricadas implicam em memórias coletivas. A partir do atravessamento dessas histórias, transpomos para linguagens artísticas (pinturas e textos poéticos).

Para os textos poéticos, escolhemos o gênero Memórias literárias em prosa poética. A prosa poética caracteriza-se principalmente pela dinâmica extensiva do texto, em geral com imagens invocadas. Recorre a figuras típicas da poesia, como a aliteração; a metáfora, a elipse e a sonoridade das frases. Prosa é o texto no estilo natural, em parágrafos, sem sujeição à rima, estrutura métrica, ou número de sílabas. No gênero textual memórias literárias, os textos são produzidos para rememorar o passado, vivido ou imaginado. Para isso, devem-se escolher cuidadosamente as palavras, orientados por critérios estéticos que atribuem ao texto ritmo e conduzem o leitor por cenários e situações reais ou imaginárias. Essas narrativas têm como ponto de partida experiências vividas pelo autor ou por outrem no passado, contadas como são lembradas no presente. Em alguns casos, a memória é despertada por uma imagem, um cheiro, um som. Neste trabalho em particular, as narrativas serão de memórias emprestadas. Como prevê Marcuschi (2012),

*As memórias literárias têm como propósito sociocomunicativo mais evidente recuperar, numa narrativa escrita de uma perspectiva contemporânea, vivências de tempos mais remotos (relacionados a lugares, objetos, pessoas, fatos, sentimentos, valores etc.) experienciadas pelo autor( ou que lhe tenham sido contadas por outrem, mas que lhe digam respeito), numa linguagem que se configure como um ato discursivo próprio e recrie o real, sem um compromisso com a veracidade ou com a magnitude das ocorrências . De fato, o distanciamento temporal e as mudanças de valores, experiências e desejos a ele associadas inevitavelmente levam o memorialista a reconfigurar as passagens que as lembranças trazem à tona. Recordar é assim, adicionar ao passado detalhes e cores que (provavelmente) não estavam lá, mas que foram sendo elaboradas e reconfiguradas ao longo dos tempos (MARCUSCHI, 2012, p. 56-57).*

Esse tipo de narrativa aproxima os ausentes, traz compreensão do passado, faz conhecer outros modos de viver, outros comportamentos, possibilita o entrelaçamento de novas vidas com as heranças deixadas pelas gerações anteriores. Ela harmoniza com a perspectiva de práticas na nova museologia.

A pesquisa e intervenção aqui relatada relaciona Museologia Social e Arte/ Educação dentro da proposta conhecida por Estética Relacional, ideia desenvolvida por Nicolas

Bourriaud em 1998 em seu livro *Esthétique relationnelle* (Estética Relacional). O termo foi usado pela primeira vez em 1996, no catálogo da exposição *Trafic* com curadoria de Bourriaud no CAP *musée d'art contemporain de Bordeaux*. Bourriaud definiu a abordagem como um conjunto de práticas artísticas que tomam como ponto de partida teórico e prático o conjunto das relações humanas e seu contexto social ao invés de um espaço independente e privado. O artista não é o centro das ações.

Corroborando com isso, a nossa intenção com os painéis murais foi de provocar diálogos e aproximação entre gerações, bem como entre artistas, comunidade e visitantes (turistas), pois a casa que recebeu as pinturas murais além de estar situada na rota de passagem para a praia era um núcleo da exposição NÓS DO COQUEIRO (desde dezembro de 2019), que acontecia até o momento da produção das pinturas murais e agora passa a fazer parte da atual exposição MEMÓRIAS no Museu da Vila (principal núcleo das exposições citadas). Com isso, criamos o interstício, como esclarece Bourriaud:

O termo interstício foi usado por Karl Marx para designar comunidades de troca que escapavam ao quadro da economia capitalista, pois não obedeciam à lei do lucro: escambo, vendas com prejuízo, produções autárquicas etc. O interstício é um espaço de relações humanas que, mesmo inserido de maneira mais ou menos aberta e harmoniosa no sistema global, sugere outras possibilidades de troca além das vigentes nesse sistema (BOURRIAUD, 2009, p. 23).

Esse interstício criado pela arte urbana (pintura mural) e pelo livro de memórias poéticas com ilustração, colabora para sanar um problema relatado em forma de queixa e lamento pelos moradores mais velhos da Vila Coqueiro em diálogos (entrevistas): a falta de interação entre eles e os moradores mais jovens.

Foi Herbert Read (1982), poeta e crítico de arte britânico, que cunhou a expressão Educação pela Arte. Segundo ele, a educação deveria passar pelos sentidos, membros, músculos dos educandos e não se resumir a ideias abstratas, associando-a com a função imaginativa, muito presente entre as crianças e os artistas. As ideias de Read relacionam-se com as de John Dewey, para quem a Arte distante da vida comum torna-se desinteressante. No Brasil, Ana Mae Barbosa renovou, na década de 1980, o ensino da Arte com sua proposta triangular, segundo a qual deve-se levar em conta as seguintes dimensões: apreciação, produção e contextualização.

Nossas ações/intervenções ligadas ao educativo do Museu da Vila, aqui relatadas como resultado de pesquisa participativa são com base na comunidade, assim como todas

as intervenções anteriores dentro desse programa de Pós- Graduação. Têm influência Freirianas, no sentido de ter caráter político, libertador e transformador de realidades. Paulo Freire defende que a alfabetização e leitura de textos tem esse poder e nós ampliamos esse poder para a leitura de imagens artísticas, uma leitura crítica e contextualizada historicamente. Fundamentamos nossas práticas em estudos e experiências recentes como explica a arte/educadora (BARBOSA, 2002):

Grande ênfase vem sendo dada aos projetos de arte-Educação que demonstram o mesmo valor apreciativo pela produção erudita e pela produção do povo e que estabelecem um relacionamento entre a cultura da escola e a cultura da comunidade, por mais pobre que seja a comunidade. Arte-Educação baseada na comunidade é uma tendência contemporânea que tem apresentado resultados muito positivos em projetos de educação para reconstrução social, quando não isolam a cultura local, mas discutem em relação com outras culturas (BARBOSA, 2002, p. 20).

Tal afirmação converge com as ideias de (BASTOS, 2005) sobre Arte/educação baseada na comunidade, um método que surgiu nos Estados Unidos durante os anos de 1990 e tem sido experimentado por muitos arte/educadores, devendo ser adequado a cada realidade. Confirme o que falamos com essa citação da referida autora:

[...] arte/educação baseada na comunidade envolve uma parceria entre arte/educadores, artistas e a comunidade. Enquanto a perspectiva teórica tem recebido amplo apoio, a prática da arte/educação baseada na comunidade depende da implementação de diferentes abordagens apropriadas às realidades das comunidades em que é aplicada (BASTOS, 2005, p. 227).

As ideias das autoras (BASTOS, 2005) e (BARBOSA, 2002), confluem para o tipo de ações desenvolvidas no Museu da Vila no período de julho de 2018 a janeiro de 2020, tendo como público participante a comunidade da Vila/bairro Coqueiro. Essas atividades englobam oficinas de música, oficinas de pintura, cursos de informática básica, oficinas de costura e artesanato.

Todas as atividades se relacionam com o patrimônio e a cultura local e são voltadas às necessidades da comunidade, objetivando fortalecer os vínculos dos moradores com suas raízes culturais, trazendo como consequência a vontade de cuidar do patrimônio cultural e natural do lugar ao qual pertencem.



Figura 08 - Preparação da exposição "Nós do Coqueiro". | Fonte: Acervo Museu da Vila / PPGAPM (2019).

Após o estudo das atividades, levantou-se que as ações educativas realizadas no Museu da Vila são estratégias as quais visam à proteção e preservação do patrimônio natural e cultural da Praia do Coqueiro, uma antiga vila de pescadores artesanais em transição para um bairro urbanizado. Além disso, as atividades estudadas buscam ampliar o leque de possibilidades de se construir uma educação patrimonial significativa a partir da escuta dos envolvidos, de maneira a comunidade ser protagonista durante o processo educativo. Constatou-se que as atividades são exemplos de educação patrimonial e foram elaboradas a partir de pesquisas sobre a realidade cultural e necessidades sociais da comunidade Vila Coqueiro, sendo construídas de maneira colaborativa em parceria com instituições públicas, privadas e com a comunidade. Asseguramos com esta pesquisa, que os objetos musealizados são importantes fontes históricas e de pesquisa que podem ser melhor utilizados através de mediações bem planejadas e que o museu é um lugar propício para a educação patrimonial.

A educação patrimonial deve ser construída objetivando uma transformação social, sendo assim um ato político. Busca-se com a educação patrimonial que a comunidade se sensibilize a ponto de conhecer seu próprio valor cultural e conhecendo e reivindicando proteção e preservação do que precisa ser lembrado e guardado. Aqui neste processo não cabe um tipo de educação que não seja horizontal. Esse conhecimento não é e nem poderia ser trazido de fora para dentro ou imposto. Mas elaborado com a comunidade e em seu benefício, como reforça (SIVIERO, 2019):

*Nessa nova perspectiva, a educação patrimonial deixa de ser encarada como uma ferramenta de verticalização de conhecimentos e valores (educação bancária) para tornar-se uma oportunidade de: 1) (re)conhecimento, afirmação e interação de detentores de referências culturais distintas e diversas; 2) Construção coletiva e democrática de conhecimento; 3) afirmação e fortalecimento de alteridades e de vínculos de identidade e pertencimento (SIVIERO, 2019. p.117).*

Para que tudo saia da maneira explicitada por Siviero, uma parceria entre sociedade civil, comunidade, instituições de educação formal, centros culturais, museus, associações de moradores é valiosíssima para que se efetive práticas de educação patrimonial. O ambiente para que se desenvolva educação patrimonial pode ser uma escola, uma universidade, um museu, uma praça, um centro cultural, ou um passeio por um centro histórico de uma cidade, ou onde haja necessidade.

O conceito de patrimônio trabalhado aqui é bastante alargado e atual, envolvendo desde edificações e obras de arte ao saber-fazer da palha de carnaúba ou das redes de pesca artesanal, bem como crenças, valores e lendas, resumindo, cultura material e imaterial.

Nessa mesma linha de pensamento, acreditamos numa educação horizontal na qual todos possuem capacidade de ensinar e de aprender, descartamos práticas verticalizadas em que um é detentor de todo o saber e outros apenas recebem passivamente. Todas as práticas relatadas aqui partiram da escuta da comunidade e são, portanto, significativas para a ela e feitas de maneira colaborativa.

O Museu da Vila coordena duas tipologias de acervo: institucional e operacional. O primeiro formado por objetos relacionados às artes da pesca artesanal (duas canoas artesanais e seus artefatos), o segundo formado por quinze canoas utilizadas atualmente por mais de trinta pescadores artesanais moradores da Vila/bairro<sup>1</sup>.

Citaremos aqui algumas ações educativas desenvolvidas no museu da Vila coordenadas pelo mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia, um mestrado profissional que recebe como alunos, profissionais de diversas áreas como artistas visuais, musicistas, arquitetos, professores, historiadores, biólogos, engenheiros, designer de moda, entre outros para formar museólogos. As atividades são exemplos de educação patrimonial, elaboradas a partir de pesquisas sobre a realidade cultural e necessidades sociais da comunidade Vila Coqueiro e construídas de maneira colaborativa em parceria com instituições públicas, privadas e com a comunidade. Sobre esse andar junto à comunidade é que fala (FLORÊNCIO, 2019):

*É imprescindível que toda ação educativa assegure a participação da comunidade na formulação, implementação e execução das atividades propostas. O que se almeja é a construção coletiva das ações educativas identificando a comunidade como produtora de saberes que reconhece suas referências culturais inseridas em contextos de significados associados à memória social do local e, também produtora de ações educativas fortemente adequadas às especificidades de seus territórios. É necessário, aqui, substituir a noção de público-alvo das ações educativas para a de público participante. Somente com uma construção coletiva e participativa dessas ações é que se pode alcançar eficácia e efetividade em seus objetivos (FLORÊNCIO, 2019. p. 62).*

---

1 Saiba um pouco mais sobre o MUV neste pequeno vídeo no canal do YouTube museologia piauí. Confira: [https://youtu.be/Q3sj9X\\_buLA](https://youtu.be/Q3sj9X_buLA)

Dessa forma, o tema das ações em sua maioria é a cultura material e imaterial da comunidade Vila Coqueiro, tais como celebrações religiosas tradicionais, conhecimento sobre os costumes e o saber-fazer, as riquezas ambientais e culturais da comunidade.

Além de dar ênfase à beleza e à riqueza da cultura e da natureza, as ações educativas buscam instigar reflexões sobre a ação humana quando se relaciona com o território e buscam parcerias para encontrar soluções para sérios problemas ambientais e sociais que são gritantes nesta comunidade. Vejamos algumas ações desenvolvidas como a exposição de longa duração Nós do Coqueiro e o programa Férias no Museu.

Desde o segundo semestre de 2018, o Museu da Vila tem sido lugar de encontros, exposições (figuras 08 e 11) cursos, palestras (figura 09), oficinas de música (figura 06), teatro, dança (figura 11), pintura (figuras 07 e 08). Sempre coordenados pelo PPGAPM, geralmente ministrados pelos mestrandos ou convidados e como público participante principalmente a comunidade Vila Coqueiro. Nas férias de janeiro e julho acontece o programa “Férias no Museu”, que já teve 4 edições, com as atividades citadas acima, sempre com a participação da comunidade, inclusive como mediadores culturais.

Na nossa avaliação, a concepção de educação patrimonial assumida pelos mediadores e educadores nas atividades desenvolvidas no Museu da Vila é de uma educação dialógica, construída com a participação da comunidade e sempre preocupada com a memória, identidade e cultura desta. Visando sempre à proteção e à preservação do patrimônio da Vila Coqueiro.



Figura 09 - Palestra sobre arte e cultura. | Fonte: Acervo Museu da Vila / PPGAPM (2019).



Figura 10 - Oficina de Contação de estórias. | Fonte: Acervo Museu da Vila / PPGAPM (2019).



Figura 11 - Abertura da Exposição "Nós do Coqueiro". | Fonte: Acervo Museu da Vila / PPGAPM (2020).

## 8. MÉTODOS E TÉCNICAS

Considerando os objetivos e percursos desta pesquisa, entendemos que a metodologia mais adequada seja do tipo qualitativa, de natureza aplicada e exploratória, tendo a Pesquisa-Ação como procedimento agregador e aproximador dos sujeitos envolvidos. Utilizamos ainda a Pesquisa Participante e a História Oral.

A pesquisa-ação é um tipo de procedimento que pressupõe trabalho em equipe com ativa participação da comunidade estudada, nesta pesquisa como colaboradora. Esse tipo de pesquisa tem como objetivo romper estruturas, desarticular a ordem estabelecida que oprime a comunidade, trata-se, portanto, de uma ação educacional, política, transformadora e libertadora.

Thiollent (2011) diz que a pesquisa-ação propõe o comprometimento dos pesquisadores com as causas populares, na busca por soluções, ou, ao menos, tornar lúcido o problema. Na pesquisa-ação, o problema nasce de um grupo em crise. O pesquisador ou grupo de interesse constata o problema e busca ajudar a coletividade a determinar as redes ligadas a ele, fazendo com que os envolvidos tomem consciência da situação em uma ação coletiva.

“Trata-se de encontrar, na população submetida à investigação, as pessoas mobilizadas, os líderes de opinião, suficientemente interessados em uma ação ligada à reflexão (BARBIER, p. 104)”. No nosso caso, pudemos contar com Teresa da Rocha Oliveira, pessoa articulada, mobilizadora, conhecedora e pertencente ao território. Casada, 44 anos, mãe de dois filhos, reside no Coqueiro com sua família e é funcionária doméstica em casa de família no mesmo bairro. Teresa nos apresentou boa parte do território andando a pé conosco, apresentando aos moradores mais velhos da

comunidade e falando sobre os costumes, comidas, técnicas de pescaria, sobre como fazer descarrego de energias negativas com ervas e banho de mar, entre outras sabedorias populares. Foi nossa guia nesse processo de conhecimento profundo desse território.

A pesquisa-ação é uma metodologia que exige colaboração e participação coletiva, envolvendo um grupo formado por pessoas com interesses em comum, podendo ser composto por membros da comunidade e outros pesquisadores acadêmicos de áreas e disciplinas diversas.

Neste caso específico, o grupo é formado pelos colaboradores entrevistados, contadores de suas histórias e colaboradores nas pinturas murais. Cinco residentes da Vila Bairro Coqueiro da Praia, homens e mulheres, com idade entre 60 a 80 anos, todos de famílias de pescadores artesanais: o pescador Antônio Vieira Galeno( Antônio da Laura), 59; a enfermeira Maria Mirtes Rodrigues (filha de pescador e dono de curral de pesca); as artesãs Maria Gorete Rodrigues Amaral, 67 e Maria do Livramento Rodrigues, 63 (irmãs de Mirtes) e; a, também artesã, esposa e filha de pescadores, Dajanira Cardoso da Silva, 80, foram nossos entrevistados e protagonistas das histórias narradas nos textos poéticos. Além destes, colaboraram também com estes estudos e intervenções o senhor Antônio Marcos Cardoso Silva, 50 anos (filho da entrevistada Dajanira), colaborou com pintura mural; Teresa da Rocha Oliveira, 44, que além de mediadora entre nós e os entrevistados foi nossa guia em muitas caminhadas pelo território e ajudou nas pinturas murais; José Armando Oliveira Pereira, 10 anos, filho de Teresa, participou das pinturas; Mariana Godinho Silva, 19, minha filha, morou comigo na casa cuja fachada recebeu as pinturas, participou das entrevistas, transcreveu-as e colaborou com as pinturas murais; professora Elenilce Mourão participou de algumas entrevistas, e de algumas caminhadas pela comunidade, além de orientar a pesquisa; professoras Áurea da Paz Pinheiro e Rita de Cássia de Moura Carvalho moradoras desta comunidade, orientaram a pesquisa, sugeriram bibliografias e produziram vídeo/produto desta pesquisa.

Utilizamos como instrumentos entrevistas em que estimulamos as pessoas mais velhas a contarem suas histórias e deste território com riqueza de detalhes e da forma mais espontânea possível. Ou seja, usamos o método da História Oral. Veja o conceito, conforme Verena (2013):

A história oral é um método de pesquisa histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximarem do objeto de estudo. Como consequência, o método da História oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores [...] (VERENA, 2013, p. 24).

A história oral para a execução desta pesquisa foi imprescindível, pois através da entrevista, ouvindo e gravando em imagens e áudios as falas dos entrevistados no tempo presente, obtivemos conhecimento sobre o período em que a Vila Coqueiro era uma vila de pescadores artesanais. Através da história oral, fizemos com que essas pessoas simples como pescadores, suas esposas, suas mães, seus filhos fossem ouvidos e tornassem-se atores e narradores de sua própria história e sentissem-se capazes de transformar suas histórias para uma história cujo enredo seja de grande orgulho e valorização dos seus saberes, de suas lendas, da paisagem cultural e natural e tudo mais que lhes pertence enquanto patrimônio cultural. “É evidente que a busca do conhecimento e informação como meio de transformação é o objetivo do que está convencionalmente chamado de história oral, mas como um fim, não como um meio” (MEIHY, 2006, p.194.).

No caso das diversas pesquisas de história oral, que utilizam entrevistas, sobretudo entrevistas de história de vida, é óbvio que o que se recolhe são memórias individuais, ou se for o caso de entrevistas de grupo, memórias mais coletivas, e o problema aí é saber como interpretar esse material (POLLAK, 1992, p. 1).

Para interpretar os dados, existem técnicas. É preciso rever as anotações do caderno de campo, cruzar as informações de diferentes entrevistas, criar categorias, se for o caso, para facilitar a análise dos dados para então redigir o relatório. E sempre que necessário, deve-se recorrer aos manuais de história oral para proceder corretamente com a responsabilidade necessária para que esses registros sejam fontes confiáveis para outros pesquisadores. Para que isso seja possível, é necessário o conhecimento e uso de técnicas de armazenamento e preservação das gravações e dos textos finais. No Manual de História Oral, Verena Alberti dedica um capítulo inteiro sobre o tratamento do acervo.

É imprescindível o uso dessas técnicas na etapa final de uma pesquisa de campo que se utiliza de história oral. A história oral aqui foi empregada e entendida de maneira plural como instrumento, metodologia, técnica, fonte e o mais importante como um processo de transformação. Tal qual é entendida por (MEIHY, 2006), quando afirma:

Há dois novos argumentos a enriquecer a proposta de história oral como procedimento disciplinar independente e alheio às demais disciplinas estabelecidas ao longo do século XIX. Uma noção derivada do axioma de que história oral é mais do que entrevista e nesta linha um processo de transformação de realidades; outro o caráter social que implica na qualificação do sujeito coletivo como motivo da história (MEIHY, 2006, p. 196-197).

Entendemos que trabalhos com objetivos semelhantes ao nosso que visam o desenvolvimento sustentável e consequente ganho de qualidade de vida, na luta por uma educação patrimonial libertadora e transformadora já vêm sendo desenvolvidos não somente na Vila Coqueiro, mas em outras localidades também pertencentes à área de proteção ambiental Delta do Parnaíba em parceria com o Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia/UFPI, Instituto Tartarugas do Delta, Instituto Chico Mendes de Biodiversidade, entre outras instituições. Temos como exemplo os projetos do Atelier Escola, a Marcenaria da Vila, Cartilha sobre o patrimônio (material didático). Todas as atividades sociais já feitas, as em curso e as ainda em fase de projeto só fazem sentido por serem feitas a partir da escuta da comunidade para tentar sanar suas dores e nesse aspecto é que a história oral entra para possibilitar o protagonismo de quem nunca exerceu papel principal na história oficial, nos livros didáticos, e matérias jornalísticas.

A Arte/educação, na ação que relatamos aqui, seguiu as etapas: *Interpretação* do território por observação e diálogos entre pesquisadores, artistas e comunidade; experimentação de técnicas artísticas tais como Aquarela e Pintura Mural; e comunicação através da exposição das pinturas murais e posteriormente das aquarelas que ilustram o livro de memórias poéticas. Para tanto, dialogamos com autores como Herbert Read, John Dewey e a brasileira Ana Mae Barbosa.

Entender a vastidão do passado é tarefa complexa, mas pelo método da História Oral é possível uma aproximação maior com o interlocutor, sua forma de viver, pensar e agir

para que as evocações das memórias do passado tragam à tona as passagens fundamentais para a reconstrução das narrativas que de todo não ficaram perdidas.

Em alguns momentos utilizamos pesquisa participante, quando dialogamos com os idosos, e a partir de suas memórias e narrativas, juntos (re)construímos trechos da história coletiva da comunidade que não constam nos livros de história “oficiais” e esse conhecimento é transposto para linguagens artísticas (pintura e textos poéticos) também produzidos de maneira colaborativa e posteriormente expostos ao público (pinturas murais e livro de memórias com ilustração), comunicando assim o conhecimento criado coletivamente, ensinando e aprendendo através de ações dialógicas e horizontais. As ações descritas traduzem pesquisa participante, segundo (BRANDÃO E STRECK 2006):

*A pesquisa participante deve ser compreendida como um repertório múltiplo e diferenciado de experiências de criação coletiva de conhecimentos destinados a superar a oposição sujeito/objeto no interior de processos que geram saberes e na sequência das ações que aspiram gerar transformações a partir também desses conhecimentos (BRANDÃO E STRECK, 2006, p. 12).*

Reforçando a importância de ações dialógicas e horizontais de aprendizado mútuo, os mesmos autores afirmam que pesquisa participante é:

*Uma pesquisa que também é uma pedagogia que entrelaça atores- autores e que é um aprendizado no qual, mesmo quando haja diferenças essenciais de saberes, todos aprendem uns com os outros. Uma pedagogia de criação solidária de saberes sociais em que a palavra-chave não é o próprio conhecimento, mas, é antes dele, o diálogo (BRANDÃO; STRECK, 2006, p. 13).*

Essa pedagogia de criação solidária, da qual falam os autores, entendemos que ocorreu em nossos diálogos com os moradores mais velhos da Vila Coqueiro os quais consideramos coautores dos textos poéticos dos quais tomei emprestadas as memórias e narrativas. O que pode ser observado a seguir quando revelaremos informações acerca do processo criativo e inspirações para as produções dos textos poéticos e das aquarelas, mostraremos alguns esboços de desenhos e rascunhos de textos. No processo criativo, as informações extraídas das leituras, visões e audições e todas as outras sensações, cheiros,

sabores, vividos, sentidos e imaginados se misturam, porém falaremos aqui daquela fonte de inspiração e de informação que foi mais marcante para cada produção.

Para criar o texto CAÍ NO POÇO, o primeiro, nos inspiramos no relato do senhor Francisco das Chagas Galeno Freitas, conhecido por Análio, pescador de 67 anos, que pesca desde os 10. Encontrei o relato do seu Análio no livro HISTÓRIAS DA VILA

-COQUEIRO DA PRAIA/PIAUI de Francisco dos Santos Moraes. Este livro foi produto do mestrado do autor, ligado ao PPGAPM/UFPI. A criação da aquarela que ilustra esse texto também foi inspirada no relato do senhor Análio, que fala saudoso da antiga paisagem da Vila Coqueiro, cercada de morros, casas de barro e madeira, cobertas de palha, e da brincadeira CAÍ NO POÇO (ver Figuras 12 e 13, pág. 72 e 73).

O segundo texto poético - PROCISSÃO POR MAR, POR CHÃO - foi inspirado no 2º episódio do documentário POVOS DO DELTA (episódio A FÉ QUE ABRAÇA A BARCA), uma produção do PPAPM/UFPI, pesquisa e direção de Alexsandra Moraes, roteiro de Alexsandra Moraes e Cássia Moura<sup>2</sup>.

O documentário trata da religiosidade do povo do município de Luís Correia e mais especificamente da procissão de Bom Jesus dos Navegantes. Conta sobre a lendária origem dessa crença, de quando, em fins do século XIX, os pescadores encontraram uma imagem na ilha do Bom Jesus e levaram para o padre que deu o nome de Bom Jesus dos Navegantes. Logo ela começou a ser adorada e considerada milagrosa. Como foi encontrada dia 29 de junho, dia de São Pedro, é nesse dia que é feita a procissão marítima e terrestre.

O documentário fala ainda das promessas, das graças alcançadas e dos remos usados para pagar as promessas. Os remos ficam expostos na Igreja matriz da paróquia Nossa Senhora da Conceição, em Luís Correia, como mostra a ilustração em aquarela, simbolizando o compromisso com o santo (ver Figura 14, pág. 75).

O terceiro texto poético - DESPEDIDAS - é baseado na entrevista (relato de vida) da senhora Dajanira Cardoso concedida a nossa equipe da pesquisa participante. Diz respeito ao dramático relato de suas perdas e despedidas, morte da mãe, infância roubada, morte



Figura 12 - Paisagem da Vila.  
Fonte: Arquivo pessoal (2020).

1ª tentativa, 1º texto

15.09.2020

S	T	Q	Q	S	S	D
□	□	□	□	□	□	□
L	M	M	J	V	S	D

SEMANA

## Cai no poço

Mergulhei numa escuridão a pensar no ontem, quase me afogo, levantei a cabeça estava na lagoa, onde hoje é a praça, avistei algumas poucas casas de barro e palha, sem tijolos, sem telhas, ruas sem pedra, de areia. Bichos bebiam na lagoa do outro lado mulheres louavam a roupa.

Mergulhei mais uma vez, voltei à luz, vi meninas com quem brincava e ~~era~~ aviscava os primeiros movimentos no mar de sentimentos. Tudo leve, fluido, transparente. Das brincadeiras, minha preferida era cai no poço. De costas pra fila de meninas, escolhia, sem ver, aquela que ganharia um beijo sem ensaio.

Mais um mergulho, dessa vez salgado e ~~asfalto~~, quente, com balanço, e sono-ro ardor, acabou a brincadeira. Hora de ser pescador.

Alite Godinho

do marido e dá ênfase ao episódio da morte do pai, momento representado na ilustração em aquarela.

Nesta a retratamos como uma jovem e o pai como um menino. A veste da senhora faz alusão à Iemanjá e ao mesmo tempo insinua uma cauda de sereia. A mancha ao fundo da ilustração nos remete a uma atmosfera de lembrança ou imaginação. Usamos o azul, por ser esta a cor do mar, do céu, das vestes de Iemanjá e a que mais evoca tranquilidade que envolve o momento, apesar de falar de morte (ver Figura 15, pág. 76).

O quarto texto - TOCATA ETÉREA - se refere a um trecho da entrevista (relato de vida) do pescador mais popular da Vila Coqueiro, seu Antônio Vieira Galeno, conhecido como Antônio da Laura, em que ele conta um dos tantos momentos de sua vida de pescador no qual presenciou os mistérios do mar, o invisível, as visagens, as aparições.

Nesse episódio que reinterpreto, ele e seu companheiro de pescaria, o Vicentão, estavam em alto mar, noite de lua clara, quando ouviram um som de uma festa, com vários instrumentos como sanfona, zabumba, triângulo. Parecia vir do fundo d'água, fundo do mar, debaixo da canoa e cada vez se aproximando mais. Até que Vicentão bateu forte com o pé no fundo da canoa e brigou. Nesse momento o som da tocata foi aos poucos se afastando da canoa até desaparecer. Na aquarela, tentamos imprimir o mistério da ocasião, o céu negro azulado e o contraste da luz branca da lua iluminando parte da figura central, que representa seu Antônio e Vicentão na canoa; já a tocata no fundo do mar, fizemos com a leveza de uma imagem etérea, quase invisível e ao mesmo tempo com certo ritmo e cadência próprios de uma festa, conseguido pela variação de linhas diagonais e verticais.

O que resultou num misto de mistério, leveza e alegria. Para captar essa atmosfera misteriosa da lua clara iluminando o mar, fomos algumas vezes contemplar o mar em noite de lua cheia e ficava tentando imaginar as sensações de navegar naquela imensidão escura, iluminada apenas pela lua (ver Figuras 16 e 17, pág. 77 e 78).

O quinto texto - OS BEBÊS NASCIAM EM CASA - é sobre um dos fatos relatados pela senhora Maria Gorete Rodrigues do Amaral em entrevista concedida à nossa equipe, na qual ela saudosamente relembra e nos conta com muito prazer e com riqueza de

Procissão <sup>por</sup> de chão, <sup>por</sup> mar

2º texto

15.09.2020

S	T	Q	Q	S	S	D
□	□	□	□	□	□	□
L	M	J	X	M	D	SEMANA

Uma mão para o vento, a outra <sup>mão</sup> acalma as ondas. Proteção e fé. Promessas e graças alcançadas. Nem pés, nem cabeças, nem pernas. Mas, remos, muitos remos, quantas graças alcançadas! Promessas pagas.

Mastro hasteado na praça, fitas, cores, alegria e fé. Festa, sacrifício e aventura, procissão <sup>por</sup> de chão, <sup>por</sup> de mar. Romeiros vem de longe a pé, cavalo ou jumento, com fé e devoção colocar seu nome na lista para entrar na embarcação.

Oh senhor dos navegantes, venha me valer!

Oh senhor dos navegantes, venha me valer!

Arlete Godinho

baseado no documentário: A fé abarca a ~~alma~~ alma



Figura 14 - Procissão por mar, por chão.  
Fonte: Arquivo pessoal (2020).

Arlete  
2020



Figura 15 - Processo de criação de DESPEDIDAS. | Fonte: Arquivo pessoal (2020).

Palavras com significado \_\_\_\_\_  
 semelhantes à ASSOMBRAÇÃO 

S	T	Q	Q	S	S	D
□	□	□	□	□	□	□
L	M	M	J	V	S	D

 SEMANA

Usagem, ~~anjo~~, ~~denodo~~, visão, fantasma,  
 avejão, visão, avariação, espectro.

Sinónimos de pescaria

- 1- Busca
- 2- Pesquisa, investigação, avariação

Sinónimos de mistério

abismo, enigma, charada, incógnita  
 segredo, esfinge, impenetrabilidade,  
 recôndito, encoberto, oculto

Sinónimos de etéreo

O sentido poético e figurado da  
 palavra é utilizado para qualificar al-  
 go considerado divinal ou que é tão puro,  
 que não pode ser material ou de origem  
 terrena.

O etéreo também está intrinsecamente rela-  
 cionado com a religião, quando refere-se ao  
 que está acima do céu, ao que não pertence à ter-  
 ra e está no espaço celeste, à Deus ou aos  
 deuses.



Figura 17 - Esboço para aquarela Tocata Etéria | Fonte: Arquivo pessoal (2020).

detalhes como eram os partos antigamente, antes do “desenvolvimento” urbano chegar à Vila Coqueiro.

Ela conta que teve cinco filhos e apenas o último parto foi feito em hospital, afirmando ter sido este o pior de todos. Descreve como foram seus partos em casa, com parteira, com a presença da mãe e de uma comadre que sempre estavam com ela nesse sublime acontecimento. A narrativa se deu com muita carga emotiva e com precisão de detalhes dos fatos ocorridos. Descreveu o quarto e sua atmosfera, a fumaça da alfazema queimando (o aroma quase pudemos sentir), as paredes de barro, cada detalhe, que ao escutar já fomos criando imagens na mente, que logo foram transpostas para as linguagens artísticas em aquarela e texto poético.

Então na pintura tentamos traduzir essa magia do nascimento de um filho, imerso na familiaridade do quarto da mãe, a rede, o paninho no chão com a criança recém-nascida, o balaio onde era queimada a alfazema, o banquinho furado com o penico embaixo, as paredes de barro e madeira e um tom violáceo que simboliza a espiritualidade presente em seu relato no qual ela repetia a frase: “tudo dava certo, tudo era de Deus”. Toda a cena se encontra imersa em uma suave mancha de cor, como uma lembrança na mente e é representada numa perspectiva vista de cima e numa inquietante diagonalidade que chama o olhar do observador para a mãe deitada na rede (ver Figuras 18 e 19, pág. 81 e 82).

O sexto texto – MARIA, VALEI-ME - foi inspirado na entrevista concedida a nós por dona Maria do Livramento Rodrigues, conhecida como Mentinha, de 63 anos, sobre como eram os velórios antigamente. Ela diz que sua avó era chamada com muita frequência para rezar e cantar nas sentinelas e lembra com orgulho e saudade de uma oração em especial. Neste momento, ela pegou um livro de orações e cantou e rezou lendo a oração chamada MARIA, VALEI-ME que, segundo ela, tem o poder de levar as almas para o céu.

Conta ainda que sua avó a ensinou as rezas e cantigas e atualmente ser a ela que recorrem nas ocasiões de velórios. Mas lamenta ao contar um episódio no qual foi para tal missão e ao começar a cantar MARIA, VALEI-ME, uma pessoa se retirou do velório, atitude incompreensível para ela. Na ilustração, traduzimos em cores e formas nossas impressões de como deve ser o momento em que, no velório, é cantada e rezada a oração MARIA, VALEI-ME.

Representamos anjos, divindades e pessoas em torno do corpo no caixão, numa atmosfera fluida, usamos a leveza própria da aquarela associada à languidez das figuras e a cor violeta para criar um clima de espiritualidade, misturar seres terrenos com outros metafísicos (ver Figura 20, pág. 83).

O sétimo texto – QUANDO O MAR SE ABRIU - diz respeito a uma lenda do município de Luís Correia, chegada a nós pela entrevista de dona Maria do Livramento, que com verdade e sentimento impresso na voz e no olhar, nos contou sobre Alice Correia, uma linda e rica jovem natural de Luís Correia que desde criança tinha dons especiais. Via brilhos na areia da praia, encantamentos no mar, até que um dia, ao caminhar pela praia com sua mãe, Alice a essa altura já noiva, viu o mar se abrir e uma luz muito forte a iluminar um caminho. A moça foi convidada a entrar e tomar este caminho, sua mãe em vão tentou impedir. Alice disse para que a soltasse, ou fosse com ela. Foi a última vez que sua mãe a viu. Para que se quebre tal encanto, um homem deve ir ao local do acontecimento com uma faca, um espelho e um pente, todos os objetos devem ser virgens. O homem deve enfrentar uma serpente, cortar a barriga desta com a faca de onde deverá sair Alice, deve entregar o pente e o espelho para a jovem e como recompensa de tal ato heroico, deverá casar-se com a moça.

A pintura faz alusão à Iemanjá representada como uma mulher trajando azul e surgindo do meio do mar rodeada por uma luz amarela. Esta em um gesto, abre um caminho no mar e atrai a jovem para o mar. A mãe é representada com certa diagonalidade sugerindo movimento na vã tentativa de segurar a filha e impedir que esta entre no mar (ver Figuras 21 e 22, pág. 84).

O oitavo texto, O IRRISIVI EXISTE, foi baseado na entrevista concedida a nós pelo senhor Antônio da Laura, pescador. Ele usa essa palavra irrisive desde o começo da nossa conversa para diferentes situações. O trecho da entrevista inspirador desse texto foi o que ele relata mais um mistério do mar, no qual um dos pescadores que o acompanhava em pescaria chamado Belardo resolve navegar cantando e fazendo batucada, fazendo barulho, que segundo seu Antônio é falta de respeito com o mar. Numa noite clara encontraram um navio naufragado, quase batiam a canoa nele, quando seu Antônio gritou: VALEI-ME NÓIS SE ACABEMO! Nesse momento o navio desapareceu e sugeriram vários objetos flutuando no mar que os pescadores chamam de califórnias. Depois de passar a noite toda

## Sobre o relato de P. Corvete

S	T	Q	Q	S	S	D
□	□	□	□	□	□	□
L	M	M	J	V	S	D

SEMANA

~~Os bebês nasciam em casa~~

Os bebês nasciam em casa  
 tinha que ter aquele fogo aceso,  
 tinha que ter aquele balcão  
 tudo era por Deus  
 tudo dava certo

Naquele tempo era óleo doce  
 Para passar no "imbrigo" da criança

Cinco dias deitada, sem tomar banho  
 Cinco dias dentro do quarto  
 cinco dias ~~em~~ ~~com~~ ~~as~~ ~~se~~ ~~usando~~  
 o peniquinho embaixo do banquinho

Dentro do quarto eram eu,  
 minha mãe e a parteira.

### Os bebês nasciam em casa

Dentro do quarto ficavam três pessoas:  
 eu, a parteira, e minha mãe que sem-  
 pre vinha me ajudar nessas horas.  
 No quarto tinha uma rede armada para  
 descansar depois do parto, um tambore-  
 tinho onde eu sentava para ter o menino.  
 Você sabe o que é tamborete? A gente  
 paria sentada ali e a parteira na frente  
 para segurar o menino

Figura 18 - Os bebês nasciam em casa.  
 Fonte: Arquivo pessoal (2020).

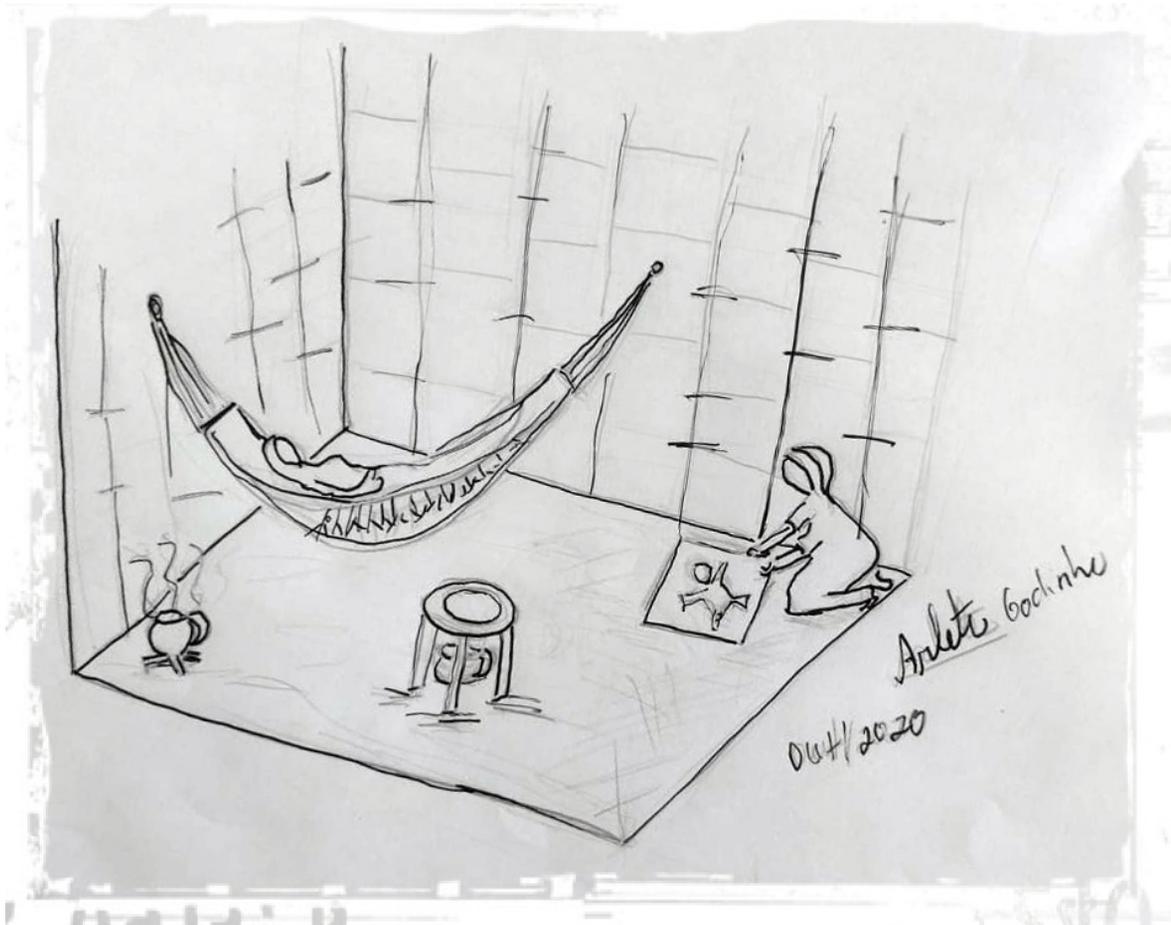


Figura 19 – Maternidade na Rede. | Fonte: Arquivo pessoal (2020).



Figura 20 - Maria, Valei-me. | Fonte: Arquivo pessoal (2020).



Figura 21 - Processo de criação. | Fonte: Arquivo pessoal (2020).

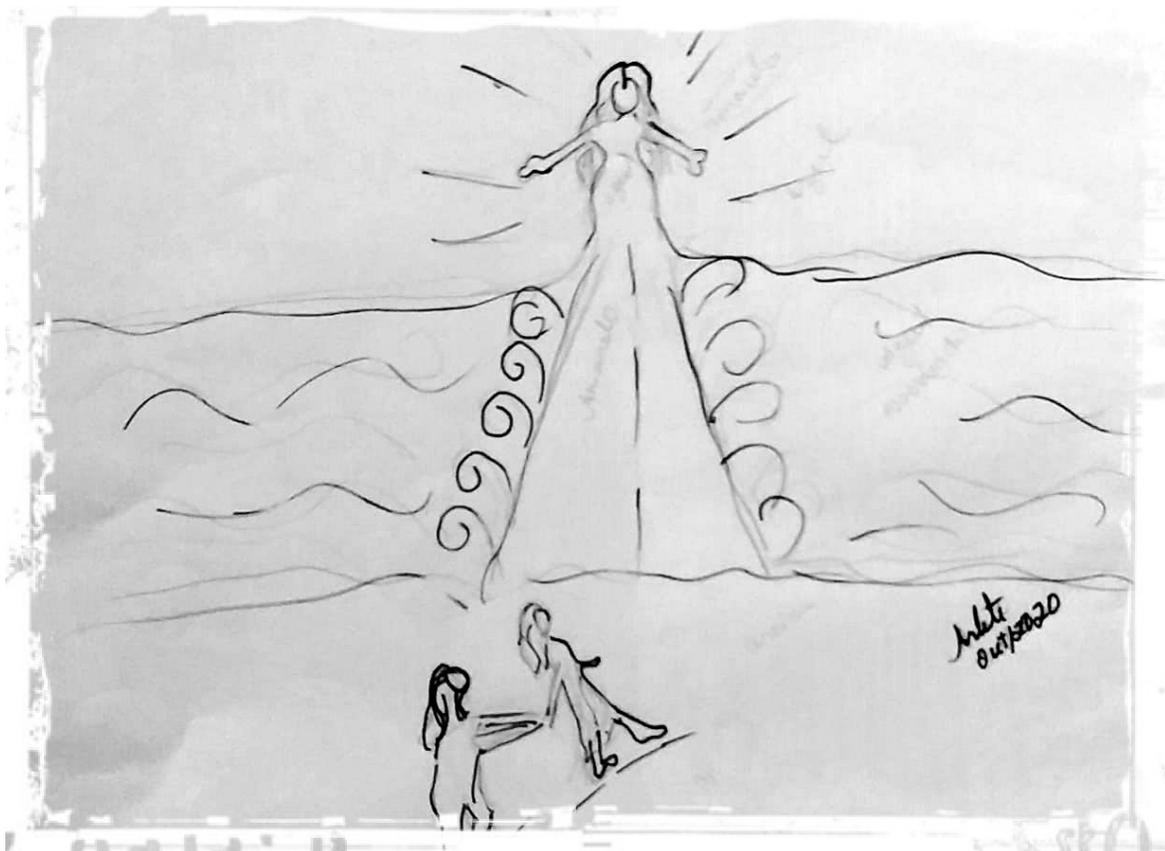


Figura 22 - Quando o mar se abriu. | Fonte: Arquivo pessoal (2020).

brigando com visagem voltaram para casa sem pescar nada e o aprendizado: não se deve ir para o mar com barulho, *cantata*. O mar exige respeito.

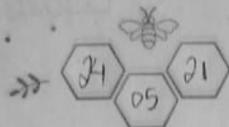
A aquarela completa o sentido de ação, de mistério e enfatiza bem o clímax da história quando o seu Antônio grita: *Valei-me, nós se acabemo!* Linhas diagonais no desenho das canoas e no corpo do pescador conferem maior movimento à composição visual que completa com o ritmo conseguido por contraste de cores complementares como é o caso do azul do céu com o laranja dos objetos flutuantes. navio? Califórnia?, fica por conta de quem faz a leitura do texto escrito e da imagem (ver Figura 23, pág. 86).

O nono texto, ANTIGAMENTE, baseado no relato de dona Maria Gorete, não narra um fato específico, mas enfatiza o saudosismo constantemente observado em suas falas. Apesar das dificuldades de acesso à saúde e educação, ela sente falta de quase tudo como era antigamente. Sente falta das brincadeiras, das festas, da paisagem natural que não está mais como era antes e se queixa da falta de atenção e de respeito dos mais jovens com os mais velhos.

A aquarela que ilustra este texto foi feita com inspiração na paisagem da praia do Coqueiro e foi produzida antes da criação do texto, mesmo assim encaixa perfeitamente e completa o sentido do texto, pois apresenta também um teor saudosista, um lirismo presente nas formas, manchas e cores, na imensidão do mar se misturando ao céu e à areia da praia (ver Figura 24, pág. 87).

No décimo e último texto, CIRANDA DE MEMÓRIAS, mudamos o estilo e fizemos um poema/memória. Para este não escolhemos apenas um relato, mas fizemos uma combinação de diversas frases marcantes das várias e diferentes entrevistas e histórias. Fizemos uma ciranda de memórias, reunimos várias em um único texto. Escolhi aquelas que por diferentes motivos ficaram ecoando em nossas mentes. Para ilustrar buscamos a primeira ilustração que produzimos ao adentrar neste território e juntamos ao último texto simbolicamente fechando um círculo, formando a ciranda de memórias (ver Figura 25, pág. 88-89).

8º texto  
22:19  
segunda-feira



Viagem no mar, tem. O Irizivi existe.

A gente tem encontrado no mar mistério que não é desse mundo.

Noite clara, muito peixe, nós três na canoa, eu e mais dois pescadores. Eu armei o pano e raí. Os outros dois pescadores iam fazendo muito barulho e eu raí agastado, aborrecido com aquela tocarata deles. Eu avisei: "Belando, deixe de cantiga, te cala!"

Foi quando avistamos, no rumo do Norte um navio "anafogado" e vinha no nosso rumo. Eu fiz de tudo pra sair da frente, puxei o pano o quanto pude. Se puxar muito a canoa vira. Euorcei a canoa. Eu dei um grito muito feio: "VALEI - ME MEU DEUS, NÓS SE ACABEMO!" Eu vi até as cavernas do navio. Todos viram a "marmota", mistério do mar.

E num segundo não tinha mais navio. Se transformou em umas dez Califórnia. Califórnia é coisa que boia em riba d'água.

Fomos embora. Não pescamos nada. Passamos a noite brigando com visagem. A natureza tem "OS IRIZIVI". O "Irizivi" existe.



Comidas:

Os homens iam pescar de madrugada, sem tomar nada. A comida era só o peixe, com farinha. Arroz só de oito em oito dias. ~~De oito em oito dias.~~

Dona Corlete, 67 anos  
Mora no Coqueiro desde 1967

A saudade que eu tenho é dos tempos muito remotos. As casas eram de barro, muita pobreza. Muita humildade.

Hoje as pessoas tem educação melhor, mas falta humildade.

Eu estudei no tempo da cartilha do ABC, até o 4º ano. ~~Estudei~~ Estudei aqui e em Parnaíba. Era muito difícil ir à Parnaíba. Tinha que ir de trem. Não ~~tem~~ <sup>tem</sup> profissão formal. Se apresenta como pescadora, mas não pescou nada.

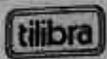


Figura 24 - Antigamente. | Fonte: Arquivo pessoal (2020).





Figura 25 - Ciranda de memórias, pintura em aquarela 29 cm x 42 cm, autora Arlete Godinho, 2020.  
Fonte: Arquivo pessoal (2020).



Arlete Godinho

## 8.1 | Local de Estudo

O lugar que nos inspirou estas criações artísticas é real, tem vida, tem pulsação, tem movimento, tem história. Esse lugar é a Vila Coqueiro, em transição para bairro, antes uma Vila de pescadores artesanais. Esta Vila é parte do município de Luís Correia, no estado do Piauí, no Meio Norte do Brasil. Nós frequentamos a praia do Coqueiro durante décadas sem saber da existência da Vila Coqueiro. Em 2019 começamos a frequentar a Vila, para as aulas do Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia no Museu da Vila. E no ano 2020, experienciamos ser comunidade, quando iniciamos a pesquisa de campo e estágio do Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM)/UFPI/UFDPAR, ao morar na Vila por quatro meses. Nesse período, conhecemos as pessoas, as histórias, as memórias individuais e coletivas de alguns dos residentes mais velhos (os quais entrevistei); criamos laços afetivos, fizemos amizades, fizemos história também.

Nessa experiência colhemos muitos dados da história do Coqueiro e de Luís Correia, os quais pudemos juntar e comparar com dados oficiais e bibliográficos para então contribuir com a continuidade da pesquisa sobre a História do lugar que outros pesquisadores e estudiosos já iniciaram e pudemos deixar caminho para outros que virão depois de nós.

Para este resumo histórico, consultamos sites oficiais como do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e as dissertações de mestrado das pesquisadoras Gabriela Freitas de Paiva e Gardênia Angelim Medeiros de Oliveira, bem como o livro/produto do Mestrado do pesquisador Francisco dos Santos Moraes, todos egressos do PPGAPM/UFPI/UFDPAR, com os respectivos títulos “TESOURO DO ACERVO DE ARTES DA PESCA ARTESANAL DO MUSEU DA VILA”, “OS DESAFIOS NA ELABORAÇÃO DO PROJETO ARQUITETÔNICO PARTICIPATIVO PARA A CONSTRUÇÃO DA

## ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO COQUEIRO, LUÍS CORREIA, PIAUÍ”, “HISTÓRIAS DA VILA- COQUEIRO DA PRAIA/PIAUÍ.”

De acordo com o IBGE (2017), data de 1820 o povoamento do território de Amarração, atual município de Luís Correia. Um fato importante na história desse povo de religiosidade marcante deu-se com a construção da Igreja de Nossa Senhora da Conceição que teve início em 1868 sendo concluída em 1879, como matriz e com a ajuda de imigrantes cearenses da seca de 1877.

Por ser porto marítimo, a Vila desenvolveu-se rapidamente e recebia vapores do Maranhão, Ceará e Pernambuco e navios de longo curso da Guiana Francesa para a Inglaterra. Em 1888, devido a ocorrência de altas marés e grandes dunas, moradias e espaçosos armazéns construídos pelas companhias de navegação foram destruídos e o local foi abandonado.

Em 1922, em maio, foi inaugurada a estação da estrada de ferro central do Piauí e em agosto, o presidente Epitácio Pessoa autorizava a construção do porto.

Amarração perdeu autonomia e passou a integrar o município de Parnaíba como distrito em 1931. Em 1935 teve o nome alterado para Luís Correia, homenagem ao literato e Jornalista Luís Moraes Correia, nascido no município. Três anos mais tarde readquiriu autonomia administrativa, tornando-se a atual cidade de Luís Correia. Gentílico: luis correense.

Atualmente, o município de Luís Correia possui 28.406 habitantes e se encontra entre os municípios de Cajueiro da Praia e Parnaíba, sendo a maior cidade do polo em extensão territorial, com 1071 km<sup>2</sup> (IBGE, 2017). Possui também maior extensão litorânea do Piauí, com aproximadamente 46 km.

Segundo Paiva (2019, p. 71), o município tem as principais atividades econômicas voltadas para o setor primário e de serviços, com destaque para a produção agrícola e extração de cera de carnaúba. Possui diversidade de ambiente entre praias, dunas móveis e fixas, lagoas e uma vegetação de transição. E chama a atenção para a pouca estruturação e crescimento urbano desordenado que prejudicam tais ambientes.

Segundo o Plano Diretor do Município nº 695, a região do Coqueiro da Praia está localizada na porção leste do município, dentro da macrozona urbana e na zona de consolidação II, ZCO II, e a orla da praia integra a Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba.

Para Oliveira (2018, p. 44-46), o Coqueiro revela uma estrutura urbana primária e desordenada, sistema viário precário e presença de lotes sem configuração definida, caracterizado por invasões e posse de áreas protegidas, sobretudo as da orla marítima, ocupadas pelas casas de veraneio, bares e hotéis. Isso resulta em problemas ambientais e sociais como desmatamento, perda de identidade cultural, desemprego, ou subempregos para os pescadores que abandonaram a pescaria, mal destino dado ao lixo e resíduos. Essa é a atual situação da antiga Vila de pescadores artesanais, hoje bairro Coqueiro.

Materializamos uma imagem (pintura em aquarela, Figura 26.), dentre tantas outras feitas, para que se tenha uma ideia da aparência do lugar, da sua beleza, com suas peculiaridades, cores e formas que emolduram o cotidiano dos nossos colaboradores desta pesquisa.





Figura 26 - O pescador de ideias, pintura em aquarela 29 cm x 42 cm, autora Arlete Godinho, 2019.  
Fonte: Arquivo pessoal (2019).

## 8.2 | Coleta, análise e interpretação de Dados (memórias escavadas)

Iniciamos pela pesquisa bibliográfica para reunir as informações pertinentes à construção do projeto e por diagnóstico vivenciado do território como um primeiro contato para perceber a paisagem cultural, as pessoas e os hábitos do lugar.

Foi feito um levantamento inicial das possíveis pessoas mais experientes ou idosas do território que pudessem informar ou relatar suas memórias sobre a Vila Coqueiro, seguido de algumas visitas e conversas informais. A princípio foram feitas apenas anotações das possibilidades encontradas.

A pesquisa de campo foi realizada a partir desses dados iniciais e através de entrevistas do tipo história de vida (tópicos), não completa, estimulada por temas e perguntas abertas, além da nossa inserção efetiva no território para estreitar as relações de confiança e melhor perceber as formas de ser e viver dos moradores.

A análise e interpretação de dados foi feita simultânea à coleta destes. Recorrendo sempre que necessário ao diário de campo, bem como cruzando informações com as pesquisas bibliográficas, áudios e documentários feitos por pesquisadores ligados ao PPGAPM, como o documentário *Povos do Delta* em dois episódios, roteiro e direção de Cássia Moura e Áurea Paz e o livro *Histórias da Vila Coqueiro da Praia/Piauí*, de Francisco dos Santos Moraes, sempre buscando responder nossos questionamentos desde o início da pesquisa e buscando constatação ou negação de nossas supostas soluções ou respostas. Conforme orienta Minayo (1992),

podemos apontar três finalidades para essa etapa: estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas, e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural do qual faz parte.

Essas finalidades são complementares em termos de pesquisa social (MINAYO, 1992. p. 69).

Observamos algumas falas convergentes nas respostas das entrevistas que revelaram queixas e saudosismos relacionados à falta de continuidade de costumes lembrados com saudade e carência de interação entre os mais jovens e os mais velhos, o que para estes denota falta de respeito e de consideração pela cultura e história local. Outra queixa recorrente é o fato de não terem frequentado escola formal, ou a interrupção dos estudos.

Dentre as lembranças relatadas estão: brincadeiras populares como “caí no poço”, “passa anel”, “boneca de sabugo”, “banhos coletivos na lagoa”; rezas esquecidas, que não foram registradas nem aprendidas pelos mais jovens; a rezadeira; a parteira, que fazia os partos na casa da paciente; técnicas de pesca artesanal que não se usam mais, como o curral; a dança do coco; a culinária típica; as histórias que envolvem os mistérios do mar, que os mais jovens não se interessam ou desconhecem paisagens que não existem mais como a lagoa, muitos morros e muito mais coqueiros; animais que antes eram abundantes que hoje encontram-se em risco de extinção como a Aruanã (espécie de tartaruga marinha), o peixe-boi, o cavalo-marinho, entre outros e formas arquitetônicas alteradas como a pesqueira, a igreja de palha, as casas de taipa.

Acreditamos que a falta de continuidade de certos costumes e hábitos culturais esteja relacionada à falta de continuidade da vida escolar ou à ausência desta em alguns casos entre os moradores mais idosos com os quais conversamos, bem como à falta de interação entre as diferentes gerações, o que gera desinformação e desvalorização das histórias e culturas de tempos idos, mas que ainda vivem nas mentes e corações dos mais velhos.

Na medida em que íamos coletando os dados, caminhando pelo território, olhando a paisagem, sendo seduzidas pelas experiências sensoriais: audição, olfato, paladar, comparando com as narrativas dos mais velhos, cruzando com informações de outras fontes, íamos também reinterpretando em linguagens artísticas, textos visuais e escritos, esboços em caderno de artista que resultaram em arte e registro do patrimônio deste território. E, por fim, podemos relacionar três categorias de histórias nos relatos: lendas; história de pescador (mistérios do mar) e costumes esquecidos.

Sobre comparar as narrativas dos mais velhos com dados de outras fontes veja um exemplo: É recorrente e confluyente nas falas, de pelo menos duas, das quatro mulheres entrevistadas ressaltar a importância do Projeto Piauí para o desenvolvimento da Vila, em termos de urbanização e turismo, bem como atribuírem àquele a oportunidade de aprenderem artesanato. Portanto, trouxemos à luz da memória o que foi, quando aconteceu, com qual objetivo e a quem se deve o Projeto Piauí. A seguir, vejamos alguns trechos da entrevista feita com dona Livramento Rodrigues (L.R):

L.R - Certo. Aí, muito desabitado, em relação assim a se comunicar com pessoas de cidade e tudo, era meio, né? Aí o governo, no governo do Alberto Silva, ele formou um projeto, por nome Projeto Piauí. Então, veio também o projeto (Rondon), viu? Com vários formatos, a procurar fazer um desenvolvimento aqui. Eles vieram, quando eles chegaram, que se dirigiram aos pescadores, com muita delicadeza, com o jeito deles, eles disseram que queriam fazer uma reunião e eles fizeram, mas no dia da reunião eles trouxeram pra cada pescador um pacote de biscoito. Eu tou lhe contando essa história, você pode escrever ela em qualquer lugar, que é verdade. Eu vejo as pessoas perceber os universitários e falar as coisa que num é verdade. Conta por que que o nome desse lugar é coqueiro, não sabe. Não tou querendo ser a melhor [risos da entrevistadora], mas o que eu tou lhe dizendo aqui é verdade.

A.G - A senhora produz o que hoje de artesanato?

L.R - Que eu produzo?

A.G - Que a senhora faz?

L.R - Olhe eu comecei fazendo tapete, certo? Porque nesse Projeto Piauí eles criaram, a dona... a dona [...], que era cunhada do governador, ela adorava artesanato, e ela achou de bem trazer uma professora pra ensinar fazer o tapete, fazer sandália, e a gente aprendeu. Aqui ficou a fonte, a fonte de tapete é aqui nesse lugar.

A.G - Qual era o material do tapete?

L.R - taboa.

Trecho da entrevista com dona Dajanira Costa (D.C):

A.G - Então, é... Vou conversar com a dona Djanira, setenta e nove anos. Dona Djanira, qual é a sua profissão? A senhora trabalhou com alguma coisa?

D.C - Trabalhei de artesanato.

A.G - Ainda trabalha?

D.C - Trabalho mais não, parei.

A.G - O que que a senhora produzia?

D.C - (inaudível)

A.G - Tapete?

D.C - Tapete. Tapete, peso de porta... E aqueles tapetes...

A.G - De taboa?

D.C - De taboa, de taboa...

A.G - A senhora já nasceu nessa região?

D.C - Não, nasci na Taboca Grande, interior da Barra Grande.

A.G - Aí, é... a senhora veio pra cá...

D.C - Pra cá mais meu esposo. Ele era pescador. Viemos morar aqui, arranjamos um terreno, fizemos uma casa e ficamos morando aqui. Ele pescava, dava muito peixe nos curral, a gente tratava os peixes... Ele ajudava nos curral, ele ganhava muito peixe, davam muito peixe, muita fartura. A profissão dele era de pescaria, mas sempre ajudava nos tapetes, ficava ajudando. Ele ia pro mar trabalhar e nós ficava fazendo tapete, que teve o Projeto Rondon que fez uma sede... Aí o pessoal do João Silva, Almiro Silva, que vieram do governador, do Alberto Silva de Teresina. O projeto botou uma casa aqui, de tapete, e aí ela vinha pra (inaudível) pegar todo final de, de... de semana vinha pegar os tapetes pra levar pra Parnaíba pra de lá vender. Aí era muita mulher trabalhando. Trabalhava o dia todinho e aí às vezes quando era pra entregar muito tapete trabalhava até de noite com a lamparina acesa.

A.G - Não tinha energia?

D.C - Tinha não, luz neste tempo, não. A luz com muito tempo foi que o Mão Santa mais o Antônio de Pádua que era prefeito e o Alberto Silva que morava em Teresina, que

era o governador. Aí eles fizeram o pedido das lâmpadas e vieram pra cá as luzes. Aqui era barro e calçamento, e não tinha estrada, era pela praia que o pessoal andava. A gente ia pra Parnaíba pegar os carros e ia era de pés pela praia.

Pesquisas científicas baseadas em dados oficiais apontam informações sobre o Projeto Piauí e sobre a esperança de desenvolvimento para o Piauí depositada no governo Alberto Silva. Usamos como fontes o dossiê Instituições públicas e produções culturais em Teresina (PI) nas décadas de 1970 e 1980 da autoria de Raimundo Nonato Lima dos Santos doutor em História, professor adjunto do curso de História da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e a dissertação de mestrado *Mar à venda: Pescadores e turismo no “Piauí Novo”* (anos 1970) de Pedro Vagner Silva Oliveira. (Mestrado em História- Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2017).

Ficou evidente nas pesquisas que o governo de Alberto Tavares Silva, primeiro mandato (1971-1975) foi responsável por um grande otimismo nos piauienses, que sofriam há cerca de duas décadas uma crise de baixa autoestima por ser o Piauí considerado atrasado em relação aos outros estados brasileiros e até alvo de piadas maldosas. É muito nítida também a importância do Projeto Piauí para que se acreditasse na promessa de um Piauí Novo. De acordo com as inferências do pesquisador (OLIVEIRA, 2017), sobre as tentativas de dar visibilidade ao Piauí,

a historiografia piauiense que se debruça sobre esse momento, debate as edificações imagéticas que os governantes fizeram no estado nordestino. O “milagre” foi responsável por fazer com que o Piauí, aos poucos, pudesse desconstruir sua figura de atraso que era veiculada Brasil afora. A fim de substituir o então governador do Piauí pela Aliança Renovadora Nacional-ARENA, João Clímaco d’Almeida, o engenheiro parnaibano, também arenista, Alberto Tavares Silva foi indicado ao executivo estadual em 1971, permanecendo no cargo até 1975 (OLIVEIRA, 2017. p. 35).

Para Nascimento, até o começo dos anos 1970, Alberto Silva “considerava que a imagem divulgada do Piauí e de sua capital, fora dos seus limites, era demolidora da alta estima dos piauienses, portanto, era necessário modificá-la” (NASCIMENTO, 2010. p. 16). O que se tem é uma espécie de divisor de águas sobre a imagem piauiense. A partir desse momento, um “Piauí Novo” surgiria.

Oliveira afirmou que o então governador, Alberto Silva, foi responsável por criar a imagem de um novo estado, mais moderno e integrado ao país. Sendo, inclusive, seu primeiro mandato, lembrado na memória social do Piauí enquanto “governo do otimismo” (OLIVEIRA, 2017. p. 36).

Essas ideias de Oliveira vão ao encontro das falas de dona Dajanira e de dona Livramento sobre o desenvolvimento (luz elétrica, estrada, calçamento, produção de artesanato como geração de renda e fomento ao turismo) trazido no governo de Alberto Silva de 1971-1975. E ainda são confirmadas pelo que diz (SANTOS, 2018):

No intuito de promover mudanças que alavancassem o desenvolvimento econômico e social do Piauí, o governador Alberto Silva, em seu primeiro mandato (1971-1975), empreendeu esforços na educação básica e superior, com a criação do Projeto Piauí e a instalação definitiva da Universidade Federal do Piauí, no período de 1971 a 1973 (SANTOS, 2018.p. 10).

O Projeto Piauí Novo inspirava-se num modelo participativo de crescimento a partir do sistema educacional. Isto é, o projeto visava à formação de alto nível para lideranças que atuassem no setor educacional e artístico de forma conjugada, para que, com suas ações, pudessem contribuir para melhorar a imagem da cultura do piauiense.

A historiadora Márcia Castelo Branco Santana (2009) explicou em seus estudos que o Projeto Piauí tinha como principal meta a formação de técnicos que atuassem nas áreas de desenvolvimento e crescimento do estado. “Para alcançar tal intento, o próprio governador Alberto Silva teria tomado a frente dessas ações, ao participar como presidente do conselho deliberativo desse projeto” (OLIVEIRA, 2018. p. 10-11).

Com estas comparações entre as falas das entrevistadas e os dados de pesquisas científicas, constatamos alguns acontecimentos, ampliamos nosso conhecimento sobre um tempo rememorado pelos moradores mais velhos da Vila, bem como confirmamos a importância e autoria do Projeto Piauí para a comunidade Vila Coqueiro, assim como para todo o Piauí nos primeiros anos da década de 1970.

## 9. MEMORIAL DESCRITIVO (PRODUTO E / OU SERVIÇO)

Como resultado direto desta pesquisa, três produtos foram concebidos como forma de fortalecer e preservar a cultura local: um livro de memórias literárias com textos em prosa poética, uma pintura mural em parceria com moradores locais e um vídeo documentário sobre todo esse processo.

## 9.1 | Primeiro Produto

*Livro de memórias em prosa poética ilustrado com aquarelas.*

Título do livro: A COR DA MEMORIA: arte, educação e patrimônio cultural<sup>1</sup>.

O livro “A COR DA MEMORIA: arte, educação e patrimônio cultural” é um dos produtos entregues como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM). Para a produção deste livro precisamos de várias mãos e braços. Partimos do conhecimento e análise do repositório dos trabalhos feitos durante os cinco anos de existência do PPGAPM, Mestrado profissional da Universidade Federal do Piauí/Universidade Federal do Delta do Parnaíba. As pesquisas e produções dos trabalhos finais de mestrado deste programa seguem um projeto matriz que se abre em vários outros, sempre interligados, que garante a continuidade das ações desenvolvidas na Área de proteção ambiental (APA) Delta do Parnaíba, formada por dez municípios dos estados Piauí, Ceará e Maranhão. Como aponta (MORAES, 2019):

Começamos então a estudar sobre pesquisas e ações com esse mesmo objetivo e bebemos em fontes como os documentários da série Povos do Delta (primeiro episódio: “Pescadores”, segundo episódio: “A fé que abraça a barca”<sup>2</sup>); o livro Histórias da Vila de Francisco dos Santos Moraes, áudio de entrevista do tipo história de vida com dona Dajanira Cardoso da Silva (moradora do bairro Coqueiro), feita por Áurea Pinheiro e Cássia Moura. Além disso, com a mediação da moradora dessa comunidade, a popular e agradável Teresa da Rocha Oliveira e sob orientação da professora, arte/educadora e artista Elenilce Soares Mourão entrevistamos cinco moradores dos mais idosos desta comunidade, a saber, Senhor Antônio Vieira Galeno, 69

---

1 Ver capa e sumário em Apêndice 02.

2 Produzido pelas Doutoradas Áurea da Paz Pinheiro e Rita de Cássia Moura Carvalho, que pode ser conferido em: <https://www.youtube.com/watch?v=kkOIzO9cJVs>

anos, pescador, e as senhoras Mirtes Rodrigues, 68 anos, enfermeira profissional, Maria do Livramento Rodrigues, 63 anos, artesã e comerciante, Dajanira Cardoso da Silva, 80anos, artesã, Maria Gorete Rodrigues Amaral, 67 anos.

De posse dos dados obtidos nas fontes supracitadas identificamos um rico patrimônio imaterial contido nas memórias dos entrevistados. Percebemos que havia o risco de perdermos esse patrimônio e sentimos necessidade de fazer um registro das histórias que mais nos sensibilizaram e decidimos usar a arte para nos apropriar dessas memórias individuais e coletivas. Usamos duas linguagens artísticas para tanto, o texto poético, mais precisamente, a prosa poética, pela sua liberdade característica, isenta de métricas e rimas e da pintura em aquarelas, pela sua natureza e composição que dialogam perfeitamente com a paisagem natural dessa região, feita de águas, cores sutis e transparências. Escrevemos histórias vividas, sentidas, percebidas e lembradas por alguns dos mais antigos moradores dessa comunidade, e ainda ilustramos essas histórias com pinturas com as cores e leveza do Coqueiro.

Nossa matéria prima é, pois, o patrimônio desta comunidade, patrimônio intangível. Foi desafiador materializar o imaterial e mais ainda enredar memórias que não vivemos, memórias emprestadas. Mas que nos atravessaram, tocaram o mais íntimo do nosso ser, a ponto de explodir em cores e letras.

Nossas ações se fundamentam nesses conceitos inter-relacionados de patrimônio, museologia social e memória. Em busca de conscientização do autovalor, e libertação da condição de emudecimento e invisibilidade de pessoas e de suas memórias individuais, coletivas e históricas. Este produto, o livro, consta de duas partes:

**A primeira:** 10 produções escritas no gênero textual “memórias literárias”, em prosa poética, com respectivas ilustrações em aquarela. As memórias poetizadas podem ser categorizadas em: lendas (Alice Correia, Bom Jesus dos Navegantes); Histórias de pescador (mistérios e aventuras no mar); e costumes esquecidos (nascimento com parteira, dança do coco, brincadeiras populares).

**A segunda:** Histórias do lugar. Um resumo da História do município de Luís Correia e do Coqueiro (Imergência na Vila Coqueiro), um relato acerca do mergulho da pesquisadora no território, suas primeiras impressões e os paradigmas quebrados; velejar fecundo para um revelar com arte - o processo criativo, fontes inspiradoras, personagens instigantes, até a síntese em arte visual e escrita poética.

## 9.2 | Segundo Produto

*Pintura mural produzida coletivamente por nós, participantes da pesquisa.*

Tema: Paisagem natural e cultural do território (flores, pássaros, árvores, mar, entre outros.) Local: Fachada da casa em que moramos no período de novembro de 2020 a março de 2021, na Rua Manoel Mariscal, 10687, Bairro Coqueiro, Luís Correia, Piauí. Especificamente três colunas e três paredes na fachada da casa onde moramos eu e minha filha por quatro meses, tempo de duração da pesquisa de campo e de estágio.

Este produto, pinturas murais, coincide com o estágio exigido pelo PPGAPM/UFPI/UFDPAR, por terem sido desenvolvidas de forma coletiva com a participação da comunidade e promovendo, algumas vezes ações intergeracionais e de arte educação, bem como interpretação do patrimônio do lugar.

Os participantes foram: Antônio Marcos Cardoso Silva, 50 anos, funcionário do MUV, experiente em pesca artesanal com muitas histórias para contar; Dona Dajanira Cardoso Silva, 80 anos, artesã, filha de pescador, seu falecido esposo também era pescador. Dona Dajanira é mãe de seu Marcos. Participaram também das pinturas murais Teresa da Rocha Oliveira, 44 anos, nossa mediadora nesta pesquisa e guia por este território juntamente com seu filho José Armando Oliveira Pereira, 10 anos, e ainda eu Arlete, 46 anos, e Mariana Godinho Silva, 19 anos, acadêmica de Administração na UFPI, filha da pesquisadora.

Esta casa, conhecida como CASINHA no contexto deste mestrado, é núcleo expositivo do Museu da Vila, tendo integrado a exposição NÓS DO COQUEIRO e faz parte da exposição MEMÓRIAS inaugurada em 2021 no MUV.



Figura 27 - Pintura mural feitas com/para a Comunidade Coqueiro. | Fonte: Arquivo pessoal (2021).



Figura 28 - Construção coletiva dos murais. | Fonte: Arquivo pessoal (2021).



Figura 29 - Processo criativo. | Fonte: Arquivo pessoal (2021).



Figura 30 - Colaboração e diálogo com dona Dajanira. | Fonte: Arquivo pessoal (2021).



Figura 31 - Mural finalizado. | Fonte: Arquivo pessoal (2021).



Figura 32 - Segundo mural finalizado. | Fonte: Arquivo pessoal (2021).



Figura 33 - Flores na coluna. | Fonte: Arquivo pessoal (2021).



Figura 34 - Pássaro e flores finalizados.  
Fonte: Arquivo pessoal (2021).



Figura 35 - Pintura de um Beija Flor.  
Fonte: Arquivo pessoal (2021).



Figura 36 - Passarinho e Beija-flor  
Fonte: Arquivo pessoal (2021).

## 9.3 | Terceiro Produto

*Vídeo<sup>1</sup> produzido pelas professoras doutoras Áurea da Paz Pinheiro e Rita de Cássia Moura Carvalho e pela pesquisadora, educadora e artista Arlete Godinho.*

O vídeo mostra a pesquisadora, arte/educadora e artista Arlete Soares Godinho, explicando de forma resumida e ilustrada o que foi feito no estágio e pesquisa de campo e parte do que ficou como legado para a comunidade Vila Coqueiro, para o visitante, bem como para outros pesquisadores. Começa na casa onde moramos e desenvolvemos as pinturas murais e continua com voz da pesquisadora declamando os textos poéticos do livro produto e imagens das aquarelas que ilustram os respectivos textos.

---

1 O vídeo tem duração de 4:50 minutos e está disponível no canal do YouTube Museologia Piauí e pode ser conferido pelo link <https://youtu.be/OjtYTD30TtY>.

## **10. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Colaborar com as ações educativas e culturais do Museu da Vila foi motivação para adentrar no território da Vila Coqueiro e conhecer melhor as pessoas, seus hábitos, preferências, ensejando familiaridade para perceber as histórias e memórias. Mediados pela Arte/educação e práticas artísticas, inseridas no cotidiano da comunidade, como a pintura mural, aquarelas e construção de textos poéticos, pudemos contribuir nos processos de afirmação da Museologia participativa e inclusiva no Museu da Vila e seu entorno, que constitui um museu de território e extrapola os limites da edificação.

Antes de construir o projeto de pesquisa, nos apropriamos do que já havia de produção acadêmica e científica sobre a cultura e patrimônio da comunidade Coqueiro, enquanto imergia nesta comunidade, bairro do município de Luís Correia, Piauí, um dos dez que formam a APA Delta do Parnaíba.

Durante essa imersão, quebramos alguns paradigmas em relação ao local. Percebemos que para além da fronteira das belas e ricas casas de praia da paradisíaca praia do Coqueiro, existe uma comunidade, uma antiga vila de pescadores, hoje um bairro, que como todos, sofreram e sofrem as consequências boas e ruins da urbanização.

Percebemos grandes contrastes, extrema riqueza natural e cultural, convivendo com alarmantes problemas sociais e ambientais. Ao abrirmos as cortinas do turismo de massa, o qual praticava antes de tal imersão, nos deparamos com uma comunidade em situação de vulnerabilidade que clama por socorro. Nesse bairro existe prostituição, uso de drogas ilícitas, violência urbana, desemprego, alto índice de analfabetismo, espécies animais ameaçadas de extinção como é o caso das tartarugas marinhas, dentre outros problemas.

Mas, há também uma inacreditável riqueza patrimonial, natureza exuberante e bela, crenças, religiosidades, artesanato, artes da pesca, música, dança, culinária, costumes e muitas lembranças guardadas, porém vívidas nas memórias de pessoas, cujas vozes ficaram caladas por muitos anos, mas sentem uma enorme vontade de serem escutadas.

Ao passo que fomos conhecendo a comunidade, fomos também fazendo leituras de teorias sobre museologia social, patrimônios, memória e sendo atravessados por todos esses conceitos e me sensibilizando com a situação dessa comunidade. Tomados por um desejo de atender aos clamores dessa comunidade, dentro de limitadas possibilidades como

professora, artista, e a partir de então também comunidade, percebemos a urgência em aplicar a museologia Social nessa realidade e assim poder colaborar para efetiva mudança social, libertação de algumas das dores relatadas. Acreditamos e investimos no poder da arte, da educação e da museologia social, e, sobretudo, na ciranda de compartilhamentos de saberes, na colaboração de muitas pessoas, pesquisadores e comunidade para caminhar rumo a uma transformação libertadora, pois acreditamos que:

*A Museologia Social (...) está comprometida com a redução das injustiças e desigualdades sociais; combate aos preconceitos; com a melhoria da qualidade de vida coletiva; com o fortalecimento da dignidade e da coesão social; com a utilização do poder da memória, do patrimônio e do museu a favor das comunidades populares [...] (CHAGAS, 2014, p. 17).*

Avaliamos que a pesquisa e intervenção aqui relatada atingiu seus objetivos com um trabalho envolvendo Museologia Social, Arte/Educação, Estética relacional e memórias individual e coletiva, e que este trabalho só foi possível devido o muito que já foi feito sob à coordenação do PPGAPM, abrindo um caminho para que pudéssemos continuar a promover ações visando o desenvolvimento social da Vila Coqueiro, bem como de outras comunidades pertencentes à APA Delta do Parnaíba. Entendemos que este trabalho em particular, deu voz a personagens que se sentem esquecidos e emudecidos, mas sentiam uma enorme necessidade de gritar para o mundo suas dores, seus amores, suas recordações, enfim, pedaços de suas vidas.

Estes se queixaram da falta de interação com as gerações mais jovens, da falta de valorização de seus saberes, de seus conhecimentos e experiências. Nós pesquisadores, professores, artistas e coordenadores do grupo de pesquisa-ação, fomos apenas catalizadores, ou seja, estimulamos e filtramos as imaginações e memórias, todavia, não fomos o centro das ações. A Arte foi o canal, o meio através do qual foi possível comunicar os universos particulares de cada participante para toda a comunidade.

Além de ouvir e dar a devida importância às histórias e às memórias desses residentes e colaboradores deixamos registrados, em textos poéticos e pinturas em aquarela (no livro de memórias) e em pinturas murais na Comunidade Vila Coqueiro, parte significativa

do Patrimônio cultural imaterial de parte constituinte da APA Delta do Parnaíba, especificamente do município de Luís Correia, Piauí, no Meio Norte do Brasil.

Com a exposição dos painéis murais na casa em que ocupamos por quatro meses, que fez parte da exposição “NÓS DO COQUEIRO” e agora integra a atual exposição “MEMÓRIAS” e com a publicação do livro virtual e físico registramos e comunicamos parte do patrimônio imaterial dessa comunidade, ou seja, ouvimos, vimos, interpretamos, registramos e comunicamos história, cultura e memórias, por meio da Arte, numa ação que se insere no conceito da Museologia Social.

# REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

ALBERTI, V. Obras coletivas de História oral. **Tempo**: revista do Departamento de História da UFF, v. 2, n° 3, p. 206-219, jun. 1997.

AMARAL, M. G. R. **Entrevista concedida à Arlete Soares Godinho**. Luís Correia, 20 out. 2020.

BARBIER, R. **A Pesquisa-ação**. Brasília: Plano, 2002.

BARBOSA, A. M. As mutações do conceito e da prática. In: BARBOSA, A. M. (org). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002. Pp. 13-25.

BARBUY, H. A conformação dos ecomuseus: elementos para compreensão e análise. **Anais do Museu Paulista** (Impresso), São Paulo, v. 3, n.3, p. 209-230, 1995.

BARBUY, H. Escola e Museu: experiência sensível e didatismo como eixos comuns. In: GASPAR da S. V. L.; SOUZA, G. de; CASTRO, C. A. (Org.). **Cultura material escolar em perspectiva histórica**: escritas e possibilidades. 1 ed. Vitória: EDUFES; Sociedade Brasileira de História da Educação, 2018, v. 1, p. 138-150.

BASTOS, F. M. C. O perturbamento do familiar: uma proposta teórica para a Arte/Educação baseada na comunidade. In.: BARBOSA, A. M. (org.). **Arte/educação contemporânea**: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005. p. 227-244.

BOURRIAUD, N. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (Orgs.). **Pesquisa participante**: a partilha do saber. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2006.

CÂNDIDO, M. M. D. A pesquisa em Museologia ou... Por uma pesquisa adjetivada. In: ARAÚJO, Bruno Melo de; SEGANTINI, Verona Campos; MAGALDI, M.; HEITOR, G. K. M. (org.) **Museologia e suas interfaces críticas: Museu, sociedade e os patrimônios**. Recife: Editora da UFPE, 2019.

CAUQUELIN, A. **Arte contemporânea**: Uma introdução. Tradutora: Rejane Janowitz- São Paulo: Martins, 2005.

DECLARAÇÃO DE QUEBEC: Princípios de Base de uma Nova Museologia 1984. **Cadernos de Sociomuseologia**, n° 15. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, pp. 223-225, 1999.

DELGADO, L. de A. N. **História oral**: memória, tempo, identidades. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DEVALÉES, A.; MAIRESSE, F. **Conceitos Chave da Museologia**. Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: São Paulo, 2013.

ECOMUSEU Ilha Grande. **Projetos**. UERJ. Disponível em: <<http://www.ecomuseuilhagrande.uerj.br/>>. Acesso 25 jan. 2020.

FLORENCIO, S. Política de educação patrimonial no Iphan: diretrizes conceituais e ações estratégicas. **Revista CPC**, 14 (27 esp), 55-89. [HTTPS://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v14i27esp55-89](https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v14i27esp55-89).

GALENO, A. V. **Entrevista concedida à Arlete Soares Godinho**. Luís Correia, 20 out. 2020.

GIL, A.C **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1999. GODINHO, Arlete. Irradiação. Luís Correia, 2019a. Pintura em aquarela 29 x 42 cm.

GODINHO, Arlete. **Esse Coqueiro que dá cores**. Luís Correia, 2019b. Pintura em aquarela, 29 x 42 cm.

GODINHO, Arlete. **O pescador de ideias**. Luís Correia, 2019c. Pintura em aquarela 29 x 42 cm.

GODINHO, Arlete. **Ciranda de memórias**. Luís Correia, 2020. Pintura em aquarela 29 x 42 cm.

GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (org.) **Memória e patrimônio**: Ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. pp. 25-33.

GONDAR, J. Quatro proposições sobre memória social, In: GONDAR, J; DODEBEI, V. **O que é memória social**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

GONÇALVES, J. R. S. Ressonância, materialidade e Subjetividade: as culturas como patrimônio. **Horiz. Antropol.**, vol.11, n. 23, Porto Alegre, Jan./Jun 2005.

HALBWACHS, M. **Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HARTOG, F. Tempo e Patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 22, n. 36, p. 261-273, jul/dez 2006.

HORTA, M. de L. P.; GRUNENBERG, E; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Instituto do patrimônio Histórico e Artístico Nacional/museu Imperial, 1999.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Histórico e fotos de Luís Correia - PI**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/luis-correia/historico>. Acesso em: 02 Abr. 2021.

LE GOF, J. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão et. al. Campinas: Unicamp, 1990.

MARCUSCHI, B. A escrita do gênero memórias literárias no espaço escolar: desafios e possibilidades. **Cadernos Cenpec**, São Paulo, v. 2, n. 1, jul. 2012, p. 56- 60.

MEIHY, J. C. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de História** [online]. 2006, (155), 191-203.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORAES, F. dos S. **Histórias da Vila**: Coqueiro da Praia, Piauí. Parnaíba: Sieart, 2019.

OLIVEIRA, P. V. S. **Mar à venda**: pescadores e turismo no “Piauí Novo” (anos 1970). Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2017.

PELEGRINI, S. C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista Brasileira de História**, v. 26, n. 52, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

PINHEIRO, A. da P. Patrimônio Cultural e Museus: por uma educação dos sentidos. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n.58, p. 55-67, out/dez 2015.

PINHEIRO, A. da P. & CARVALHO, Rita de Cássia Moura. Rede de museus de território na área de proteção do Delta do Parnaíba. **Revista Iberoamericana de Turismo**, Penedo, v. 8, n. 4, set. 2018, p. 204-217. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>. Acesso 25 jan. 2020.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.

PRIOST, O. M. **Memória, comunidade e hibridação**: museologia da libertação e estratégias de resistência. Tese (Doutorado em Memória Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

READ, H. **A educação pela arte**. Trad.: Ana Maria Rabaça e Luiz Felipe Silva Texeira. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

RIVIÉRE, G. H. **La Museologie**. Textes et témoignages. Paris: Dunod, 1989.

RODRIGUES, M. do L. **Entrevista concedida à Arlete Soares Godinho**. Luís Correia, 19 out. 2020.

RODRIGUES, M. M. **Entrevista concedida à Arlete Soares Godinho**. Luís Correia, 18 out. 2020.

SANTOS, R. N. L. dos, Instituições públicas e produção cultural em Teresina (PI) nas décadas de 1970 e 1980. **História Oral**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 7-26, jan./jun. 2018.

SILVA, D. C. da. **Entrevista concedida à Arlete Soares Godinho**. Luís Correia, 19 out. 2020.

SILVA, M. T. Ensino de Arte nos Estados Unidos e no Brasil. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 14, p. 49 a 52, jan./abr. 1999.

SIVIERO, F. (2019). Para além das fronteiras: patrimônio cultural, educação e territórios educativos. **Revista CPC**, São Paulo, n. 27 especial, p. 111-132. jan./jul. 2019.

TOLENTINO, Á. B. Educação patrimonial e construção de identidades: Diálogos, dilemas e interfaces. **Rev. CPC**, São Paulo, n. 27 especial, p.133-148. jan./jul. 2019.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2011. THOMPSON, P. História oral: patrimônio do passado e espírito do futuro. In: WORCMAN, K.; PEREIRA, J. V. História falada: memória, rede e mudança social. São Paulo: SESC, 2006.

VARINE, H. de. **As raízes do futuro**: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

**Fontes Orais**

AMARAL, Maria Gorete Rodrigues. **Entrevista concedida à Arlete Soares Godinho.** Luís Correia, 20 out. 2020.

GALENO, Antonio Vieira. **Entrevista concedida à Arlete Soares Godinho.** Luís Correia, 20 out. 2020.

LIVRAMENTO RODRIGUES, Maria do. **Entrevista concedida à Arlete Soares Godinho.** Luís Correia, 18 out. 2020.

RODRIGUES, Maria Mirtes. **Entrevista concedida à Arlete Soares Godinho.** Luís Correia, 18 out. 2020.

SILVA, Dajanira Cardoso da. **Entrevista concedida à Arlete Soares Godinho.** Luís Correia, 19 out. 2020.

# APÊNDICES



## APÊNDICE A

Capa do livro de memórias poéticas com ilustrações em aquarela



### A COR DA MEMÓRIA

ARTE, EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO CULTURAL

ARLETE SOARES GODINHO

## Sumário

Parte I • Textos Poéticos

CAÍ NO POÇO | 19

PROCISSÃO POR MAR, POR CHÃO. | 23

DESPEDIDAS | 25

TOCATA ETÉREA | 27

OS BEBÊS NASCIAM EM CASA | 31

MARIA, VALEI-ME! | 35

QUANDO O MAR SE ABRIU | 39

O IRRISIVI EXISTE | 43

ANTIGAMENTE | 47

CIRANDA DE MEMÓRIAS | 51

Parte II

História do lugar | 56

Imergência na Vila Coqueiro | 60

Velejar fecundo para um revelar com arte | 69

REFERÊNCIAS | 87

## APÊNDICE B

### Termos de autorização do uso da imagem e da voz

#### TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Pessoas maiores de 18 anos

Título do Projeto - A cor da memória

Pesquisadora responsável - Arlete Soares Godinho

Orientadora - Elenilce Soares Mourão

Objetivo principal - Trabalho Final de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, da Universidade Federal do Piauí/ Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

67  
Eu, Maria Gorete Rodrigues Amaral, declaro, para os devidos efeitos legais, que autorizo a utilização das fotografias e imagens captadas, em caráter definitivo e gratuito decorrentes da minha participação no trabalho citado acima.

Os materiais produzidos com as imagens, som de voz e nome ora cedidos poderão ser veiculados em todos e quaisquer tipos de mídia existentes ou que venham a existir, inclusive mídia falada, eletrônica, digital, televisiva e/ou escrita, publicações e divulgações acadêmicas, por prazo indeterminado e sem restrição territorial.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a responsabilidade do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia e sob sua guarda.

Luis Correia, 22 de janeiro 2021

Nome: Maria Gorete Rodrigues Amaral

Endereço: Rua José Galeno, 10225, Coqueiro, Luis Correia.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ**

Pessoas maiores de 18 anos

Título do Projeto - A cor da memória

Pesquisadora responsável - Arlete Soares Godinho

Orientadora - Elenilce Soares Mourão

Objetivo principal - Trabalho Final de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, da Universidade Federal do Piauí/ Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

Eu, maria mirtes Rodrigues, declaro, para os devidos efeitos legais, que autorizo a utilização das fotografias e imagens captadas, em caráter definitivo e gratuito decorrentes da minha participação no trabalho citado acima.

Os materiais produzidos com as imagens, som de voz e nome ora cedidos poderão ser veiculados em todos e quaisquer tipos de mídia existentes ou que venham a existir, inclusive mídia falada, eletrônica, digital, televisiva e/ou escrita, publicações e divulgações acadêmicas, por prazo indeterminado e sem restrição territorial.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a responsabilidade do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia e sob sua guarda.

Luís Correia, 23 de fevereiro de 2021

Nome: Maria Mirtes Rodrigues

Endereço: Rua José Pinto 10331, Coqueira

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Pessoas maiores de 18 anos

Título do Projeto - A cor da memória

Pesquisadora responsável - Arlete Soares Godinho

Orientadora - Elenilce Soares Mourão

Objetivo principal - Trabalho Final de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, da Universidade Federal do Piauí/ Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

Eu, Maria do Livramento Rodrigues, declaro, para os devidos efeitos legais, que autorizo a utilização das fotografias e imagens captadas, em caráter definitivo e gratuito decorrentes da minha participação no trabalho citado acima.

Os materiais produzidos com as imagens, som de voz e nome ora cedidos poderão ser veiculados em todos e quaisquer tipos de mídia existentes ou que venham a existir, inclusive mídia falada, eletrônica, digital, televisiva e/ou escrita, publicações e divulgações acadêmicas, por prazo indeterminado e sem restrição territorial.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a responsabilidade do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia e sob sua guarda.

Luís Correia, 24 de fevereiro de 2021

Nome: Maria do Livramento Rodrigues

Endereço: Rua José Pinto, 10331, Coqueiro

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ**

Pessoas maiores de 18 anos

Título do Projeto - A cor da memória

Pesquisadora responsável - Arlete Soares Godinho

Orientadora - Elenilce Soares Mourão

Objetivo principal - Trabalho Final de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, da Universidade Federal do Piauí/ Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

Eu, Antônio Marcos Cardoso Silva, declaro, para os devidos efeitos legais, que autorizo a utilização das fotografias e imagens captadas, em caráter definitivo e gratuito decorrentes da minha participação no trabalho citado acima.

Os materiais produzidos com as imagens, som de voz e nome ora cedidos poderão ser veiculados em todos e quaisquer tipos de mídia existentes ou que venham a existir, inclusive mídia falada, eletrônica, digital, televisiva e/ou escrita, publicações e divulgações acadêmicas, por prazo indeterminado e sem restrição territorial.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a responsabilidade do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia e sob sua guarda.

Luís Correia, 23 de fevereiro de 2021.

Nome: Antônio Marcos Cardoso Silva

Endereço: Rua Miguel de Paulo, 11041, Coqueiro

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Pessoas maiores de 18 anos

Título do Projeto - A cor da memória

Pesquisadora responsável - Arlete Soares Godinho

Orientadora - Elenilce Soares Mourão

Objetivo principal - Trabalho Final de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, da Universidade Federal do Piauí/ Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

Eu, Tereza da Rocha Oliveira, declaro, para os devidos efeitos legais, que autorizo a utilização das fotografias e imagens captadas, em caráter definitivo e gratuito decorrentes da minha participação no trabalho citado acima.

Os materiais produzidos com as imagens, som de voz e nome ora cedidos poderão ser veiculados em todos e quaisquer tipos de mídia existentes ou que venham a existir, inclusive mídia falada, eletrônica, digital, televisiva e/ou escrita, publicações e divulgações acadêmicas, por prazo indeterminado e sem restrição territorial.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a responsabilidade do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia e sob sua guarda.

Luís Correia, 23 de fevereiro de 2021

Nome: Tereza da Rocha Oliveira

Endereço: Rua José Pinto

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Pessoas maiores de 18 anos

Título do Projeto - A cor da memória

Pesquisadora responsável - Arlete Soares Godinho

Orientadora - Elenilce Soares Mourão

Objetivo principal - Trabalho Final de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, da Universidade Federal do Piauí/ Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

Eu Antonio Vieira Galeno declaro, para os devidos efeitos legais, que autorizo a utilização das fotografias e imagens captadas, em caráter definitivo e gratuito decorrentes da minha participação no trabalho citado acima.

Os materiais produzidos com as imagens, som de voz e nome ora cedidos poderão ser veiculados em todos e quaisquer tipos de mídia existentes ou que venham a existir, inclusive mídia falada, eletrônica, digital, televisiva e/ou escrita, publicações e divulgações acadêmicas, por prazo indeterminado e sem restrição territorial.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a responsabilidade do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia e sob sua guarda.

Luis Correia, 22 de janeiro de 2021

Nome: Antonio Vieira Galeno

Endereço: Rua Zeferino Galeno, 1612, Coqueiro Luis Correia, Piauí.

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Pessoas maiores de 18 anos

Título do Projeto - A cor da memória

Pesquisadora responsável - Arlete Soares Godinho

Orientadora - Elenilce Soares Mourão

Objetivo principal - Trabalho Final de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, da Universidade Federal do Piauí/ Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

Eu, Luís Correia da Rocha Oliveira, declaro, para os devidos efeitos legais, que autorizo a utilização das fotografias e imagens captadas, em caráter definitivo e gratuito decorrentes da minha participação no trabalho citado acima.

Os materiais produzidos com as imagens, som de voz e nome ora cedidos poderão ser veiculados em todos e quaisquer tipos de mídia existentes ou que venham a existir, inclusive mídia falada, eletrônica, digital, televisiva e/ou escrita, publicações e divulgações acadêmicas, por prazo indeterminado e sem restrição territorial.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a responsabilidade do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia e sob sua guarda.

Luís Correia, 23 de fevereiro de 2021.

Nome: José Armando Oliveira Pereira

Endereço: Rua José Pinto,

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E VOZ

Pessoas maiores de 18 anos

Título do Projeto - A cor da memória

Pesquisadora responsável - Arlete Soares Godinho

Orientadora - Elenilce Soares Mourão

Objetivo principal - Trabalho Final de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, da Universidade Federal do Piauí/ Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

Eu, Dajanira Cardoso da Silva, declaro, para os devidos efeitos legais, que autorizo a utilização das fotografias e imagens captadas, em caráter definitivo e gratuito decorrentes da minha participação no trabalho citado acima.

Os materiais produzidos com as imagens, som de voz e nome ora cedidos poderão ser veiculados em todos e quaisquer tipos de mídia existentes ou que venham a existir, inclusive mídia falada, eletrônica, digital, televisiva e/ou escrita, publicações e divulgações acadêmicas, por prazo indeterminado e sem restrição territorial.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a responsabilidade do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia e sob sua guarda.

Luís Correia, 22 de janeiro de 2021

Nome: Dajanira Cardoso da Silva

Endereço: Rua José Guirino, 10460, Coqueiro

## APÊNDICE C

### Transcrições de entrevistas

#### **AMARAL, Maria Gorete Rodrigues**

Entrevista concedida à Arlete Soares Godinho. Luís Correia, 20 out. 2020.

**Pesquisa:** A cor da memória: educação e arte pelo patrimônio na Vila Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí, Brasil.

Responsável pela pesquisa: Arlete Soares Godinho.

Tipo de entrevista: História de vida ( ) total ( x ) tópica

Entrevistadora: Arlete Soares Godinho (A.G.)

Entrevistada: Maria Gorete Rodrigues Amaral (M.G.);

Idade: 67;

Local: Residência da entrevistada; Data: 20/10/2020;

Duração: 00:40:42.

Tipo de registro: gravador de voz e fotografias do telefone celular.

Fotografia: Mariana Godinho Silva;

Transcrição de entrevista: Mariana Godinho Silva;

Revisão de transcrição: Arlete Soares Godinho;

Transcrição da entrevista: ( x ) total ( ) parcial;

Data da transcrição: janeiro de 2021.

A.G. - Boa noite, Dona...

M.G. - Gorete.

M.G. - Gorete, *né?* Agora poderia dizer seu nome todo?

M.G. - É Maria Gorete Rodrigues Amaral.

A.G. - Maria Gorete Rodrigues Amaral... Qual é a sua idade?

M.G. - Sessenta e sete.

A.G. - Então, é... Dona... Dona Gorete, a senhora poderia, é.. me dizer desde quando a senhora mora aqui no Coqueiro?

M.G. - Desde sessenta e sete.

- Mil novecentos e sessenta e sete.

M.G. - É, eu nasci e me criei aqui, só que eu passei vinte e dois anos fora. Mas, isso não importa, o que consta...

A.G. - É, e as histórias que eu quero saber são as mais remotas, as mais antigas que a senhora lembrar, de quando a senhora era criança, quais são as lembranças que vêm na sua cabeça, assim, as imagens, sobre o que mais lhe dá saudade quando a senhora lembra, como eram as casas, como foi que foi sendo construída a igreja, a praça... São essas memórias que me interessam, que a senhora diga assim com riqueza de detalhes o que a senhora conseguir lembrar.

M.G. - Tá bom. E eu, eu tenho a maior alegria de falar, é, esses tempos que você quer saber. Porque de agora eu *num* conto muita coisa, sabe? Porque a saudade que eu tenho é daqueles tempos atrás mesmo. Sabe, as casas eram aqui, eram umas, posso dizer uma aldeia, *né*. As casinhas muito, sabe? De palha, palha de carnaúba, você conhece, *né*?

A.G. - Sim.

M.G. - Feitas de taipa, nem reboco tinha. Algumas tinham reboco, outras só eram cheias mesmo as paredes. E posso dizer que muita pobreza. Mas atrás disso tudo tinha coisas boas. A humildade das pessoas. Porque é isso que me dá muita saudade, muita saudade mesmo. As pessoas eu acho... Eu nasci e me criei aqui, mas eu acho que as pessoas não têm mais aquela humildade de antigamente.

A.G. - Como é que a senhora percebe isso? No jeito de tratar as pessoas?

M.G. - Isso. Tanto de ter a educação melhor, mas eu acho que tratamento... muito pouco.

A.G. - Tem mais educação escolar, *né*? Mas falta aquela outra educação, *né*? Então... é, já que falamos em educação, é, a senhora estudou? A educação formal mesmo em escola?

M.G. - Estudei.

A.G. - Como era?

M.G. - Eu estudei, era no tempo da cartilha, do a b c... E só fiz o quarto ano. Quarto ano, *né*? Que é primeira série e segunda que agora é uns graus mais elevados, você entende, *né*?

A.G. - Uhum.

M.G. - Só estudei até o quarto. Comecei aqui e em Parnaíba, porque na época era muito difícil estudar em Parnaíba. A gente ia de trem e era muito difícil. E era aquelas pessoas que tinha uma condição mais...

- Melhorzinha...

M.G. - Melhorzinha. E a força de vontade. Meu pai sempre teve.

A.G. - E esse trem deixou de passar, não tem mais a estrada?

M.G. - Não, tem não.

A.G. - E... Então a senhora não tem uma profissão, assim.. formal, *né*? O que que... A senhora trabalhou de alguma coisa? Ou trabalha? Não, *né*?

M.G. - Não. Eu me aposentei por a pesca, mas na realidade, só foi o nome mesmo, que pescar eu nunca pesquei.

A.G. - Uhum.

M.G. - Tem que falar a verdade mesmo.

A.G. - Não, mas é justo! Com certeza a senhora fez outras coisas que ajudaram.

M.G. - Só doméstica mesmo.

A.G. - É... E as suas lembranças de infância? Assim, as brincadeiras, o que que a senhora lembra? Como eram as brincadeiras da sua infância?

M.G. - Eram engraçadas as brincadeiras, viu? (risos)

A.G. - Como era? (risos)

M.G. - As brincadeira aqui... Meu avô tinha a casa lá perto da praia...

- Uhum.

- E tinha uns coqueiros na frente, que agora não tem, não existe mais esses coqueiro.

- Uhum.

M.G. - Foi até meu avô que plantou. E aí a gente pegava aquelas ... Cortava a palha do coqueiro e deixava só aquela cabeça.

A.G. - Uhum.

M.G. - E ficava eu, minhas prima. Na época era pouca gente aqui também, era pequeno, mais era família. E a gente sentava naquelas chamadas capemba de coco, né ?

A.G. - Uhum.

- E saía descendo até a praia. Isso eram as brincadeiras. E existiam outras assim. Era simples as brincadeiras.

A.G. - E as músicas? A senhora tem lembrança de alguma?

M.G. - Ah, domingo mesmo eu tava falando aqui com uma cunhada, contando pra ela como era, e ela sorria e dizia “mas era mesmo?” digo “era”. As música aqui era... O primeiro rádio que apareceu aqui foi meu pai que comprou. Aqueles rádio Semp, de madeira, fazia festa. Era festa que a gente fazia. E era a tarde, porque era tudo lumiado de lamparina. Ninguém fazia festa a noite, tinha que ser de tarde.

A.G. - Então o rádio era a pilha...

M.G. - O rádio a pilha. E aí fazia essa festa, festa com... As festas costumavam ser na casa do meu pai, porque era lá onde a gente tinha mais... E era as brincadeiras daqui... Não existia essas coisas...

A.G. - Quem participava das festas?

M.G. - Eu, minhas primas, minhas irmãs e algumas coleguinhas que a gente tinha na época, assim, que era pouca, *né*, muito pouca.

A.G. - Qual era a idade mais ou menos que a senhora tinha nessa época das festas?

M.G. - Treze, quatorze...

A.G. - Ainda era considerado criança, ainda?

M.G. - Criança... (risos)

A.G. - A senhora casou? Com quantos anos?

M.G. - Dezesete. (risos)

A.G. - Ah... (risos) E... E qual era o divertimento, assim? Era como, tinha festa além dessas que vocês faziam de tarde tinham outras?

M.G. - Não.

- Era só essas aí...

- De ano em ano se ia naquele povoado Carnaubal, não sei se vocês já ouviram falar...

A.G. - Ouvi falar!

M.G. - Carnaubal. Nós ia de ano em ano nossa mãe levava a gente lá.

- Nessa festa...

- Era. Doze de junho, primeiro de janeiro.

A.G. - São datas comemorativas de algum santo, alguma coisa?

M.G. - É, de santo. Doze de junho, que festejava o santo Antônio, como ainda festeja, *né*.

A.G. - Sim.

M.G. - E dia de ano, que era... Aqui não se falava em natal, ninguém nem sabia o que era natal aqui.

A.G. - Rum.

M.G. - Na época ninguém sabia que era natal. Inclusive eu tava até falando aqui pra ela. Aí ela: “mas era mesmo?” eu digo: “era”. Ninguém comemorava Natal que ninguém sabia. Entrava natal e saía natal e ninguém sabia o que era isso pra você ter uma ideia.

- (risos)

M.G. - Ninguém sabia o que era não. Então só se comemorava ... e as festa lá do dia doze de junho e no natal a gente... a gente... é dia de ano, entrada de ano! Entrada de ano novo. Não se falava em natal. Aí iam pra festa lá. Era de ano em ano que a gente ia. Aliás, duas vezes ao ano, *né*, que era junho e janeiro e mais nada. E também, religião a gente ia a Sobradinho, Carnaubal e Jabuti.

A.G. - Sobradinho já tinha uma igreja?

M.G. - Sim, eu já alcancei. Quando eu nasci, eu já alcancei a igreja lá. É, sobradinho... E Carnaubal também, pequenininha a capelinha, mas já alcancei. Tinha. Aqui que não tinha nada, não tinha nada. Mas a gente costumava ir às missas lá. Sobral e Carnaubal.

A.G. - Qual era o santo lá da... de Sobradinho?

M.G. - Santa Ana.

- Santa Ana...

- Santa Ana e no Carnaubal era Santo Antônio.

A.G. - Santo Antônio... E aí como foi que a senhora conheceu seu marido?

M.G. - Conheci aqui. Ele é de Barra Grande, na época que se pescava... a pescaria aqui. Que agora só tem o nome de pescador, não se pesca. Mas na época tinha pescaria, aí eles vinham lá de Barra Grande os pescadores, pescar aqui. Que aqui que era onde dava mais o peixe, *né*?

A.G. - Hum...

M.G. - Pegava mais o peixe. Aí eles vieram pra cá, aí eu conheci ele aqui. Conheci ele com dezesseis anos, com dezessete me casei.

A.G. - Mas foi a senhora mesmo que escolheu, se apaixonou, não foi ninguém que arrumou pra senhora não...

M.G. - Não...

- (risos)

M.G. - Até sem minha mãe querer!

A.G. - Ah, então foi querendo mesmo. (risos)

M.G. - Minha mãe não queria de jeito nenhum e aí a gente se casou.

A.G. - Casaram na igreja?

M.G. - Não. No civil.

A.G. - E assim, aqui não tinha ainda igreja, e como era esse lado místico, religioso, como era que se dava isso aqui? Antes?

M.G. - Era até engraçado esse lado religioso, porque eu costume, eu acho isso engraçado, porque agora já tem, agora que já tá essa frequência maior ali naquela igreja. Mas antigamente frequentava pouca gente e era engraçado que não tinha igreja aqui, mas as pessoas, poucas pessoas que existiam aqui nesse lugar, eles se empenhavam de ir ao Carnaubal, Sobradinho, Jabuti. A gente ia à missa lá. Caminhando.

A.G. - Com que frequência? Uma vez na semana?

M.G. - No mês!

A.G. - Ah!

M.G. - Mês de festejo. Não se ia assim, sabe? Sobrado mês de julho, que lá é o festejo, e Carnaubal junho e no Jabuti outubro.

- Ah, tinham os tempos dos festejos.

- Sim, não era assim...

- Com uma frequência não...

- Com uma frequência não...

A.G. - Mas tinham outras manifestações assim religiosas, de outra religião?

M.G. - Não, não existia de jeito nenhum, não se falava de jeito nenhum em outra religião. Sabe, era muito difícil, quando, às vezes... era muito difícil, me lembro disso. Se chamava comunista se aparecia, era muito difícil. Era comunista.

- É, se falasse em outra religião era...

- Comunista. Ser comunista.

A.G. - E queria dizer o que com isso?

M.G. - Que não era bom!

- (risos)

- Agora a gente vê assim, *né*, tão... Mas na minha época era assim.

A.G. - Mas não aparecia manifestação assim de macumba, candomblé, essas coisas?

M.G. - Existia, aparecia.

A.G. - Ah... Mas não era bem visto...

M.G. - Não. Não era bem visto, não... Mas aparecia, sabe... Era difícil, que às vezes entrava gente de fora, *né*...

A.G. - Uhum.

- Assim, pra vir fazer essas coisas.

- A senhora lembra de alguma história envolvendo isso?

M.G. - Quando eu me lembro dessa história aí... Primeiro que eu só tenho visto esses negócios aqui, eu tinha... já tinha quinze anos na época. Já tinha quinze anos... Inclusive até meu tio... Naquele tempo, sei lá como era que as pessoas... Hoje é muito difícil as pessoas (risos). Mas aí ele adoeceu. Um mistério nos dentes... E adoeceu desses dentes. Na época era tudo difícil, médico, daqui para chegar em Parnaíba, era demora, através de trem

naquela época. E aí quando começou a sair o trem e começou algum carro a aparecer por aqui, era pela maré, quando a maré secava, que esse carro vinha, só um.

A.G. - Nossa...

M.G. - Só um. Vinha, e pra voltar tinha que ser quando a maré...

- Baixasse de novo...

- Também. E tudo era muito difícil. Então era muito sacrifício. E aí, ele ainda andou, ainda conseguiu, ainda, andar pela Santa Casa em Parnaíba, mas na época era muito difícil. Engraçado como é as coisas, aquela... não sei nem como posso lhe dizer.

- O desespero pra poder resolver, né ...

- É, aparece um homem, né, aparece a informação, e aí aparece esse homem aí e disse que ele ia ficar bom, que ia fazer ele ficar bom, que era esse negócio. Mas só que não era, era aquela doença já, sabe... Só que a gente não tinha entendimento, e aí aquilo se tornava uma animação, sabe? Ele fazia assim tipo uma festa. Dizendo ele naqueles tratamentos dele. Ele fazia tipo assim uma festa, sabe? E naquele tempo aquelas pessoas se convenciam assim muito fácil. Assim, não era se convencer fácil. Era assim uma coisa que eles nunca tinham visto. Se tornava uma admiração. E logo não tinha nada. Não tinha nada pra frequentar, não é? Como eu estou lhe falando, era muito difícil, mas uns sempre, no meio de tanta gente, como a população era pequena, mas no meio daquelas poucas tinha gente que não acreditava, que achava meio sei lá, um desespero. Um desespero. E se afastava, não acreditava. E era assim, aparecia.

A.G. - Aí tinha... Batia tambor? Tinha aquelas ...

M.G. - Uhum. Mas foi por pouco tempo, que ele foi desmascarado.

A.G. - Era charlatanismo...

M.G. - Era. Não curou e meu tio veio a falecer.

A.G. - Certo. E a senhora lembra da construção da praça, da igreja, assim?

M.G. - Meu amor, da praça eu não posso lhe informar porque da praça eu já tinha saído desse lugar.

A.G. - Ah, foi o tempo que a senhora passou longe.

M.G. - Foi. Que eu já saí e quando eu cheguei já tinha praça.

- sim.

-Aí eu não posso lhe informar.

A.G. - Mas a senhora lembra de antes, o que tinha no lugar?

M.G. - Lembro.

A.G. - Como era?

M.G. - Só era casa. As casinhas. Aquela praça ali ao lado era as casinhas do tipo que eu falei pra vocês. As casinhas. Do lado uma da outra.

A.G. - Poucas, né...

M.G. - Poucas.

A.G. - Essas pessoas saíram voluntariamente ou porque mandaram sair?

M.G. - Não. Eles saíram, meu bem, porque na época, a condição não tinha de fazer uma casinha melhor, aí eles começaram a vender. Começou a aparecer pessoas para comprar, né, como vocês veem ali. Aí eles já vendiam e já iam saindo mais para poder construir uma casinha melhor

A.G. - Certo.

M.G. - É assim foi que aconteceu.

A.G. - Certo. Só teve uma pessoa que falou que lembra da dança do coco. A senhora lembra?

M.G. - Lembro.

A.G. - A senhora lembra de como era? Tinha instrumento musical? Como era a música? Roupa específica?

M.G. - Olha, eu lembro, mas eu nunca fui ver. Porque na época eu já era casada, já tinha meus dezessete anos. Eu já era casada e eu nunca fui ver. Meu marido ele foi muitas vezes ver.

- (risos)

M.G. - Mas eu comecei logo, *né*, aí eu não ia, porque naquele tempo era uma lei muito assim... Mulher casou tem que ficar em casa.

A.G. - O homem podia ir, mas a mulher não. (risos). E aí casou muito nova, *né*.

M.G. - Muito nova e fui logo ter filho, *né*, ter filho. E a ordem era essa. Tem filho, não sai de casa e fica aí.

- Cuidando do menino.

- Cuidando e pronto. A ordem era essa.

A.G. - Aí a senhora só ouvia falar, não chegou a ver...

M.G. - Não cheguei a ver. Mas me lembro das musiquinhas, das danças. Era tipo umas cabacinhas, *né*, aqueles...

- Maracazinho.

- Aqueles maracás... Mas eu mesma nunca fui ver não.

- Certo. E lembra de alguma outra dança ou música ou atividade assim cultural, tipo de festa que tinha aqui? Coisa bem específica daqui? Tinha ou não tinha?

- Na minha época não.

- Não lembra, *né*...

- Não, só lembro desse tempo dos... Aí depois né que foi aparecendo umas radiolas, radiola a pilha, *né*, aquelas radiolas. Depois do rádio.

- E a senhora falou que a saúde era precária e tudo, e tinha assim, rezadeira, essas coisas assim?

- Tinha.

- E funcionava, esse funcionava?

- Funcionava.

- A senhora lembra de alguma história assim que tenha curado, alguma história que a senhora possa me contar?

- Lembro porque aí já eu lembro do tempo de criança que minha mãe tinha as curadeiras assim de rezar. Chamava-se quebranto, né, a criança adoecia... Porque hoje é mau olhado... Mas tinha um senhor e uma senhora aqui, que eram chamados. Minha mãe cansou de chamar pros meus irmãos pequenos quando adoeciam ela chamava, rezava e eles ficavam bons.

- Não tem mais não?

- Não, porque essas pessoas já se foram.

- E esse tipo de coisa não ensina pra outros não, *né*?

- Inclusive, essa pessoa ela deixou um neto que ele aprendeu todas as rezas dela, dessa senhora. Ele aprendeu todas as rezas. Mas ele não tá mais rezando. Até um tempo ele rezava, sabe? Mas, ele não tá mais rezando. Mas ele sabia e rezava e as pessoas se davam bem.

- Por que será que ele parou?

- Eu não sei nem porque, porque ele é jovem, eu não sei nem porque ele parou, porque ele é católico, ele canta ali na igreja, ele toca na igreja, ele é do movimento. Eu não sei por que que ele parou. Mas ele era bom, era igual ela.

- Como era o nome da mãe dele? Da avó, *né*?

- Francisca, mas só chamavam Chiquita.

- A Chiquita era a rezadeira... E o nome dele?

- É Bruno.

A.G. - Certo. E... Deixa eu ver o que mais... Como era que as crianças nasciam, como eram os partos, tinha parteira?

M.G. - Parteira inclusive os meus tudinho foram de parteira, só tive um no hospital.

A.G. - E dava tudo certo?

M.G. - Eu tive sete filhos, seis eu tive tudo em casa. Só tive o último que eu tive no hospital porque aí ocorreu isso, *né*.

A.G. - Como era a questão do umbigo, como era que resolvia? Sarava direitinho? Cortava?

M.G. - Sarava, cortava...

A.G. - E depois a senhora não tinha problema nenhum, nenhuma inflamação?

M.G. - De jeito nenhum.

A.G. - Impressionante.

M.G. - Sentada... Falar como a gente paria... Era sentada, tinha aqueles tamboretinhos, *cê* sabe o que é tamborete?

A.G. - Sei.

M.G. - Deitava no tamboretinho, botava os paninhos e a gente sentava ali e a parteira ficava aqui na frente pra pegar a criança.

A.G. - Ah, era sentada, não era deitada não.

M.G. - Era, sentada.

A.G. - Sem se encostar em nada?

M.G. - Nada. Botava o banquinho e o paninho, se sentava só a parteira na frente.

A.G. - Mais ninguém ajudando?

M.G. - Tinha. Eu, pelo menos, eu tive meus filhos e só tinha uma comadre minha que todo parto meu ela vinha pra ficar ali.

- Ajudando...

M.G. - É. Minha mãe, dos cinco... dos quatro ela assistiu comigo, porque ficava ali dentro do quarto, né. Se precisar alguma coisa... Porque naquela época ali a gente ia ter o filho, a gente tinha que ter aquele balaio ali, tinha que ter um fogo ali, a água quente pra banhar a criança, tinha que ter aquele fogo aceso ali com aquele balaio queimando aquela alfazema pra ficar cheirando os paninhos... Tudo isso. Aí precisava.

A.G. - Era?

M.G. - Era.

A.G. - E o que mais?

M.G. - Tudo isso que precisava e eram três pessoas. A parteira, a minha mãe e a comadre, que sempre assistiam.

A.G. - Aí a parteira recebia a criança e aí quem cuidava da senhora? Ela também?

M.G. - Ela também. Deixava a criança, sempre tinha um paninho assim no chão, sempre tinha um pano assim no chão, botava a criança lá enquanto cuidava, me deitava lá na rede e depois ela vinha cortar o umbigo da criança. Amarrava com aquele pano de algodão que se fazia. Quando a gente ia ter filho, tudo já era tudo preparado. Fazia aquele toçazinho de algodão, aí deixava no ponto que era pra quando a criança nascer já ter aquele algodãozinho pra amarrar o umbigo quando cortasse. Não se falava em esparadrapo, essas coisas, nada não. Já tinha que ter aquilo tudo preparado.

A.G. - E teve alguma história que a senhora lembra que deu algum problema na hora, que a mulher não tinha força, não teve nada assim não? Tudo dava certo?

M.G. - Tudo dava certo, tudo era por Deus, porque a coisa era difícil. Tudo era por Deus.

A.G. - Aí cortava com o que o umbigo? O cordão? Porque é emendado, né, da mulher pra criança.

M.G. - Já tinha aquela tesourinha, pra você ver como é as coisas. Tinha aquela tesourinha apropriada, guardadinha pra aquele fim.

- Limpava direitinho...

- É, nem se falava em álcool naquele tempo. Não se falava em álcool não. O que usava muito, sabe o que era? Era o óleo doce. Que hoje eles chamam... não sei nem como é que eles chamam... Que aqui meu neto tem a meninazinha. Naquele tempo era óleo doce, pra passar, né... passava... depois que cortava, passava, e amarrava com aquele algodãozinho e botava assim... oh, tipo isso.

A.G. - Uhum...

M.G. - a gente fazia aqueles paninhos, com isso daqui e aquelas quatro coisas que era pra amarrar aqui, oh, no umbigo da criança (inaudível).

A.G. - Parecendo a mascarazinha que a gente tá usando hoje (risos).

M.G. - É... Só que não era assim, tinha as tirinhas pra amarrar. E o engraçado: você sabe quantos dias a gente passava deitada?

A.G. - Não.

- Cinco dias.

A.G. - Somente...

M.G. - Cinco dias dentro de um quarto, sem sair pra fora de jeito nenhum, deitada, sem tomar banho, só um asseio mesmo lá dentro... Não se levantava da rede. Só pra fazer mesmo. Naquele tempo não existia banheiro e nem essas facilidades. Tinham aqueles peniquinhos, né, aí botava aqueles peniquinhos em cima do tamborete, que era pra não se abaixar, que era... E tinha aquilo ali pra gente fazer ali.

A.G. - Botava o peniquinho debaixo do tamborete, o tamborete furadinho, com o buraquinho, né, pra você sentar e... fazer a necessidade.

M.G. - E com cinco dias se saía de dentro do quarto pra tomar um banho, com cinco dias. Com a água morna. E ficava dentro de casa, que não abria as portas não. Com cinco dias você saía só de dentro do quarto. Tomava o banho com água morna e não abria a porta da casa não, você ficava lá. Depois daqueles cinco dias era que você ia começar a andar, tomar banho...

A.G. - Por isso que não tinha... Pra não dar uma infecção, né, não adoecer, não quebrar o resguardo.

M.G. - Isso, era cinco dias que a gente ficava lá. Hoje a mulher pare à noite, dá no outro dia...

- Tem alta, pode sair.

- É. Era muito engraçado. (risos). Era muito engraçado.

A.G. - Quer dizer que o ambiente era esse, um quartinho, uma rede armada, um tamborete, um paninho pra criança, né, a parteira e uma ajudante ali.

M.G. - É, era.

- E o fogo com alfazema queimando.

- É, queimando que é pra criança não sentir dor de barriga.

- A alfazema era isso... A ciência era essa...

- É, a ciência era essa, pra perfumar os coeiros, né, que eles falam. Fala mais é em fralda agora...

- Os paninhos...

- Os paninhos. Então era assim. E eu vi isso da minha mãe, que eu acompanhei alguns... E foi desse jeito. E era assim.

A.G. - E dava tudo certo, não é?

M.G. - Tudo certo.

A.G. - Aí disso a senhora sente saudade... A senhora já falou, né, desse tempo aí, achava melhor do que o que é hoje, mesmo com toda a dificuldade?

M.G. - Mesmo com toda a dificuldade. Eu sinto... sinto saudade. Tem muita facilidade hoje, mas...

A.G. - O lado bom seria, assim, essas facilidades, que a senhora diz, tecnologia...

M.G. - Isso...

A.G. - E o lado ruim, essa falta que a senhora diz, né, essa falta da humildade, da relação entre as pessoas.

M.G. - Sim, respeito... Que naquele tempo se respeitava, aqui mesmo nesse lugar, meu avô, todas as pessoas daqui, iam nascendo, tudo era avô, tudo tomava a bênção, tio, era tio, tudo se respeitava. Hoje, nem os filhos querem tomar mais bênção a gente. E eu vejo muito isso aí, sabe? Todos se respeitavam, todo mundo era gentil. E eu sinto, de verdade mesmo. Tem facilidade, claro, graças a Deus que as coisas melhorou, mas eu sou franca em dizer que tenho saudade daquele tempo. Dessa parte eu sinto. Eu não posso negar, eu sinto...

A.G. - Certo... Pois, dona Gorete era basicamente isso que eu tinha para conversar com a senhora, essas suas memórias, eu adorei ouvir a história do parto, já me deu ideia aqui de desenhar, de pintar (risos).

-(risos)

A.G. - Pois eu lhe agradeço muito, tá? Quando eu conseguir fazer algum texto, alguma pintura eu venho mostrar pra senhora, tá bom?

M.G. - Tá bom.

- Pois...

\_ Desculpe aí.

A.G. - Não, imagina, eu que peço desculpa pelo incômodo, eu sei que o tempo da gente é importante, mas eu adorei conversar com a senhora, lhe conhecer e só tenho a lhe agradecer, tá bom?

**GALENO, Antonio Vieira.**

Entrevista concedida à Arlete Soares Godinho. Luís Correia, 20 out. 2020.

**Pesquisa:** A cor da memória: educação e arte pelo patrimônio na Vila Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí, Brasil.

Responsável pela pesquisa: Arlete Soares Godinho.

Tipo de entrevista: História de vida ( ) total ( x ) tópica;

Entrevistadoras: Arlete Soares Godinho (A.G.); Mariana Godinho (M.G.)

Entrevistado: Antônio Vieira Galeno (A.V.);

Idade: 68;

Apelido: Seu Antônio da Laura;

Local: Residência do entrevistado;

Data :20/10/2020;

Duração: 00:51:57

Tipo de registro: gravador de voz e fotografias do celular;

Fotografia: Mariana Godinho Silva;

Transcrição de entrevista: Mariana Godinho Silva;

Revisão de transcrição: Arlete Soares Godinho;

Transcrição da entrevista: ( x ) total ( ) parcial;

Data da transcrição: janeiro de 2021.

A.G. - Meu nome é Arlete Godinho, sou aluna do mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia. Conversando aqui com seu Antônio, conhecido como Seu Antônio da Laura, né?

A.V. - Antônio da Laura, é!

A.G. - Qual é (pausa) a sua idade, o senhor pode me dizer?

A.V. - A minha idade eu posso dizer, eu tenho 68 anos, já quase fechando os 69, porque eu vou completar agora em dezembro, no dia primeiro, 69 anos. (silêncio) eu nasci no dia primeiro de dezembro de 51 (silêncio) então, no final de um ano e no início do outro...

A.G. - É. (pausa) Seu Antônio, aí a nossa conversa, eu vou falar (pausa) eu vou lhe perguntar algumas coisas sobre a história daqui do Coqueiro, desde quando o senhor chegou aqui

A.V. - Quando começou o Coqueiro

A.G. - Isso. Assim, aí eu queria que o senhor durante a conversa, eu tenho algumas perguntas, mas eu vou lhe adiantar os temas que nós vamos falar pro senhor já ir lembrando alguma coisa. Nós vamos falar sobre, é

- Desenvolvimento

- As primeiras moradias

- As primeiras moradias e como veio o desenvolvimento, é isso que você quer, né?

- Exatamente, como eram as casas, assim, com detalhes...

A.V. - olhe, no início do Coqueiro, eu nasci aqui, sou de famílias das mais velhas daqui, sou da família de Miguel, meu vô é Miguel de Paulo, ele morreu com 96 anos de idade. Aí, eu nasci, passei a me criar aqui nesse Coqueiro, era pouquinha casa, tudo casa de taipa. O meu pai foi uma das pessoas que teve melhor condição aqui. Ele casou e fez uma casa grande de taipa, mas preparada pra fazer festa. Ele fazia duas festas no ano. Ele fazia uma festa no dia primeiro de janeiro e fazia uma festa em junho dependendo do dia que ele quisesse marcar, né? Por motivo de festejo, essas coisas. Aí era distante, abaixo da Pousada Aguiar que tem aqui, ao lado (inaudível) desse lado aqui, desse colégio

A.G. - hum

A.V. - Fez um grande sítio de coqueiro, plantou trezentos pés de coqueiro e lá ele se assituou, constituiu família, nós (inaudível)... Porque naquela época morria muita gente de febre, cesão que chamava, né?

A.G. - Ah, era?

A.V. - A coqueluche, que é a tosse braba

A.G. - uhum

A.V. - E aí nasceu foi muitos, mas nós se criamos onze... Buzina

A.V. nasceu dezessete

A.G. - hum...

A.V. - criou-se onze filhos. Aí quando foi na década de sessenta e dois ele deixou tudo lá e viemos morar bem aqui ao lado do Alô Brasil, não sei se você já conhece

- já

A.V. - ali de trás de pousada Maia, nós moremos muitos anos, acabemos de se criar aí, né? Só que ele sofreu uma crise, ele adoeceu, deu uma doença do estômago e esta doença matou ele. Ele passou vinte e tantos... vinte e dois anos doente dessa doença. Uma coisa irrisível. A doença era uma dor muito forte. Quando doía, é, deixava ele às vezes até de vela na mão

A.G. - meu Deus

A.V. - e aí acalmava, ia acamando, ele ficava todo magoado, que não podia comer nada que batesse no estômago, né? Aí ficava (inaudível) mingau de goma, essas coisas, né? Arroz branco mexido, esse negócio, até quando sarava. Quando sarava ele partia pro serviço. Um homem muito herói, muito trabalhador, muito procurador. Aí ele sempre trabalhava no período do inverno, em safra de muito peixe, de sócio mais um prefeito lá de Parnaíba. Era João Soares o nome do cara. Aí botava os curral de... de arame (pausa) ele ia tirar madeira no alto da laranjeira, ele ia tirar madeira no cocal... de telha, ou cocal não sei de que cocal.

A.G. - hum

A.V. - e ele tirava abaixo da onça, ia tirar madeira lá e essa madeira vinha nos trem trazido pela gonda do trem. Sabe o que é gonda? O trem arrasta ela, né? Botava essa madeira na gonda do trem e vinha e esta madeira ficava bem aí na praia da Atalaia. Ali tinha uma grande estação, um farol. Tudo já foi retirado. Ali a madeira ia derramada ali e os homem faziam a balsa dessa madeira, colocava dois tamburil, tamburil é a raiz daquele (pausa) daquela planta que fazem gamela, tamanco, essas coisas, né? Da árvore. E a raiz é o tamburil de

boia, que boia muito, é maneirinho. Aí botava um pedaço, fazia uma jangada de madeira, que é o curral. Madeira de trinta palmos de tamanho, vinte e tantos palmos. Aí arrastar lá da praia do Atalaia até aqui no Coqueiro da Praia. Aqui botava pra cima, eles iam fazer as ponta, botar uma argola na cabeça desse borão pra bater ele lá no mar, sabe?

A.G. - uhum

A.V. - então, um curral investe mil e tantos pau

A.G. - gente...

A.V. - é... mil e quinhentos, mil e setecentos, mil e seiscentos, dependendo do tamanho do curral. Mas também, ele deu maré de... eu me lembro, eu criança, de pegar quarenta e seis camurupim numa maré. Peixe de cinquenta quilos pra baixo.

A.G. - uau

A.V. - Peixe de lance chamado. Que o camurupim ele vai até pra cem quilos, cento e tantos quilos.

A.G. - então valia a pena, né?

A.V. - valia!

A.G. - muito trabalhoso, um investimento alto ...

A.V. - aí ele doente, mas quando ele melhorava ele ia pr'essa luta. E no verão ele botava rede nesses Recife e pescava de tarrafa e mantinha todo tempo, criou a família com a luta dele na pesca, né? E desses onze filho dele, que agora não tão mais onze vivos, já morreu uma lá em São Paulo (pausa) nasceu eu que acho que jogaram o imbigio no mar, que tem esse mistério

A.G. - como assim?

- quando a criança nasce, aqui, pra nós, nascia em casa, na parteira de casa, que bota o pó do fumo no imbigio pra sarar o imbigio. O imbigio depois que cai elas pegam e diz assim: "bora enterrar na porta do curral do gado do fulano de tal, que é pro meu filho possuir gado." Outra diz assim: "eu vou jogar o imbigio dele no mar que é pra ele ser um grande pescador". Então fizeram isso, jogaram imbigio de gente em todos os canto e acho que o meu jogaram no mar, não sabe?

A.G. - ah, sim

A.V. - porque eu abracei a pesca desde os nove anos de idade e to com sessenta e oito, como lhe falei e a taca é essa: no dia que eu não vou pro mar eu tô com saudade. Alguém me pergunta se eu não tenho abuso do mar ou se eu não tenho abuso dessa profissão, eu digo "não, eu tenho é um vício, eu tenho é um dom". Vou morrer pescando, se Deus quiser. Aí, o meu pai morreu, morreu cedo. Morreu com cinquenta e quatro anos de idade.

A.G. - oh, foi bem novo.

A.V. - aí nós ficemo órfos. Num lugar desse aqui, sem um emprego, sem um serviço. Aí eu fiquei pescando (silêncio) e (silêncio) os filhos mais velhos, que eu não sou dos mais velhos, os filhos mais velhos caíram na agricultura, no sertão, né?

A.G. - aí o senhor começou a pescar com que idade?

A.V. - nove anos.

A.G. - nossa...

A.V. - não fui pra escola, eu sou analfabeto. Eu não sei ler. Só que eu tirei todo documento botando só o meu nome e hoje eu tenho documento guardado, reservado de herói do mar.

A.G. - é mesmo?

A.V. - é. Tenho! Dado pelo capitão dos povos. Matei muito tubarão um ano, eu matei muito tubarão. (interrupção) Aquela ali eu já conheço. Vá chegando pra perto, a palestra aqui tá boa!

(interrupção)

A.G. - O senhor disse que pegou muito tubarão...

A.V. - É, peguei muito tubarão de anzol. Eu fiz pesca nesta casa aqui que eu não tenho tantos anos nessa casa, mas eu tenho mais de vinte, vai caminhando para vinte e... para trinta. Que eu morei quinze anos ali na frente, ali. Depois de casado, ali na frente que é vizinho o Gonzaga e depois me mudei pra cá. Nesta casa aqui, eu fiz uma pesca, eu peguei seis tubarão de anzol.

A.G. - E que tamanho ele era?

A.V. - oitenta quilo pra baixo.

A.G. - meu Deus...

A.V. - o maior deu oitenta e três quilo. Veio tudo pra cá trazido no lombo dos homem inteirinho, com cabeça, rabo e barbatana, tudo. Fiz um monte. Sabe essa casa aí, do meu filho? Era uma pesqueira. Botamos todo peixe aí.

A.G. - e o senhor trouxe de uma vez de lá pra cá?

A.V. - não, pegamos seis tubarão e veio todos de lá pra cá trazido. Alguém trazia dois, outro trazia outro. Eu tô dizendo que foi trazido tudo inteiro, sabe? Aí a gente conversando aqui, porque eu tenho a boca dum tubarão que eu matei, ele deu trezentos quilo. E essa boca de tubarão eu permaneço com ela.

A.G. - e o que que faz com (silêncio) come, vende, como é?

A.V. - o tubarão nós comia e vendia.

A.G. - é?

A.V. - vendia a barbatana, comia o guisado da carne e vendia uma parte. Esse de trezentos quilo eu vendi todinho.

A.G. - é boa a carne?

A.V. - é boa. É bom.

A.V. - então essa história de tubarão por aqui é desde sempre, né?

A.V. - é, é desde sempre, desde muito tempo. Mas fugiu, desapareceu. Como eu tava lhe contando, aí, a gente conversando e essa história vai longe, né? Porque “ah, o Antônio da Laura pegou muito tubarão”, “ah, o Antônio da Laura tem uma boca de tubarão”, aí bateu aqui um moço aqui da Bahia, um sargento Almir. Aí o Almir chegou aqui pra comprar pescado. Eu tinha, vendi. Eu pescava pescado, hoje eu pesco só de anzol. Tá tudo abandonado pescaria de rede, não pesco mais não porque num guento pescar de rede mais não, porque tem que botar gelo e passar dois, três dias no mar, e aí a astrose, o reumatismo crônico nos ossos, não dá mais pra fazer isso, não. Dá não.

A.G. - e não tem jovens pra lhe ajudar?

A.G. - não, eu só saio de madrugada na minha canoa com os companheiro. Não, a gente só pesca de companheiro (inaudível). Eu pesco mais dois, são três. E todo mundo numa certa idade. Um tá com setenta e quatro ano e o outro é um menino novo, mas também já caminha pros cinquenta ano dele.

A.G. - quem são eles?

A.V. - é o Vicentão e o Vói do Mané Mari.

A.G. - uhum.

A.V. - são meus pescador. Aí, a gente conversando, né? Eu falando que eu pegava muito tubarão e esse sargento Almir disse que era mentira! “rapaz, tu tá é com conversa. Essa boca de tubarão tu achou ela foi na praia!”. Aí ele me enfezou, num sabe? Ele como uma polícia ele me enfezou. Dando de amigo, mas zombando da gente, né? “tu achou essa boca de tubarão foi na praia, rapaz! Isso aqui tá com muitos anos que deu tubarão nessa região, não sei o que”. Eu digo “olha, não duvide de mim que eu me astrevo a trazer um tubarão vivo aqui pro seco pra você ver!”. “Ai, eu tô pra ver! Não sei o que”. “Pois tá bom”. Eu disse “aguarde!”. Ele pegou a pescada, foi embora, aí eu tinha umas espera pra tubarão aí eu contei pros meus pescador, né. “Rapaz, o sargento ali tá duvidando que eu não pego tubarão. Vou trazer um tubarão pra ele ver, vou trazer ele vivinho!!!” Aí eu fui lá, botei um lance de rede pra pescada, mas lá na bandeira da rede eu botei uma espera pro tubarão, aquela lapa de (inaudível) grande. (inaudível) segurar o negócio. Podia bater lá o tamanho que ele batesse ele ia morrer. Aí eu botei lá e foi no correr do dia, né. Nós pescando de anzol e dando demora pra despescar a rede no período da manhã pra despescar de doze hora em diante. Aí quando o sol já ia pendendo eu olhei e eu vi a bandeira lá viajando, né, saindo. Aí eu digo assim “cumpadi Assis” que é um cunhado, casado com uma irmã dela aí, “naquela bandeira tem um peixe”. Aí ele “tem não, rapaz, aí é o movimento da maré!”. Ele com preguiça de despescar, querendo dormir mais um sono, né? Eu pescando de anzol e ele deitado no meio da canoa: “tem não, cumpadi”. Mas também o Pinguinho da Pipi também andava, eles dois! Andava de três neste dia. Aí ele “tem não, cumpadi, ali é o movimento da maré”. Eu digo “é não, é o tubarão que tá no anzol”. Aí, macaco véi, aí ele disse “pois umbora”.

A.G. - aí quando faz isso já tá pego morto, é?

A.V. - não, ele tava no anzol, mulher, andando.

-tentando...

-eles faz carreira e tá amarrado!!!

A.G. - ui.

A.V. - tudo em coisa de aço!

A.G. - e o senhor não tinha medo não?

A.V. - tenho é nada. Vinte braça de cabo, de nylon acompanhando o aço. Os aço mais grosso. Se cortasse o nylon, mas não corta o aço, sabe? E o anzol grande, os maior anzol que foi fabricado na... em São Paulo, não sei por onde. Aí eu parti pra lá. Puxando a rede, na rede

a gente tirou umas três pescada e peguemo um tubarãozinho, pequeno. Bichinho de dez quilo. Aí que quando nós cheguelo lá, tá o monstro lá engasgado no anzol.

A.G. - eita.

A.V. - e eu “tá aí o cara, negrada. Ele vai pro seco e é vivo!” Aí nós vai, pega.. puxando a linha, quando chegou aqui, eu dei umas três pancada nele, com um pauzão de paud’arco chega ele ficou fazendo que tava morto e eu “ele não tá morto não, ele tá só dormente. A gente bota dentro. Bota dentro e amarra, que é pra nós levar ele, que ele vai se espertar lá na frente”. Aí botamo dentro, peguei a linha todinha, fiz um laço, amarrei, que ele tava embuchado com o anzol lá dentro da goela, aí viemos pro seco. Aí eu vinha fazendo um arco, porque quando eu cheguei no seco, a maré tava seca, aí derrubei ele n’água, derrubaram ele na água. Quando derribaram n’água, aí eu saí puxando ele, né? Aí ele correu de lá pra cá atrás de mim. Eu papoquei na carreira e ele atrás de mim e eu correndo, caímos no seco. Quando eu caí aí frechou de gente, era no mês de julho. Frechou de gente rico pra se amuntar nele, eu disse “para aí, o tubarão tá vivo e eu vou levar ele vivo lá pra casa e num pode se amuntar não que ele avança em vocês”

A.G. - que perigo!

-aí o pessoal afastaram e viram, né, ele enchendo as bochechas. Aí viram. Era Jaguará, daquele pintado, aí os menino vieram e “como é, cumpadi, o que que nós vamos fazer?” eu digo “dá um laço bem no meio, uma corda, outro mais atrás, mete um pau no comprido e um pega lá e outro pega aqui” fechamos com tripa com tudo e dava cem quilos. Aí os caboco meteram o (inaudível) e o Assis, é um homem marrudo. E partimos de lá pra cá. Bem aí no Ademar, na subida desses bares, né? Ele deu uma sabalancada e avançou no Assis que tava na frente. O Assis se encolheu e ainda pegou na camisa dele ainda

A.G. - ave Maria, chega eu me arrepio! (inaudível)

A.V. - mas era uma graça, todo mundo achando graça, aí trouxemos o tubarão vivo. Cheguei aí, meti em cima da banca e aí e ele tava na casa da Carlota, esse cara. Uma casa aí abaixo dessa venda de cuscuz, aí fui lá: “aí, sargento, tá aí?! Não tá pra praia não??”. “Tá aqui, tá aqui, tá na piscina!”. “Traga ele!”. Aí ele veio “ei, rapaz, cadê a pescada?” eu digo “pegamos pescada, mas tem um tubarão pra você ver lá em casa. Vivo em cima da banca. Não vá meter o dedo na boca dele não, que pode ele morder, que eu ainda vou acabar de matar ele e tirar o anzol, o anzol ainda tá dentro” e aí ele veio correndo, com os filho tudim e a mulher. Eu sei que chegaram aí e viram a arrumação, o tubarão se balançando em riba da banca. Aí ele “rapaz, tu é um louco, rapaz. Rapaz mas tu pega tubarão mesmo? Onde é isso?” Aí eu digo “não posso lhe dizer não, senão você vai também lá num navio pegar!” só achando graça. Aí ele comprou a pescada e assistiu o consertamento do tubarão, e filmou, e nós criava muito pato, e os pato comendo o sangue do tubarão. Era uma reca de patinho, tudo desse tamainho. E aí saiu acreditando que eu pegava tubarão, saiu contando, levou filme e aí acreditou e eu fiz isso porque ele duvidou, não sabe?

A.G. - foi ele que lhe deu o título de herói do mar?

A.V. - foi não, senhora, foi o capitão dos portos de Parnaíba

A.G. - ah, sim

A.V. - eu tenho esse documento guardado. Eu não posso lhe mostrar agora porque tá muito guardado, né? Acho que alguém... A dona Áurea sabe que eu tenho esse documento.

A.G. - é, ela deve ter uma cópia

A.V. - tá emplastificado, se acaba não, desse tamanho, um certificado “herói do mar”. Só tem duas pessoas do Coqueiro que tem documento de herói do mar, que eu e meu tio Lola que tem bem aí. É um tio meu que tá caminhando pra oitenta anos, que abandonou de pescar também, ele tem

A.G. - ei, seu Antônio, e essas histórias assim, de visagem, essas coisas, o senhor chegou a ter?

A.V. - já encontrei, já encontrei com visagem no mar.

A.G. - conte aí alguma...

A.V. - já trabalhei e permaneci com prisiguição de visagem, né? A visagem é o seguinte, a visagem é irrisível e ela existe. E ela lhe atrasa, ela lhe atrasa na sua pescaria, lhe atrasa no seu serviço, constrói um desarte. E aí nós anos atrás, eu pescava mais um primo e um irmão. O primo morreu, o irmão tá lá na Teresina. Aí esse meu irmão... era na época do Pinduca, né (...) lá de Manaus... Aí o meu irmão que é o Assis, ele começou querer ser Pinduca, né? Imitar. Aí quando a gente embarcava na canoa aí de noite pescando ali na frente, que eu morei quinze anos, já era com dois cacetes cantando as músicas do Pinduca e tocando na canoa (inaudível), uma tocata enorme, e eu aceitando, pra espantar o sono, que a gente corria de uma hora da madrugada até quatro da manhã no rumo da risca, pra ir buscar carajuba, cavala, serra, garachiboba, bonito, aí ele com essa tocata... tinha hora que ele cantava e o menino tocava, tinha hora que era só ele tocando. Quando tava o vento meio manso, ele subia nos lastros e ficava nos bancos nessa tocadeira e eu aqui. Jogava carta de mão, eu, pegava peixe mais do que todos., mas comecei a não matar nada, não matar nada, nada. Eu ia pro mar meia noite, essa tocadeira danada, botava a rede, puxava e quando ia ver: só tinha dez quilos. Dez quilos de peixe era o mais que eu pegava. Os outros bem pertinho de mim chegavam com duzentos quilos de peixe, cem quilos de peixe, e eu com rede nova e não matava peixe. E eu contava isso pra muita gente, depois quando foi um dia o camarada foi pro mar, eu arriei a rede primeiro, ele passou, deu um grito em mim, eu reconheci quem era e bem pertinho ele arriou a rede. Maré de vazante, acabei de tirar a rede, se eu tirei dez quilo de peixe foi o mais. “rapaz, que arrumação é essa, tem mais peixe pra mim dentro deste mar não?”. Aí armou lá o pano dele e eu também e corremos pra casa, né? Quando cheguei em casa, meio dia, à tarde: “cumpadi Antônio, o que foi que você pegou?” e eu “rapaz, eu não peguei nada não. Meu peixe podia dar de dez a doze quilos de garajubim amarela desse tamanho”. “rapaz, pois nós matamos mais de sessenta peixe! Serra, bonito, garajuba, e até anchova. O que é que tem em riba de você, cumpadi? esse negócio não tá certo não”. Pajelança que eles chamam, era macumba, não sabe?. “Vá na pajelança, cumpadi! Mande dar uma benzida em você” aí eu digo “vou nada! Vou não! Que eu tenho fé em Deus. Vou não”. Aí quando foi de tarde eu fiz um plano. Eu

digo “quando esses meus companheiro, quando nós ir pra pescaria e não fazer barulho. Aí chamei meu irmão dentro de casa e digo “olha, hoje nós vamos pro mar, vamos sair uma hora da madrugada, nós não vamos tocar, nós não vamos cantar e nem conversar uns com os outros. Nós embarcar na canoa, nós corre até a altura de botar a rede. Quando nós for botar a rede, eu dou o sinal”. Porque eu boto... Orçar a canoa que a gente chama é esbarrar, não sabe? (inaudível) Orçar a canoa, você já sabe, é ferrar o (inaudível) e soltar a rede. “acabar de soltar a rede, afundiar, deixar o dia clarear, ninguém conversa um com o outro, pra ver em que dá.” Aí nós... quando deu uma hora da madrugada o pescador chegou lá. Na hora que eu vi ele, ninguém conversou. Fomos pra beira da praia, lá a gente pegou a canoa, caímos n’água, peguemo a canoa e queima no mar. Corre, corre, corre, quando deu faixa de umas três e meia da madrugada, eu com um relógio desses Orient três chave, que clareia de noite, ainda hoje eu tenho ele, tá com cinquenta anos de idade, tá ali e trabalha, automático, na hora que abalar ele, ele não perde um minuto para relógio nenhum. Aí eu botei a canoa, eles ferraram o pano, era umas três e meia, olhei no relógio, a água chega tava preta de cor na risca. Aí ferraram o pano, botaram embaixo, soltaram a rede, quando a rede terminou, aí eles desenrolam o pano da canoa e bota leme no meio da canoa e banco e se deita, né? e se enrola. E eu lá atrás peguei uma toalhona de plástico, aí botei na cabeça e fiquei de cócoras, né, demorando ali um pedacinho pra colocar a linha n’água. Aí fiquei ali: “aí quando o dia for abrindo aí eu vou pegar a isca, pra botar no anzol, descer a linha e pra ir pegar o peixe, botar uma linha e pegar o peixe, ficar só em rede tá dando nada, na rede não tava pegando nada, aí fiquei ali. Na hora que nós barremo eles se deitaram. Tudo passaram a noite brincando sinuca, jogando sinuca, morto de sono já, foram drumindo. Quando eles se deitaram já foi se aquietando. Aí eu também me aquietei, eu pensava que eles tavam dormindo. Aí veio de lá pra cá caminhando por cima d’água, dois meninos. “não sei o que, não sei o que, não sei o que”, conversando em riba d’água, caminhando em riba d’água. Quando eles chegaram na canoa, um disse assim: “eles já tão aqui”. Aí entraram na canoa. Entraram entre eu e os cara. Pra dentro. E aqui dentro da canoa conversaram e foi muito e nós não entendia uma palavra. Eu só entendi esta palavra que eles disseram: “eles já tão aqui”. Aí ali eles conversaram e desembarcaram do outro lado e largaram no rumo da Austrália, foram-se embora. E eu fiquei. Aí nessas horas que eles tavam dentro da canoa, eu planejei arribar o plástico pra olhar o que era, né? Mas dentro de mim dizia assim “não olha não que tu te assombra”, e aquilo palpita. E aí eu fui e não arribei o plástico, fiquei. E eles desembarcaram e seguiram, foram embora. Os diabo dos meninos não tinham dormido, eles viram tudo, viram todo o movimento. Aí ficaram calados também. Quando o dia clareou, aí quando passou esse negócio, né, eu olhei, o dia já vinha nas barra, aí eu tirei a isca, botei no anzol, quando a linha bateu embaixo a ariacó já pegava. Ariacozona grande, eu suspendi ela, aí eu digo: “vou é matar um peixe nessa ariacó”. Meti a faca nela e tirei a barriga dela, né, botei no anzol grande, joguei pra água ela tava tinindo, eu agarrei, aí vi aqui no escuro, eu reconheci, era uma cavala. Aí eu peguei no rabo da cavala, joguei dentro de uns (inaudível) pra ela não estribuchar pra não acordar eles. Essa cavala foi uns cinco

quilo. Segurei ela aqui aí quando ela calmou, eu tirei o anzol. Morre logo... Se você privar, é questão de dez minutos morre. Agora o cação não. Aí eu fui e tirei outra lapa da ariacó, joguei pra lá, quando bateu ela já tava dura, eu agarrei, (inaudível) um cação flamengo, também pra base de uns cinco quilos. Aí este eu acordei os homem, porque quando eu agarrei este cação, a gente mete entre as perna e abufela, pra segurar a cabeça, pra matar e se vacilar ele morde a gente. Se arribar o anzol enquanto pega ele, ele avança na sua cara. Aí eu tive que abufelar o flamengo e matar, aí eu fiz barulho. Quando eu fiz barulho, aí o menino acordou aí “meu primo, você já tá pescando?”, eu digo “tô “ e ele “e já matou peixe, que tô vendo aí o bicho fazendo zuada. aí veio de lá pra cá aí “rapaz, o homem já pegou foi uma cavala, rapaz”. Eu digo, “peguei uma cavala e peguei um flamengo e um ariacó, mas pode ter mais peixe aí”, aí ele “pois me dê ligeiro essa ariacó, me dê”, eu dei pra ele, tirou a lapa da ariacó e botou no anzol e pegou também outro flamengo ele, aí o dia clareou, pronto, aí pegou mais nada. Ele pegou um flamengo, eu peguei um flamengo e uma cavala e essa ariacó, aí a gente olhava, só via as gaivota passar, ninguém por perto de nós, e aí ele olhou pra mim e disse assim... Já tava todo mundo escabriado da história, mulher, já caminhava pra uns mais de vinte dias... Aí ele olhou pra mim e disse assim “meu primo, será que nós mata alguma coisa hoje?” eu digo “hoje nós mata... hoje nós mata alguma coisa, hoje nós pega peixe” (inaudível) umas água tão bonita, e muita gaivota passando e peixe que tá passando aqui. A gaivota viaja, ela tá sabendo a região que o peixe vai correr pro fundo d’água, né? Pra ele suspender, na hora que ele suspende ela cai em cima comendo. Ela não come o peixe não, ela come a bactéria, ela come a manjubinha miúda que o peixe come, sabe?

A.G. - Ah...

A.V. - Ela come a comidinha do peixe. O peixe cai na comidinha, leva pra flor d’água, pra cima, e ela cai em riba comendo.

A.G. - Oh bicha oportunista.

A.V. - É isso aí, a manjuba que vocês comem, que vocês dizem que é do rio, mas não tem manjuba no rio não, toda manjuba é do mar, ela entra de ano em ano no rio, sabia disso?

A.G. - não...

A.V. - não, sabia não. Ela entra em dezembro e vai até o... aquele rio que tem pra lá, Poty. Vai até o Poty Velho. Chega lá tá só a cabeça e a gente vendo o osso dentro do corpo dela, de rasgar água, sem comer, desovando. Agora desovar, ela desova dentro do rio. Então entre uma camada de desova, que a gente pega e se acaba, mas o ovo fica, aí gera, todo pequenininho, procura o mar, vai esfriar dentro do mar, pra entrar no outro ano de novo. A taca cai dessa maneira. Aí nós levantemo todo mundo se espertemo peguemo a rede e fomos puxar. Merendemo umas bolacha lá, né, com rapadura e fomos puxar a rede. Aí tava a rede, muito peixe, bonito, garajuba grande, garajuba preta, cação, da mesma espécie que eu tinha peado, de uma outra espécie, que é o rabo seco, e saímos tirando peixe, tirando peixe e ele olhando pra mim numa alegria mais mostra do mundo, e achava graça, e aí eu só sei que quando... resumindo a história, botar a bandeira derradeira dentro, pra ir embora, eu olhava e enxergava da base de uns duzentos e tantos quilos de peixe.

A.G. - olha só.

A.V. - aí joguemo em cima e corremos. Quando a gente fez carreira, assim... corremos mil metros, ele virou-se pra trás lá onde tava nós e disse assim “Meu primo...”, ele se acocou, ele tava no lastro da canoa, ele se acocou perto de mim, cabo na mão, disse assim “Meu primo, você viu o que que aconteceu nessa canoa de madrugada quando nós botemo a rede?”, eu digo “Não, não, não vi nada não”, disse “Meu primo, nós não tinha dormido ainda, veio dois menino conversando lá de terra e entraram dento da canoa, e quando eles entraram, um (guisa sim) eles já tão aqui, e aí eu fiquei com medo, o Besouro - que é o meu irmão - o Besouro ficou com medo também, olhar o que que era, e nós fiquemo quietim, porque nós fazia base que tava dormindo, e aí nós fiquemo quietim, e eles conversaram dentro da canoa, desembarcaram e largaram no rumo de fora. Foram simbora no rumo de fora! Eu bati nele, disse “Olha, pois era isso aí que tava acompanhando nós, e nós não tava matando nada. Se Deus quiser, da agora por diante nós vamo matar muito peixe. Eles erraram nós, porque eles chegaram o peixe já tinha maiado na maia, o peixe já tinha batido na rede, então isso é mistério. A gente andava no mar com aquela tocata e eles tava acompanhando nós, e nós num tava matando nada. Nunca mais nós faz isso! E por essas, hoje eu ainda sou pescador, mas eu evito de andar com barulho no mar, conversando, gritando que ele não gosta. Se eu levar uma pessoa pro mar, que ele tenha xafúrdio, barulho, conversar muito alto, eu num gosto. “Rapaz, calma! Deixa de zoada! Nós tamo dento do mar. Não façam isso.”

A.G. - E o que que o senhor acha que era?

A.V. - Uns diz que é Cosmo e Damião, eu não sei que esses diabo, eles têm um enguiço que não deixa ninguém pegar peixe, otos diz que num era não, era a tentação, otos diz que é minha mentira, é superstição e a taca cai! É muita conversa!

A.G. - Mas num foi só o senhor que viu.

A.V. - Não! Foi nós 3!

A.G. - Pois é! Foi nós 3! Um num conta porque já morreu, meu primo. Esse meu primo morreu com 19 ano de idade, e nessa época ele era novim, tinha uns 16 por aí assim, 17, e o meu irmão também já... completou 60, Laura, o Besouro?

Laura: Num sei, acho que sim!

A.V. - Por aí! Tá lá em Teresina, afamiliado, é um homem já bem de idade, já tá aposentado, mas se me deixarem na ausência e for lá e pergunta a ele essa história, ele conta do mermo jeito que eu contei pra você, pra gravar nesse telefone. E assim, visage no mar tem.

A.G. - Iemanjá, sereia, essas coisa o senhor já viu?

A.V. - Não! Isso a gente fala que existe, mas eu nunca vi.

A.G. - Nunca viu?

A.V. - Não! Nunca vi não. Nunca vi Iemanjá, sereia nunca vi não. Agora, a gente tem encontrado visage no mar que não é coisa daqui desse mundo. Uma vez eu fui pro mar mais outras pessoa, num sei se essa mulher já conhece aqui do Coqueiro, que ela já é bem viajada aqui, mas Idelaide, irmã do In, da colônia e o Raimundo que o apelido é Fran, marido da Lenilce, que mora bem aqui. Fui mais eles dois. Botei 4 saco de gelo e abasteci,

fui pra pescaria pra 2 dias, né? Saímos junto nós 3 na canoa. Quando chegamos lá no mar tinha muito peixe, batendo de meio-dia à tarde e aí noite clara, aí a gente disse “Rapaz, aqui vai dá peixe!”, aí nós arrodiamos, deixamos entardecer pra botar a rede pra noite pra pegar, o peixe tava batendo era bonito, bonito, certo. Anoteceu, anoteceu não, deu uma hora dessa em diante, a gente já vai começando a exercer o serviço, né? Pra quando anoitecer já tá preparado, a rede já tá no fundo d’água. Vai lá pro chão! Pode ser 20 braço de fundura, vai dormir lá no chão, pro peixe bater nela. O peixe só tá na superfície de dia, de noite vai lá pro chão, bem entendido, noite clara! Noite escura não, noite escura é em riba d’água. Aí nós botamos a rede, anoiteceu botamos a rede, e menino muito barulhento, muito cheio de zoada o Delaide, cantava, queimaram um negócio lá aí cantava, fazia zoada, conversava, “Rapaz, deixe de barulho, deixe de zoada!”, aí que a mãe chamava (patoin), né? “Patoim, rapaz, vamos matar muito é peixe! Matar muito é peixe, rapaz! Oia cê viu aí o peixaral em riba d’água, o peixe já tá todo aí na baía!”. Quando a gente foi puxar a rede não tinha era nada! Na rede todinha deu dois bagre branco e uma pescada perna de moça, ela é branca também. Três peixe! Parece que contaram, nós era três, tinha três peixe na rede, dois bagre branco e uma pescada, aí eles se viraram e disse “Rapaz, cadê o peixe? Cadê aquele peixe que a gente viu?”, eu digo “Eu não sei, eu só sei que é muito bom a gente entrar no mar calado!”. Eu já tinha passado por essa, né? Essa foi na frente. A história que eu contei tá gravada. Aí ele disse “E aí, agora como é que nós faz?”, eu digo “Rapaz, nós vamos se mudar!”, “Cê que é o dono, nós vamos pra fora ou vamos pra terra?”, aí eu digo “Nós vamos pra terra! Correr pra terra!”, “Pra terra pra onde, rapaz? O mar tá rolando, pra cá tem peixe!”, eu digo “Nós vamos correr pra terra, correr pra barra vento pra ver se nós apela, chegar nos canal, tem um canal do Zé Sabino, que é um pescador cearense. Lá é fundo! Por fora dá 12 braço e lá é 13, que é um buraco! Lá tem peixe, camarão, foi pescado muito pelos, a indústria, o parque do Camocim em Fortaleza, mataram muito camarão roso lá, aí nessa época era brutim lá, tinha peixe. O peixe que dava mais lá era carapeba, curuca, bagre, mas tinha outras, dava outras espécie, aí eu digo “Rapaz, umbora apelar meno nos canal, ver se a gente mata meno curuca, pra pagar o gelo!”, “É então umbora! Cê é o dono, num sei o que!”

A.G. - [Risos]

A.V. - Aí eu armei o pano e saímos, dentro do mar, boca da noite, dez hora da noite, correndo rumo de cima, fomo pra barra vento, né? Rumo de cima. Aí a gente vai correndo e aqui acolá ele fazia uma zoada, “Delaide, deixe de cantiga, pelo amor de Deus! Largue de besteira!”, aí eu num contava o que tinha acontecido não, sabe? Pra num dar teima, mas eu ia é... agastado, aborrecido com o barulho dele. Aqui acolá eu dizia “Delaide, rapaz, te cala, pra gente chegar aí num lugar, botar a rede e pegar peixe!”, aí ele se calava. Aí a gente andando, o vento tava até forte, eles dois no lastro. Aí o da frente, que é o frango, disse assim “Cumpade Antônio, aqui na frente tem um negócio em riba d’água!”, nós chama coisa em riba d’água de noite é califona, né? “Aqui na frente tem uma califona, aqui na frente, bote pra lá! Parece que é um caixão!”, desses aqueles caixão de cerveja, desses colchão véi, tudo vai pra cima d’água lá no mar, e às vezes a gente pega alguma coisa e aproveita, né? Eu já

peguei! Aí ele disse que ia descendo, e aí eu comecei a botar a canoa neste negócio e este negócio começou descer demais pra o (pueite), né? E eu puxando pela canoa, e eu puxando pela canoa! Já era coisa de fazer pressiguição na gente, já era coisa de puxar pela canoa pra canoa emborcar por cima.

A.G. - Meu Deus!

A.V. - Porque se puxar muito a canoa e sair da posição do vento, o vento pega a canoa, o pano e emborca por riba e eu comecei a puxar a canoa, soltei a escota, botei na ponta da escota e ele dizendo que tava pra baixo todo tempo. Pra baixo. Aí eu digo “Num dá mais não! Se eu puxar mais eu emborco a canoa!”, aí ele disse “Pois vai passar por debaixo do pano!”. Quando ele disse isso, eu orcei a canoa. Quando eu orcei a canoa, senhora, quando eu orcei essa canoa, eu dei um grito muito fei, gritando “Meu Deus!”, Mulher, quando eu meti a ( ) dentro da canoa, saiu dessa posição, que ela fez isso, que eu olhei ao lado da canoa, tinha um navio anafragado, o mar quebrando dentro desse navio, maior do que essa casa aqui ó!

A.G. - Nossa!

A.V. - Nessa altura pra canoa entrar dentro. Eu gritei “Valeime, meu Deus! Nós se acabemo!”, aí num sei se eu fechei os olho, a aflição foi tão forte que eu não sei como eu fiz! Eu só sei que quando eu olhei de novo o navio tinha desaparecido, e eu descendo uns objeto aqui na frente, pela ponta do pano, muito grande! Assim que nem aquelas, do tamanho daquelas aruanda que tem na frente dos bar! Naquele jeito! Redonda que nem palha. Uma quantidade, eu baseei assim nuns 10 objeto, assim longe um do odo 5 metro, 3 metro, aquela quantidade todinha em riba d’água! Aí eu bati o pano, saí andano e cacei o navio, aí quando o navio desapareceu, eu vi até as caverna do navio, eu vi! A canoa, o queixo quase dentro dele. Aí que ele desapareceu, que eu vi foi esses objeto, aí eu saí aguentando aqui a canoa, todo arrupiado e aí eles enxergaram também! Todos três viram a marmota, aí o Delaide disse assim “Cumpade, mas que arrumação é essa, rapaz? Todo mundo viu que era um navio que tava na nossa frente alagado, e agora já virou naqueles monte acolá, umbora lá pegar num pra nós ver o que que é!”, eu digo “Como é que é, rapaz? Nós vamo é simhora”. Só fiz dá uma viagem na canoa e tirei no rumo de casa. Tirei no rumo de casa, ia olhando e os objeto descendo aí, o cardume de coisa descendo. Nós ia se assombrar! Morrer assombrado! Nós vamo pra lá pegar esses objeto.

A.G. - Era tipo [lhe atraindo pra alguma coisa ruim, nera?

A.V. - [Era atraindo. Era. Aí eles todo tempo olhando pra trás, “Rapaz, num olhe mais não! Essa porcaria! Nós vamo é pra casa!”, e aí “Patoin, rapaz, o que que pode ser isso?”, eu digo “Num sei, mistério! É mistério do mar! É coisa do mar, num posso dizer pra você o que que é. Só te digo uma coisa, é melhor tu andar no mar calado e atendendo quem já é acostumado é é..é vê exemplo!”

A.G. - É tipo um respeito que tem que ter, né?

A.V. - É! Aí ele disse “Rapaz!”, ficaram encabulado, todo tempo dizendo que, o Raimundo alegando “Rapaz, primeiro eu vi que nem um caixão, e começou era na frente da canoa, e começou descer, depois de um tempo começou a botar no rumo de lá e foi desaparecendo,

e de repente formou-se num navio, aí depois virou naqueles monte de palha em riba d'água, aquelas aruanda, e o Delaide ainda queria ir pra lá!", aí eu digo "Rapaz, num é pra onde ninguém vai não, com essa eu ( ) em casa", aí corremo um tanto, aí ele perguntou, né? Num sei se foi o Delaide ou foi oto, "E aí, nós vamo botar a rede agora onde?", eu digo "em parte nenhum!"

A.G. - [Risos]

A.V. - Começar a pegar na pessoa. "Nós num vamo botar em parte nenhuma! Nós vamo dormir na nossa rede hoje!", aí descemo de lá pra cá. De madrugada eu cheguei desse porto do Gonzaga, com dois bagre branco e uma pescada de moça, aí afinquemo a canoa na marinha, pulemo n'água, viemo simbora, cheguei e bati na porta, ela tava dormindo, aí ela veio, destrancou a porta e disse "Já chegou?", "Já!", "Mataram alguma coisa?", eu digo "Nada! Num matamo nada!"

A.G. - Mas escaparam! [Risos]

A.V. - "Mas por quê?", eu digo "Brigamo com visage até agora e num matemo nada!", aí ela disse "Num botaram as rede não?", eu digo "Botamo uma vez! Vimo muito peixe, mas não deu! E depois nós vimo navio no mar, nós vimo monte de paia, nós vimo caixão, vimo toda coisa e num matemo nada! E eu vou procurar num levar mais o Delaide pro mar! Vou levar mais não! Delaide é muito barulhento, ele gosta muito de andar fazendo zuada no mar, cantando, gritando, e disse aí eu já venho correndo! Isso aí eu já fiz jura pra não andar no mar com essas presepada!", aí eu enquanto que o assunto, já contei um bocado de coisa, num é só isso! Por esses ano que já trabaiou no mar, a gente já passou foi por muitas coisa. A gente já viu muita coisa! Grito, assovio, a pessoa assoviar no meio do mar e a gente já acostumado dizer pro companheiro não responder, o companheiro respondeu, o companheiro respondeu, eu digo "Olha, não responda!". Isso aí não é coisa desse mundo! Nós tava fundiado na frente desse farol pra ( ), eu e o fi do Nestor, Nilton, num sei se cê conhece o Nilton?

A.G. - Não!

A.V. - Nilton tá sendo hoje marido da jornalista Alice Moreira, do canal verde, lá de Teresina, ele é o marido dela. O Nilton nessa época era meu tripulante. Nós tava só nós dois com rede de pescada dentro d'água, claramente dia, assamo ovo de pescada, peixe, comemo, acabemo de comer, aí ele procurou se deitar, né? Aí tomemo um suco, ele fez lá a cama dele no meio da canoa, parece que tava, era numa casinha de madeira aí entrava pra debaixo, né? Aí eu ainda não tinha entrado pra debaixo, ainda ia apagar o fogareiro, quando o assoviador assoviou lá no meio do mar, longe de nós, né? Por fora! Um assovio muito fino, dobrado, aí ele disse "Quem é que assovia no mar uma hora dessa?" Eu digo "Coisa do outro mundo! Ninguém responde não!", "Hora num responde, se ele assoviar de novo eu vou responder! Passa aqui pra mim ver quem que é ele, o que é.", aí eu digo "Pois é bom que ocê não assovie.". Ora não custou ele largou o assovio lá perto. Quando ele assoviou perto, ele assoviou também. Ele assoviou, minuto ele assoviou como nessa casa aí da vizinha da minha frente.

A.G. - Mais perto.

A.V. - Aí eu fui e saí da poupa, eu tava sentado na poupa, coloquei dentro da canoa, mas não ia pra casinha não, me acoquei dentro da canoa, e ele lá no meio “Vixe, compade Antônio, o bicho vai entrar na canoa!”, aí começou, eu digo “Pois fica na tua! Foi tu que assoviou, tu que remendou. Se ele entrar, ele vai conversar contigo!”, aí fiquei ali quietinho, chegou bem pertim da canoa “Fi fiuu”, e eu caladinho, aí ele passou pelo embaixo da canoa, assim um movimento de água, né? Eu de coca na canoa, ele passou um movimento de água, como assim uma embarcação correndo, né? Rasgando a canoa “rumm”, aquela zoada daquela água, e nós todos dois caladinho, chega acho que tava, o coração dele tava dando 90 por hora.

A.G. - [Risos]

A.V. - Aí passou, quando chegou distante de nós assoviou de novo, né? Aí eu fiquei escutando e ele também, aí com pouca assoviou de novo, já quase saindo na praia, foi direitinho no rumo do farol. Aí quando ele deu uns dois assovio no rumo da terra, aí ele se levantou do meio da canoa “Cumpade Antônio, um tempo meu pai me disse que um assoviador assombrou ele no mar, mais o Eloisa”, pessoal antigo, né? “E eu fiquei duvidando, pois num é que o bicho ia assombrar nós!”

A.G. - [Risos]

A.V. - Eu digo “Pois você num vai assoviar mais não!” Aí ele ainda assoviou, mas ainda bem que ninguém se ( ), graças a Deus! Mas ele remedou e ele ia entrar na canoa. Ele ia assombrar nós.

A.G. - Tem que ter respeito, né?

A.V. - Existe não, tem que ter respeito! A natureza apresenta muita coisa. A natureza ela tem visage, outros chama visão, né? Outros chama Pantarma, marmota, é tanto do nome!

A.G. - [Risos]

A.V. - Mas tem os irrisive. A natureza tem os irrisive, tem os dominante.

A.G. - O que é os dominante?

A.V. - Dominante nós falamos que é a mãe d’água, na história é mãe d’água, né? A mãe d’água eu acho que ela domina as água, né? A mãe Iemanjá chamada, que tem muita gente que tem devoção, né? Então, domina uma coisa, os planeta também domina muita coisa. A gente tá sabendo que os planeta domina, a lua domina o mar, o sol domina o mar, então tudo tem um encarregado, né? Cê num pode largar a cara no mar “O mar é meu!”, né? E deixa o mar pra lá não.

A.G. - Pensar que você que domina, né?

A.V. - Não, o mar num é seu não. O mar tem dominante. O mar, dento do mar tem mistério! Eu, na minha vida de pescaria de caçueira, eu já ouvi festa no fundo d’água!

A.G. - Festa?

A.V. - Festa!

A.G. - Como?

A.V. - Festa de violão, sanfona, tamborim.

A.G. - Escutando tudo!

A.V. - Escutando tocando debaixo da canoa, lá no fundo d'água! A gente sentindo que parece que tá em outro mundo.

M.G. - Como se alguém tivesse naufragado?

A.V. - É! Não, tocata, como tocata dos violão

A.G. - Sem ter nada por perto?

A.V. - É! Tocata como festa!

A.G. - Meus Deus!

A.V. - Aí meu pescador, nós só dois, meu pescador "Cumpade Antônio, cê tá vendo essa zoada? Rapaz, será que a rede vai dá alguma coisa? O pessoal tocando no fundo d'água."

A.G. - [Risos]

A.V. - Eu digo "Rapaz, é o seguinte, se nós tamo aqui na área deles, nós num pode reclamar não. Deixa rolar!"

A.G. - O que vier!

A.V. - É! "Agora, quando nós tirar a rede, que nós for simhora, vamo passar uns dia sem pescar neste lugar, porque aqui parece que é um salão deles."

A.G. - [Risos] É lugar já tem dono!

A.V. - Aí todo tempo tocando, naquele barulho, né? Aquele barulho. Aí o barulho, a gente começou a conversar, noite clara, a gente conversando sem medo! Num tinha história de medo não, conversando sem medo nenhum, como tô conversando com você aqui, aí ele foi e disse "Cumpade, esse negócio aí vem chegando pro fundo da canoa!", aí eu "É, mas eu acho que num vai furar a canoa não!", aí lai vem, lai vem, lai vem. Olha, a gente ouvia o som do violão todinho, né? A pancada do tamborim lai vem, lai vem. Moça, tava bem pertim do fundo da canoa, aí ele deu uma pezada na canoa. Esse home largou o pé na canoa e pá "Largue de tanta zoada!", deu um grito, né? Calmou, num calmou, aí saiu assim andano, sabe? Pra frente! Saiu andando e desaparecendo a toalidade, sabe?

A.G. - Essa pezada veio lá do fundo do mar?

A.V. - É! Ele bateu na canoa! O menino bateu na canoa, o meu pescador!

A.G. - Ah o seu pescador!

A.V. - O meu pescador espantando lá o povo!

A.G. - Espantando a festa?

A.V. - Espantando a festa. Ele bateu na canoa e brigou, aí eles saíram, saíram andando.

A.G. - A festa foi, o barulho foi se afastando?

A.V. - A festa foi se afastando, se afastando, aí foi embora, aí quando passou pra lá aí "Cumpade, que hora já será essa?", aí eu digo "Rapaz, é onze hora!", "Bora descascar a rede?", aí eu digo "Umbora!". Aí tava arejado o vento, né? Nós tava com gelo, mas tinha muito vento, aí "Rapaz, tem muito vento. Nós vamo pescar e vamo simhora!", já assim escabriado que num ia pegar peixe, né? Mas nós pegamo, pegamo parece que umas três pescada grande, robalo, aí botamo em cima e bora pra casa. Então, eu lhe conto que vi diversas coisa no mar,

né? Ninguém pode esconder, ninguém pode dizer que é lenda, ninguém pode dizer que a pessoa tá mentindo, que existe.

A.G. - Tem que respeitar né, seu Antônio?

A.V. - Tem que respeitar. É!

A.G. - Não ter medo a ponto de deixar de ir, mas também não ir achando que sabe tudo, que domina tudo.

A.V. - Que domina tudo.

M.G. - Nem querer responder debochando.

A.V. - Não, deboche de jeito nenhum. Eu passei uns dia sem ir lá nesse local, né? Mas lá é um lugar muito bom de peixe, aí eu passei lá bem uns 5 dia, uma semana. Na outra semana eu fui de novo, aí já não pesquei de noite, né? As água tavam manchada, eu pesquei de dia, matei peixe, peixe de manhã, meio dia pros cara ir simhora, aí peguei peixe lá e não vi nada lá mais não, mas eu passei por muita gente de idade aqui na fundação dessa pesca do Coqueiro da Praia, e as pessoa também me contaram algumas coisa que viram, né? Algumas coisas que viram me contaram, e aí eu com essa idade que eu tenho de pesca também, já tenho muita coisas que eu vi que se eu fosse contar pra você talvez tou contando um quarto do que eu vi, né?

A.G. - Pois é! Dava um livro, né Seu Antônio? [Risos]

A.V. - É um livro. Dá um livro, né?

A.G. - Eu conversei com dois pescadores ali na praia, eles disseram “Olha, se você tivesse tempo pra conversar uma semana com Seu Antônio não acabava as história. Dava era um livro só das história dele.

[Inaudível: 48:56 ~49:11]

A.G. - Como é que o senhor vai provar né, seu Antônio?

A.V. - Num é! Como é que eu vou provar?

A.G. - É! Ou acredita ou não acredita! É seu Antônio, eu lhe agradeço muito pela sua atenção, dispensar seu tempo conversando comigo. Eu já vi no livro do Francisco Moraes que ele já tem uma história sua lá.

A.V. - História minha!

A.G. - Algumas coisa sua, por isso que eu...

A.V. - Me deu um presente.

A.G. - Foi, né?

A.V. - Coloquei ali em cima da minha, do meu espelho. Eu tenho um retrato que ele fez pra mim, né?

A.G. - Olha aí!

A.V. - Quando ele teve mais o... como é o nome do oto que é é... lá da Rádio?

A.G. - É o Elder.

A.V. - O Elder! Eles dois que, foi eles dois que prestaram esse serviço aqui e agradeceram muito a minha pensão, aí vieram muito aqui e eu, eu cumpri. Eu manti o que eu prometi a eles, né? Toda vez que eles vieram eu dei explicação, contei história e recebi eles direitim e

aí me agradaram, me deram retrato, me deram livro, me deram cartilha. Tenho eles como uns amigo! Como você também pode ser minha amiga, né?

A.G. - Posso sim! Com certeza! Eu adorei conversar com o senhor.

M.G. - Foi tudo muito bom!

A.G. - E eu queria mesmo era ouvir essas histórias, que já me inspiraram aqui, já tenho mil ideias pra desenho, pra pintura [risos] e aí, é... como eu já tenho dados sobre outras histórias do senhor, essas aqui pra mim são de grande valia!

A.V. - São de grande valia.

A.G. - E eu já tenho outros dados sobre é...

A.V. - Mas já chega ou você ainda quer completar com alguma coisa? [Trecho inaudível: 50:57 ~ 51:03]

A.G. - Tá bom! Pois eu lhe agradeço muito!

A.V. - Aí eu remato, eu remato o assunto que tá sendo gravado com uma poesia, com verso, né?

A.G. - É? Pode!

A.V. - Que eu disse pra você que eu sou pescador, eu comecei com 9 ano, tou com 68, né? Mas eu valorizo a pescaria, porque ela eu sei o que é. Adão foi feito de barro, Jesus foi quem fez a mulher. Lá no céu ficou escrito uma coisa muito dito foi a barca de Noé. Eu valorizo pescaria porque ela é minha profissão, e eu sei que a gente pega é gado vestido de couro e Gibão. Lá no mar eu mato é serra, se eu correr do mar pra ( ) até tubarão.

A.G. - OH! [Risos] Ê seu Antônio, eu adorei conversar com o senhor!

M.G. - Rapaz, o senhor é demais! Muito Obrigada!

A.V. - Sou demais, né? [Risos]. É não! Isso é um dom, né?

**SILVA, Dajanira Cardoso da.**

Entrevista concedida à Arlete Soares Godinho. Luís Correia, 19 out. 2020.

**Pesquisa:** A cor da memória: educação e arte pelo patrimônio na Vila Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí, Brasil.

Responsável pela pesquisa: Arlete Soares Godinho.

Tipo de entrevista: História de vida ( ) total ( x ) tópica

Entrevistadora: Arlete Soares Godinho (A.G)

Entrevistada: Dajanira Cardoso da Silva (D.C);

Idade: - 79 anos

Local: Residência da professora Áurea da Paz Pinheiro;

Data: 19/10/2020; Duração: 00:40:42

Tipo de registro: gravador de voz e câmera do telefone celular.

Fotografia: Mariana Godinho Silva

Transcrição de entrevista: Ester Godinho.

Revisão de transcrição: Arlete Soares Godinho.

Transcrição da entrevista: ( x ) total ( ) parcial.

Data da transcrição: janeiro de 2021.

A.G. - Então, é... Vou conversar com a dona Djanira, setenta e nove anos. Dona Djanira, qual é a sua profissão? A senhora trabalhou com alguma coisa?

D.C. - Trabalhei de artesanato.

A.G. - Ainda trabalha?

D.C. - Trabalho mais não, parei.

- O que que a senhora produzia?

- (inaudível)

A.G. - Tapete?

D.C. - Tapete. Tapete, peso de porta... E aqueles tapetes...

A.G. - De taboa?

D.C. - De taboa, de taboa...

A.G. - A senhora já nasceu nessa região?

D.C. - Não, nasci na Taboca Grande, interior da Barra Grande.

A.G. - Aí, é... a senhora veio pra cá...

D.C. - Pra cá mais meu esposo. Ele era pescador. Viemos morar aqui, arranjamos um terreno, fizemos uma casa e ficamos morando aqui. Ele pescava, dava muito peixe nos curral, a gente tratava os peixes... Ele ajudava nos curral, ele ganhava muito peixe, davam muito peixe, muita fartura. A profissão dele era de pescaria, mas sempre ajudava nos tapetes, ficava ajudando. Ele ia pro mar trabalhar e nós ficava fazendo tapete, que teve o Projeto Rondon que fez uma sede... Aí o pessoal do João Silva, Almiro Silva, que vieram do

governador, do Alberto Silva de Teresina. O projeto botou uma casa aqui, de tapete, e aí ela vinha pra (inaudível) pegar todo final de, de... de semana vinha pegar os tapetes pra levar pra Parnaíba pra de lá vender. Aí era muita mulher trabalhando. Trabalhava o dia todinho e aí às vezes quando era pra entregar muito tapete trabalhava até de noite com a lamparina acesa.

A.G. - Não tinha energia?

D.C. - Tinha não, luz neste tempo, não. A luz com muito tempo foi que o Mão Santa mais o Antônio de Pádua que era prefeito e o Alberto Silva que morava em Teresina que era o governador. Aí eles fizeram o pedido das lâmpadas e vieram pra cá as luzes. Aqui era barro e calçamento, e não tinha estrada, era pela praia que o pessoal andava. A gente ia pra Parnaíba pegar os carros e ia era de pés pela praia.

A.G. - A senhora tinha quantos anos quando a senhora casou?

D.C. - Treze, catorze anos.

A.G. - Hum... Foi a senhora que escolheu o seu marido?

D.C. - Ficou mais eu até com quarenta e poucos anos, aí ele adoeceu e morreu

A.G. - Foi? Aí a senhora casou de novo?

D.C. - Casei não. Quis casar mais não. Fiquei com sete filhos, criei todos sete. Casou tudinho, só ficou o caçula mais eu e aí arranhou um curso também, agora tá...

A.G. - A senhora não casou de novo?

D.C. - Casei não.

A.G. - Hum.

D.C. - Quis casar mais não, fiquei só mesmo. (inaudível) Outro homem não dá certo com os filhos da gente e a gente querendo bem os filhos da gente, não gosta que os outros maltratem. A gente sempre tinha isso. Pode arrumar um homem, ser bom pra mim, mas ser ruim pros filhos. E eu não queria isso aí pros meus filhos. Não casei mais não. Já são tudo casados hoje, graças a Deus, fico sossegada (inaudível).

A.G. - E a sua mãe, a senhora lembra dela?

D.C. - Minha mãe quando a minha mãe morreu eu tinha sete anos de idade. A mais velha era eu. O meu pai casou com a segunda mulher e aí era nós três, eu e dois irmãos e minha vó. Aí eram quatro pessoas pra ela tomar de conta, que minha vó já era cega, não enxergava, a mãe do meu pai. Aí ela ficou com nós, muito bem, depois que eu comecei crescer, com a idade de dez anos por aí ela começou a querer me dominar. Assim, querer me maltratar, né? Não deixava eu dar nada pra gente minha, que meu pai tinha as coisas, aí eu pegava uma coisa pra dar pra uma avó minha, uma bisavó, ela tinha raiva, brigava. Aí eu respondia ela, que quando ela chegou na casa do meu pai nós tinha as coisas, ela achou tudo, então ela não podia suvinar. Então ela tinha essa raiva de mim. Deus perdoe, que ela já morreu... Foi assim a vida, eu sofri muito, um pouco, mas eu recuperei minha vida graças a Deus.

A.G. - E o seu pai ficou em Barra Grande?

D.C. - Ficou não, ele foi embora, eu vim morar aqui... Eu fui primeiro morar em Jericoacoara, que a minha menina mais velha é filha lá da Jericoacoara, aí viemos embora pra cá e meu

pai foi-se embora pro Maranhão mais essa mulher dele, a segunda mulher e aí de lá ela abandonou ele, aí ele já tava meio ruim da vista, aí veio embora pra Parnaíba e aí depois lá eu fui buscar ele. Aí ele ficou morando mais eu até quando Deus tirou.

A.G. - Aí a senhora lembra assim desse episódio da morte dele, como é que foi?

D.C. - Ah, a morte dele foi assim de repente, do meu pai.

A.G. - Foi?

D.C. - Ele adoeceu sábado dez horas do dia, quando foi segunda-feira dez e meia ele faleceu. (inaudível). Papai nunca sentiu dor nenhuma, só tinha uma hérnia grande assim na barriga, o que eu comia, ele comia, o que nós tomava café, ele tomava, o papai era um homem muito sadio.

A.G. - Ele era pescador?

D.C. - Era não, ele era... Ele tinha curral na Barra Grande, ele era fazendeiro, era dono de uma fazenda.

A.G. - Mas o curral que a senhora tá falando era de pescaria?

D.C. - Curral de pescaria, tinha lá na Barra Grande.

A.G. - Sim.

D.C. - E ele de lá da Ponta Grande que era a terra que era dele, e veio de lá. Trabalhador, trabalhava demais, muito trabalhador, passava de meses fazendo farinhada na casa dele, era muito farto meu pai. Eu sempre digo pro pessoal: “gente o papai era um homem rico, tinha as coisas e morreu satisfeito, morreu só com a aposentadoriazinha dele, deixou o terreno dele pros outros, que ele arrendou e depois de muitos anos foi que eu soube”. Ele nunca disse pra nós, nunca reclamou de nada, morreu com a aposentadoria dele, comia o que nós tinha, ele era satisfeito e morreu feliz. No dia que ele chegou a falecer o pessoal chegava e dizia “rapaz, eu não acredito que esse homem morreu não, que ainda ontem ele tava bem ali bebendo uma pinga...” Que ele bebia a pinga dele.

A.G. - Uhum.

D.C. - “...Tava ontem ali vivo e hoje está aqui, estirado.” Morreu satisfeito. Ele deu um frio, foi de repente. Ele deu um frio e disse “minha filha, eu tô com um frio”, aí se deitou. Aí eu nunca me lembrei que era a hérnia. Aí quando foi domingo... Sábado, sábado ele disse assim “minha filha” que ele adoeceu dez horas, “minha filha, eu não quero comer nada não, eu quero é um chá, que eu tô assim cheio, tô assim ruim”. Aí fiz um chá pra ele, dei, aí que quando ele tomou o chá também se aquietou. Abusou o café, que ele gostava muito de café e eu fiz um café e ele não quis. Aí passou esse dia todinho com o chá.

(interrupção)

A.G. - A senhora estava falando do seu pai, que ele sentiu um frio.

D.C. - Sentiu um frio, (inaudível) e aí ele foi se deitar. Aí ele se deitou e aí passou logo sábado o dia todinho deitado e aí domingo disse “minha filha eu estou com vontade de me levantar pra tomar um banho, mas não consigo me por em pé só”. Eu ajudei ele a tomar um banho com aquelas cueconas que eram de pano, né?

A.G. - Sim

D.C. - Banhei lá ele, liguei a mangueira, ele disse que não queria água do balde (inaudível), liguei a mangueira pra ele, ele tomou banho, molhei ele todinho, ele se enxugou, eu segurei ele, ele se vestiu, eu segurando o pano assim pra ele. Deitou-se, trouxe ele, deitou-se, ele ficou. Daqui umas horas ele me chamou, tava ruim da barriga, mas eu nem lembrei, né, amanheceu domingo o dia ruim, sem querer comer, só esmurecido. Aí ele foi e me chamou. Segunda feira eu amanheci bem cedinho e disse “papai, tô com vontade de ir receber meu dinheiro, comprar umas coisas e trazer um remédio pro senhor, o senhor tá se queixando da barriga assim ruim” aí ele: “é, minha filha, você pede um remédio pra mim e traz, vai lá no posto”. Aí eu saí. E eu “papai, mas eu tô com medo de ir, que você tá cansado”. Notei ele cansado, né? “não, minha filha, não vou morrer antes de você chegar, não” Aí eu chamei meu Marcos, que trabalhava (inaudível) e o outro meu menino que mora em Parnaíba. Digo “olha, vocês fiquem com o papai aí que eu vou lá em Luís Correia e o papai não tá bom não, ele tá cansado”. Aí quando eu dei as costas ele pediu, o sol ia saindo, né, no cercado e ele pediu pra se sentar no quintal. Os meninos levaram ele pro quintal, ele se sentou na cadeira, de frente pro sol, aí virou as costas e chamou os meninos: “vocês querem aprender a rezar? Eu vou rezar agora um bocado de reza. E começou a rezar. Rezou, rezou, rezou e os meninos não sabem de onde ele tirou tanta reza. Aí no fim ele mesmo se desaltou-se. Aí antes dele terminar de rezar ele pediu o Marcos, esse que tá lá no museu, “Marcos, me dá uma dose” aí ele “mas vovô, você tá cansado e ir beber cachaça?”, “traga, meu filho, é a despedida, de um mundo para o outro”. Aí o menino trouxe, ele bebeu, aí ele mesmo se desaltou-se mesmo, dizendo as palavras lá. Aí os meninos diz que ficaram tudo cismado dele fazer aquilo, aí ele disse “agora vocês me levam, que eu to com as pernas meia tropa vocês me levam pra minha rede”. Os meninos deitaram ele, se deitou-se, mandou os meninos enrolarem as pernas dele, se enrolou e disse “cadê tua mãe, tá perto de chegar?”, aí o menino disse assim “ela tá chegando, o ônibus de dez horas tá chegando”. Aí ele demorou, demorou e tornou a perguntar à menina: “cadê a Djanira, ela tá chegando?” aí disseram: “olha, o ônibus já tá chegando aí, ela já tá pra chegar”. Aí quando eu entrei no alpendre, nesse tempo era latada, (inaudível) o meu menino, esse Marcos, disse assim: “mamãe, o vovô não vai escapar dessa vez não, que eu nunca vi o vovô rezar tanta reza, e se exaltava e mexia umas palavras lá com ele”. Chega o olho dele... Que ele tinha o olhinho baixo, né, que o cachorro mordeu ele, e a cobra picou ele também, então ele ficou com um defeito no olho, ficou com o olho meio baixo. “ele tá até diferente, o olho dele ficou todo perfeito assim a vista”. Aí eu também entrei. Quando eu entrei só fiz jogar a sacola de remédio. Eu trazia até o remédio. Botei a sacola de remédio em cima da mesa e entrei pra perto dele, ele tava deitado na rede, eu falei com ele. “Já chegou, minha filha?”. Eu disse “papai, pois só quero que você me dê força e coragem, eu cheguei nesse instante”, e aí tomei a bênção a ele, tomei a bênção, ele pegou na minha mão, apertou, aí eu botei a vela na mão dele que ele disse que não queria morrer com essa luz, que essa luz aqui foi que Deus deixou no mundo.

A.G. - Oh...

D.C. - A luz é a vela. Peguei a vela, botei na mão dele, ele segurou... Só fez respirar. Só fez respirar e eu fui e chamei os meninos: “papai morreu”. “Ai não, morreu não, morreu não”, e isso saiu espalhando pro pessoal e o pessoal “rapaz, isso é história, que o homem tava bonzinho aqui sexta feira, e aí ficou doente e morreu?” aí todo mundo chegava pra visitar ele e dizia “olha, parece que tá é vivo.” Parece que tava era dormindo dentro do caixão. Todo perfeito. Ficou mesmo... A gente notava o jeito dele. Vesti lá a roupinha dele, do jeito que ele queria, compremo os calçados dele, que ele queria uns calçados, umas alprecatazinhas de couro, não queria de papelão. Aí a sobrinha dele da Parnaíba trouxe, do jeito que ele pediu, calçou ele... ficou lá, perfeito lá no caixão. Muito sastifeito meu pai. Até hoje nunca me esqueci.

A.G. - Aí como foi o velório dele?

D.C. - Foi bem, meus meninos faziam era churrasco... uma festa.

A.G. - Porque ele queria...

D.C. - Ele pediu: “meu filho eu não quero que chore, não quero cramor, não quero nada. Pode se divertirem. E eu quero é cachaça pra dar pro povo”. Aí todo mundo que chegava deixava um litro, todo mundo que chegava deixava um litro. Só quem se embebedou foi as mulher. Duas mulher que hoje tem uma viva, uma já morreu. Ficaram meia lombrada mesmo lá. Mas foi muito animado. O meu genro fazia um churrasco... A Menta... A Menta sabe e conta essa história. Serviu a noite todinha lá comendo churrasco mais os meninos.

A.G. - Os velórios... É... Esse aí do seu pai já foi em que década mais ou menos? Já faz muito tempo que ele morreu?

D.C. - Tá com um bocado de ano já. Não tenho nem alebrado.

A.G. - Mas a senhora já tinha os filhos... Já eram grandes?

D.C. - Já... O caçula já era... Já tinha o que... (inaudível) Já tinha dentro de uns quatro, cinco anos o caçula. Hoje ele tem quarenta.

A.G. - Mais antigamente assim, os velórios tinham alguma diferença dos velórios, de como eram feitos?

D.C. - Ah, tinha, de hoje em dia tinha diferença, né? Que os velório antigamente era muita reza, as reza diferente, hoje em dia não tem mais isso, né. A pessoa morre, chegou lá, vamos pro velório, chegou lá é mesmo que ser uma coisa comum, a pessoa lá ninguém nem reza. Alguma pessoa entra pra rezar, de primeiro era a noite toda. Nos interior era a noite todinha o pessoal rezando.

A.G. - Cantando...

D.C. - Cantando. Agora não, não tem mais isso, esses velório de agora é diferente. Entra uma pessoa, reza um terço, aí reza uma rezinha e pronto, acabou. É diferente agora.

A.G. - E... As lembranças que a senhora tem assim mais antigas das... de quando a senhora chegou aqui nessa região? Como era aqui, as casas?

D.C. - Rapaz... aqui era muito bom, muito ... Quando eu cheguei aqui era pouca casa... Era pouca casa, umas casinhas (inaudível). Aí arranjei jeito de morar mais uma senhora, senhora tinha uma (inaudível) e eu arrumei uma casa pra mim morar mais ela lá... Com

dois meninos, que eu só tinha dois quando eu cheguei aqui. Aí fui pra lá, passei uns tempos com ela, aí meu marido pescava, aí eu fui... depois foi que apareceu esse serviço, né. Aí eu fiquei com ela lá uns mês, aí o finado Zé Pinto, em Parnaíba, era que era o dono dos curral daqui, me deu meu terreno, esse que eu moro. Chamou e me deu. Que antigamente aqui era da união e da (inaudível) da capitania dos portos

A.G. - José Pinto era o que?

D.C. - Os terreno. Era do domínio da união e da capitania dos portos, aí ele me deu este terreno pra mim fazer uma casinha. Me deu a madeira e fizemos uma casinha mesmo simples de taipa. Quando eu cheguei aqui, muitas casas todas elas eram feitas de taipa, tudo era casinha simples, depois foi que foi mudando há muitos tempo pra cá, mas no tempo que eu cheguei era mió de que agora.

A.G. - Não tinha iluminação elétrica?

D.C. - Não tinha luz, não tinha estrada.

A.G. - As casa era de palha

D.C. - De taipa

A.G. - De taipa coberta de palha.

D.C. - Com paia, porta de paia, fazia uma teia, um senhor que ainda é vivo tirava de cima do coqueiro essas paia de coqueiro, aí virava e cruzava uma na outra, aí torcia e fazia as porta direitim, aí metia um pau bem no mei, uma corda, aí torcia por dentro, metia o pau, ficava de segurança por dentro da casa. Tudo era assim as coisa.

A.G. - Poucas casas!

D.C. - Poucas casas! Em cima dos alto, aqui era uma baixa.

A.G. - Tinha uns morros ao redor era?

D.C. - Aqui tudo era um alto! Era um alto e aqui nessa rua era uma baixa que enchia d'água.

A.G. - Onde é a praça ali?

D.C. - Aqui onde nós passa aqui no calçamento.

A.G. - Começando aqui nessa rua?

D.C. - Era até na minha porta a lagoa!

A.G. - Tudo era lagoa?

D.C. - Tudo era lagoa!

A.G. - Meu Deus, era grande, né? Era grande! Eu pensei que fosse só onde é a praça!

D.C. - Era, aqui tudo era lagoa, é porque fizeram as casa e foi fechando mais, né? Que aterraram a lagoa.

A.G. - Sim!

D.C. - A lagoa quando enchia, um senhor que é donde eu falei com aquele rapaz, o pai dele passava com ( ) assim, ele com as mãozinha pra riba, passava pra beber água bem aqui, o pai dento d'água e ele caminhando.

A.G. - Funda! Nossa Senhora!

D.C. - Muito funda as lagoa! O Dedé que mora ali, o Dedé, a senhora lembra do Dedé? Ele botou uma canoa bem aqui no canto do muro da senhora aqui, da dona Gilda, que não tinha

essa casa ainda com muro, na ponta da lagoa, aí ele botou a canoa dela foi ficar lá adonde ele mora hoje, não tinha a praça ainda daquele jeito não, era areia. Aí quando enchia saía era alagando, aí saía no Alô Brasil a água.

A.G. - Meu Deus!

D.C. - Pra cá pra trás enchia tudo d'água!

A.G. - Aí foi começando essa habitação, foi algum projeto de conjunto habitacional ou não?

D.C. - Foi não! Foi assim, eles foram comprando, o pessoal de fora aparecendo comprava e foram aparecendo, aí foi se chegando e depois tem mais é teresinense que tem aqui. Depois de Teresina um deputado fez uma casa, depois chegou em outra casa, comprou um terreno verde ( ) tinha os terreno, aí foram chegando, chegando e hoje tá aí o Coqueiro, quase uma cidade!

A.G. - Não veio assim um projeto de conjunto habitacional

D.C. - Veio não!

A.G. - Popular, essas coisa não!

D.C. - Não!

A.G. - Foi só cada um construindo particulares mesmo, né?

D.C. - É!

A.G. - Comprando os terreninho barato e...

D.C. - Comprando os terreno e fazendo.

A.G. - A senhora é... vê vantagem do de como tá hoje ou quais são, o que que a senhora acha que melhorou, que que a senhora acha que piorou?

D.C. - Olha, eu não sei não! Eu sei que uma miora... é bom porque tudo tá, é tudo é diferente, né? Ficou diferente, mas por certo tempo, pra mim no tempo que ele era, do jeito que era era melhor.

A.G. - A senhora acha que era melhor.

D.C. - Nós tinha segurança, nossas casa era de taipa, mas nós não tinha medo de de dormir em casa, hoje em dia você pode ter a casa cheia de grade, cheia de tudo, tem medo de ladrão, num pode faltar uma luz que cê tá de porta trancada, num tem mais liberdade de cê tá na porta da rua, e eu ficava naquela casa ali, aquela dita casa que eu falei com aquele rapaz, que ali era o alto, a nossa casa era no corredor alto e na frente tudo era areia, nós ficava tão bem sentada na boca da noite, com a luzinha acesa dentro de casa e os menino tudo brincando na areia, correndo pra riba e pra baixo, em cima do morro brincando, e hoje ninguém tem essa liberdade.

A.G. - Como era as brincadeiras que a senhora lembra do seu tempo mermo de criança?

D.C. - Não, as brincadeira que eu brincava mais os menino era só mermo brincadeira de comidinha, fazendo comida, nós tirava comida às vezes da panela, levava lá pra brincar nas coisinha, fazendo comidinha, eu com duas colega minha que eu tinha, duas menina da minha idade, aí minha madrasta "menino, cês vão com comida pra onde?", ela trazia da casa dela e eu levava daqui de casa, nós ia lá pra casa de farinha, ainda não tinha essas coisa de fazer farinha, lá nós fazia a mesa, se sentava e cozinhava nas panelinha.

A.G. - Sei!

D.C. - Fazia comidinha pra comer, aí nós chamava os menino pra comer as comidinha nuns pratim, os pratim era umas quenguinha lavada, lavava as quenga bem lavadinha.

A.G. - [Risos] Brinquedo mesmo, boneca não tinha?

D.C. - Brinquedo, boneca, assim, de pano, vim ver boneca de pano já depois de grande já! Foi que me deram uma boneca de pano e eu vi essa boneca, mas aí quando eu cresci fui ficando ( ) na casa da minha vó, aí tinha uma menina lá que tinha, a mãe dela sabia fazer boneca, aí fez um monte de boneca, aí era que nós brincava de boneca, mas antigamente só era mesmo de brinquedinho assim simples.

A.G. - Inventando, né?

D.C. - É!

A.G. - Criando.

D.C. - Hoje em dia tudo é diferente.

A.G. - Aí mocinha a senhora num chegou a ir pra festa essas coisa, porque já foi casando muito nova.

D.C. - Eu nunca fui em festa. Se eu ia pra uma brincadeira na casa de meu pai era aqui, o salão como ali aquelas casa da esquina, chegava uma prima minha “Bora, Djanira mais eu, pra nós ir de companhia, disse que é a festa ali”. Quando eu tava lá sentada mais ela ( ) alguém tá com a cara pra lá no muro já era o papai, aí só fazia dá com a mão e (vinha simhora). Eu vim andar em brincadeira, em festa, depois deu casada, depois dos meus fi tudo casado, tudo criado, é que eu vou numa brincadeira com os fi, às vezes eu saio e me divirto.

A.G. - A senhora lembra de alguma dança ou festa típica daqui, tipo a dança, eu ouvi falar na dança do côco. A senhora reconhece, lembra?

D.C. - O pessoal falava nessa dança do côco. Aqui teve um tempo que teve uma casa que tinha essa dança, eu não tô lembrada, mas teve.

A.G. - Mas a senhora mesmo num chegou a ver...

D.C. - Não, chegou a ver não, agora circo, negócio de circo assim, fazer o circo, vinha um circo pra cá que era na areia, tinha as campeira de areia na praça, botava um parque, tudo tinha por aqui essas coisa, mas essa dança de côco eu nunca vi não. Capoeira tinha aí na praça. Os ( ) da praça que brincava de capoeira. A dança de côco existia, mas num cheguei a ver não.

A.G. - Só ouviu foi falar, né?

D.C. - Só falar.

A.G. - [Risos] Também porque a senhora não saía muito, né?

D.C. - Saía não.

A.G. - E outras, assim, a senhora lembra como foi que começou a mudar esse essa paisagem, aí senhora falou aí que foram vendendo as casas, né?

D.C. - Foi.

A.G. - Foram comprando, vendendo os terreno, aí foram aterrando aos poucos, né? Pra construir.

D.C. - Foram aterrando, aí o pessoal vieram botar a luz, aí quando vieram botar as luz, trabaiair com as instalação, o governador mais o prefeito de Luís Correia, que era seu Antônio de Pádua, mandou botar os calçamento, fazer calçamento, aí mandaram fazer aterrar, foram aterrar lá a água com arreja, tanto que quando chove ela enche d'água.

A.G. - Uhum.

D.C. - Quando é com dois dia ela já tá seca, porque tudo é areia o piso dela.

A.G. - A senhora lembra da construção da praça, da igreja?

D.C. - Eu ajudei na igreja! A igreja meu marido resolveu carregar aquela ruma de pau no ombro.

A.G. - Primeiro fizeram a capelinha...

D.C. - Nós fizemo uma capelinha em cima do morro de, que era os pé de pinhão, arrancaram os pé de pinhão, meu marido, o pai daquele rapaz que tá ali, que eu falei com ele, tem umas pessoa mais véi que a Dona Cecília, que já morreu, aí nós limpemo e fizemo uma capelinha de palha, botaram nossa senhora bem pequenininha dentro, a nossa senhora pra festejar, aí fomo andar no mundo pedindo jóia, pra fazer a grande, aí a ajuda maior foi o padre, o padre Francisco, que hoje mora na Parnaíba, no começo ele fazia leilão, aí começemo a pedir jóia no interior, eu ia pedir jóia no interior mais a finada Cecília, aí começamo a fazer leilão e começaram, até que o projeto, foi o tempo que o projeto Rondon veio, ajudou, ajudaram, aí veio as madeira, fizeram as madeira, as teia, nós tudo carregamo teia no ombro, as muié com as teia no ombro e os homi com aquela linha de pau, lá daquela estrada que passa pro interior, de lá atravessava por dento das baixa e com ( ) tudo no ombro. Foi muita luta a gente fazer aquela capelinha! Aí a dona Mausenir ajudou, a comade (Eurides) ajudou, fez tapete, bordou tapete, é tanto que tem até o nome dela na igreja, tem a placa.

A.G. - E a...aí a igreja era assim, juntava as pessoas, tinha muita celebração? Festejo?

D.C. - Tinha! No tempo da finada Dalva, o festejo do mês de...de julho, de Nossa Senhora do Livramento, fazia até por água a procissão. Era muito animado.

A.G. - Num faz mais não?

D.C. - Faz não. Faz mais não. Mudou muito os festejo, viu? Mudou de repente! Quem toma de conta é uma moça, é uma pessoa boa e tudo.

A.G. - Quer dizer que tinha procissão marítima de nossa senhora do Livramento?

D.C. - Tinha! De nossa senhora do Livramento.

A.G. - E não tem mais?

D.C. - Tem mais nao. No barco. Tinha um barco que levava ela na frente e as pedra começava lá do daqui, da avenida aqui, as canoa descia tudo atrás e o barco na frente com ela, pra encostar lá no porto da, da cota ali, do Valmir, que é dono do Alô Brasil, pra tirar a ruela, botava numa ( ) e subia naquela rua de procissão, todo mundo de pés com ela.

A.G. - Olha! Devia ser tão lindo, né?

D.C. - Era muito bonito antigamente! Agora não tem mais não. No mês de maio, se tiver chovendo, não sai mais as ( ) nas casa, lá dentro da igreja, todo mundo não vai, tem muita gente que se desgostou que hoje é crente.

A.G. - Por que mudou muito né?

D.C. - Mudou. Muita gente era de dentro da igreja, saíram de dentro da igreja pra ser crente. (Ruídos do ambiente)

A.G. - Ei dona Djanira, e com relação, seu pai tinha, sabia essas rezas todas, mas ele não chegava, não chegava a ser assim rezador, tipo uma pessoa procurar ele pra cura...

D.C. - Ele rezava! Rezava de engasgamento, a pessoa engasgada, rezava de dor de dente, rezava de gente que tava com hemorragia, das margem do dente, ele rezava.

A.G. - Aí curava a pessoa?

D.C. - Aí a pessoa quando ia rezar saía bom. Aqui tem um senhor, eu não sei se você vai chegar a falar com ela, a santinha do loló, que ela já também já foi entrevistada na... e ali ela se engasgou com peixe, aí ele se lembrou do papai. Ele disse “mulher, te pega com a alma do finado Josias, que ele era rezador!”, aí na hora que ele fechou a boca ela escarrou. Quando ela escarrou a espinha saiu.

A.G. - Foi mesmo?

D.C. - Aí ele foi acender vela.

A.G. - Que era o seu pai?

D.C. - Foi acender vela pro papai.

A.G. - Olha só!

D.C. - Ele era uma pessoa que ele rezava, ele morreu ele ia fazer cento, cento e... noventa, ele ia fazer 100 ano já! Aí cê acredita que ele nunca conheceu (tomar um mingau), nunca sentia dor na perna, nunca sentia dor na cabeça, nunca sentia cansaço, é como eu tô dizendo, a morte do meu pai só foi a (hérnia) e a idade. Era isso. Era um homem que ele sabia, ele dizia pros menino “Meus fi, cês vão pro mar? Vão pro mar, mas tenham fé em Deus! Enquanto eu for vivo cês não se alagam!”, sempre ele dizia pros neto.

A.G. - [Risos]

D.C. - Rezava.

A.G. - Tinha muita fé em Deus, né?

D.C. - Muita fé em Deus! Ele tinha os terço dele, rezava os terço dele, o pessoal “Ah, mas como é que seu Josias sabe que vai morrer?”, aí ele dizia assim: “Cês não querem fazer o que eu faço!”

A.G. - [Risos]

D.C. - Ele rezava o Ofício de nossa senhora, ele rezava toda noite, toda noite ele rezava!

A.G. - A senhora sabe também?

D.C. - Sei não. Não tive essa sorte.

A.G. - A senhora não, ninguém aprendeu as reza dele?

D.C. - Ninguém aprendeu. Nenhum dos menino!

A.G. - Nenhum dos filhos?

D.C. - Nenhum dos meus netos, dos meus filhos. Ele dizia assim “Rapaz essa Lúcia...”, que era mocinha, tava estudando, foi embora pra Brasília, ele dizia assim “Se a Lúcia tivesse aqui eu ia ensinar um bocado de reza pra ela, ia copiar no caderno pra ela rezar.”

A.G. - Pois é!

D.C. - Aí nunca copiaram. Depois que ele faleceu o outro foi começar a estudar também, era pequeno e os outro não queria.

A.G. - E a senhora lembra de alguma história assim? Que ele tenha curado, que ele tenha, alguma história interessante?

D.C. - Não, ele as coisas que ele fazia, as prece que ele fazia, ele achava. Teve um senhor, que já é até falecido, todos dois, um cavalo, o cavalo se sumiu, aí ele foi atrás dele lá em casa, aí ele disse “Rapaz, num faça mais suas oração que é muito pesada. Muito pesada pra mim!”, aí ele “Não, mas faça aí que eu lhe pago”, “não, num faço nada pra pagamento não”, “porque meu cavalo sumiu e tá com 3 dia que eu não acho”, aí ele “É rapaz, me dá aí uns 2 maço de vela, pra mim acender pras alma, que eu vou conversar com elas, vê o que elas fazem com o teu cavalo.”, aí pegaram, deram pra ele e lá ele fez a prece dele, todo mundo foi se deitar, ele ficou lá com as ( ) dele dormir, aí que quando, lá no quartinho, que ele tinha um quartinho separado, aí quando amanheceu o dia ele foi lá, lá na casa do filho do homem ( ) esse rapaz, lá sentado conversando lá, tinha que beber a dose dele, que todo dia ele tinha que beber o trago dele, aí quando o véi chegou, bateu no ombro dele “Cadê, Josias? Como é que, como é que tá, cumpade?”, “Rapaz, tu já foi lá no campo? Vai lá nas baixa ali que teu cavalo tá lá! Tu vai achar teu cavalo lá nas baixa!”, aí (chegou) o cavalo tava arrastando a cabeça.

A.G. - Meu Deus!

D.C. - Pra riba e pra baixo! Aí ele veio pagar ele “me dê um maço de vela que eu quero dá pras alma, dá pra elas que tão precisando.”

A.G. - Ele não recebia gratificação?

D.C. - Ele não recebia dinheiro não

A.G. - Pelas reza.

D.C. - Não. E outro foi um carro, roubaram o carro de um rapaz, até morreu o pai e o filho, o pai e o dono do carro, aí atrás dele, levou pra casa dele “seu Josias, cê reza aí uma reza, cê sabe rezar aí uma oração que faça este rapaz voltar com meu carro?”, aí ele “Rapaz, minhas oração eu rezo pra mim, mas não vou obrigar ninguém a voltar não, que eu não sei não. Eu vou rezar aqui!”, aí ficou lá, rezou lá, aí no outro dia de manhã veio simhora. Foi com dois dia o rapaz chegou na porta, trazia um bocado de coisa pra ele, aí “Seu Josias, olhe aqui o que eu trouxe pro senhor! Papai mandou pro senhor, lhe agradecer porque o caboco veio deixar o carro.”

A.G. - Olha!

D.C. - O homem voltou, se arrependeu, veio entregar o carro.

A.G. - Rapaz!

D.C. - Era um carrinho desses carrinho de carroceria, um... tipo um toyotazim, tinha carroceria, que era de entregar material, aí vieram entregar o carro. Também só por isso ele não fez mais não. É muito pesado pra pessoa que tá rezando, colocando as alma, pedindo às

alma pra fazer aquilo, tudo isso ele tinha que fazer! Ele dizia “vou passar a noite acordado conversando com elas!”

A.G. - [Risos]

D.C. - Quando ele não rezava, e ele rezava toda noite pra elas, quando ele não rezava, lá de dentro do meu quarto eu via ele brigando “Ora mais, só porque eu não rezei hoje cês querem reza!”

A.G. - [Risos] Conversando com as alma era?

D.C. - Ein ein, aí eu digo papai, aí quando amanhecia o dia eu dizia “papai, com quem cê tava brigando esta noite?”, “É não, é que chegam aqui toda hora no meu ouvido cochichando que querem reza! Eu mandei foi elas irem embora! Noutro dia eu vou rezar!”

A.G. - [Risos]

D.C. - Como quem dizia assim ( )

A.G. - [Risos]

D.C. - Ele sempre dizia pra mim “Minha fia, alma não faz medo a ninguém, faz medo é aquela que anda perdida e lhe persegue, mas a alma que é do bem ela não faz medo a ninguém, porque ela tem medo é de você. Ela só chega perto de você se você rezar, fazendo um ( ) com a reza, uma oração, porque se ela chegar e dizer um nome feio, se perde você e se perde ela”. Então, as alma, quando a gente morre, a pessoa fica é longe, não vem pra perto de ninguém não, que elas têm medo de pegar um nome fei, aí se perde ela e se perde a pessoa.

A.G. - Dona Djanira, a senhora sabe alguma história assim, teve uma história que a Tereza me contou uma vez, mas eu não me lembro direito, que ela disse que também num lembra não. [Risos] Uma história duma mulher que morreu aí foi, carregaram o corpo, andaram com o corpo dela tipo num, nuns pau amarrado em panos, aí foram pela beira da praia, aí colocaram numa pedra... a senhora lembra dessa história? Que aí fica aparecendo, que chama de a pedra da véia, a véia da pedra, a senhora conhece essa história?

D.C. - Não.

A.G. - Meu Deus do céu, a Tereza me contou uma história assim e não quer, e não lembra mais toda a história.

D.C. - Sei não, eu sei que nunca ouvi falar nessa véia da...

A.G. - Da pedra.

D.C. - Eu ouvi falar assim, não tem assim que nós morava aqui, muita gente via uma mulher com uma trouxa na cabeça. Ela se maldizendo, andando de noite nas rua, aí ela se maldizia pra chamar Deus, mas não chamava, chamava “Ai!” e nunca dizia “meu Deus!”, mas depois de certos anos sumiu. O meu pai cansou de dizer “minha fia, isso aí é uma alma que quer salvação! Essa pessoa diz assim meu Deus, Deus te perdoe teus pecado, assim que ela se salva!”. Meu pai sempre dizia.

A.G. - Quem visse deveria dizer, né?

D.C. - Às vezes morre e tinha feito uma coisa, aí quer a salvação e ela num vem não. E quem tem coragem salva!

A.G. - Mas nunca ninguém...

D.C. - Meu pai, lá na Barra Grande, veio com essa história o papai, é a mesma (). É lá na Barra Grande, nós nesse tempo não morava mais no interior, já tava na Barra Grande. Aí na frente da nossa casa, a casa era num morro de areia bem (), aí quando foi uma noite o papai diz assim “O pessoal tão dizendo que todo dia, quase toda noite sai uma muié lá nas rua chorando, se maldizendo, mas nunca diz “meu Deus!”, só é “Ai! Ai!”, nunca diz “Meu Deus!”, pois eu vou salvar essa alma. Aí disseram que era o dono lá dizendo “Rapaz, é bem a finada filó que morreu de parto”, que era a irmã dele, né? Ele disse “Se for minha irmã eu sei quem fui, eu vou salvar!”. Aí quando foi há noite, quando foi meia noite nós abrimo a porta da rua, aí a minha madrinha “Vai pra onde? Não! Pode ir se deitarem”, puxou a porta, encostou e ficou lá bem de frente à porta um pouco. Ela vinha na esquina, aí ela dizia “Ai!”, bem aberto, né? Ele ficou bem no meio da frente da casa, que ela ia passar, aí ele, disse que ele ficou ali em pé, e quando ela disse “Ai!”, aí ele sentiu a frieza, o vento, deu aquele vento refrega perto dele, né? Aí quando foi saindo aquele refrega de vento que passou perto dele “Deus te salva, alma perdida! Deus te salve! Vai pro reino da glória! Vai descansar em paz! Sai deste mundo! Jesus te dá salvação, aí ele rezou lá “padre nosso” pra ela e sumiu a visage da Barra Grande.

A.G. - Nunca mais?

D.C. - Nunca mais apareceu. Ele dizia “minha fia, uma pessoa às vezes que morre perdido e não perdoaram, não perdoou, ainda é pedindo perdão, quando morre não tem coragem.

A.G. - Interessante. Ele era muito espiritualizado, né?

D.C. - Era! Era ele e a mãe dele. A mãe dele sabia de muitas reza, a minha avó, aí rezava, contava umas história bonita pra gente, dizia “minha fia, agora cês vive numa vida tão boa, mas quando cês chegam mais na frente, com os neto de vocês, boneco, aí tem uma casinha onde vocês, os fio e os neto de vocês vão conhecer o osso do boi”, perguntar o que é aqui vocês, se você for ver outro responde. Isso aqui é o osso do boi que nós comia, que não já existisse no final do mundo não vai mais existir, e nós tamo quase perto disso.

A.G. - É verdade!

D.C. - E tá aparecendo doença que nunca ninguém viu!

A.G. - É!

D.C. - E nunca descobriram. Tá chegando a era!

A.G. - Dona Djanira, só pra encerrar, a senhora tem alguma, eu queria que a senhora me dissesse assim, do que que a senhora não tem saudade de jeito nenhum e o que que a senhora mais tem saudade. [risos]

D.C. - Rapaz, o que eu mais tenho saudade no mundo mesmo é da minha família, tem dia que eu me lembro, me lembro do meu pai, me lembro da minha mãe que morreu com 7 ano, dia das mãe eu me sinto mal, porque todo mundo tem uma mãe e eu nunca tive, porque a minha morreu eu tinha 7 anos.

A.G. - Ela morreu de que?

D.C. - Morreu de parto. Fui bem cuidada da minha mãe, né? Até com a idade de 7 ano ela me cuidava bem, aí morreu, e eu nunca me esqueci ó! Eu tinha 7 ano. Tem gente que diz assim “ó fulano, tu lembra da tua vida que tu passou, da tua vida que tu começou?”, eu me lembro!

A.G. - A senhora lembra dos primeiros anos, né? Até os 7 anos.

D.C. - Eu lembro eu tinha 7 ano de idade, me lembro meu pai me tirou da rede, botou lá na outra rede que era pra minha mãe botar os meninozinho na rede que eu tava. Botaram a rede do menino pequeno. Aí na merma hora eu fui chorar debaixo de uma mesa.

A.G. - A criança viveu?

D.C. - Morreu também! Ela se enterrou de manhã e ele morreu de tarde.

A.G. - Foi?!

D.C. - Foi. Olha ele, eu me lembro que ele me tirou da rede, eu fui chorar debaixo duma mesa, tinha uma mesa lá grande, me soquei debaixo da mesa, fiquei chorando, porque ele tinha 3 filho, tinha nós 3 já, mas nenhum dos 3 nunca saiu de perto dela, sempre eu era do lado dela. Os outros tudo em seus lugar e eu sempre encostada nela a minha rede, aí eu fui chorar zangada, porque tinham me tirado da rede pra botar o menino. Aí que quando eu me lembro que ele chegou pegando na minha mão, me chamando “bora tomar a bença a tua mãe, que tua mãe tá se acabando!”

A.G. - Ô!

D.C. - Aí eu vi a minha avó tomando de conta dela, o pai dela, e meu pai não teve mais coragem de sair de perto, e eu conto pro pessoal “olha eu não vi não, porque eu era pequena! Não me lembro!”, me lembro só a história da minha mãe, mas das (vaca) eu não me lembro, porque a gente vai pequena, as coisa mais... até da minha vó eu me lembro. ( ) Choraram quando ela se enterrou.

A.G. - Foi!?

D.C. - O gado que eles criavam choraram no dia que ela se internou. Saíram acompanhando o caixão até não sei tanto distante do caminho. Na minha rua foi do mesmo jeito. Ela ( ) tanto no terreiro, a gente tinha até medo, ( ) tudo chorando, jogando areia no lombo, chorando no ( ), na frente do pátio. Eles iam lá pra bebida, adonde ela dava água pra eles, a minha mãe, eles iam lá na bebida e ficavam batendo no coche, batendo no coche e urrando, que ela que dava água pra eles

A.G. - E aí, então a senhora sente saudade disso. E do que a senhora não sente saudade de jeito nenhum, nesse tempo mais quando a senhora era bem novinha?

D.C. - Não me lembro assim da minha infância, de ter saudade da gente, mais é mesmo assim de viver só, dos filho da gente, tem meu irmão que mora longe, tem outra que mora pra outro lado, tem uma filha que mora longe, às vezes dá saudade, eu choro, é assim.

A.G. - [Risos] Tá certo. Pois dona Djanira, eu lhe agradeço muitíssimo, foi muito boa a nossa conversa, vai ser de grande valia pro meu trabalho, viu? Muito obrigada!

D.C. - De nada!

A.G. - E era isso! [risos] Lhe agradeço demais! Nós estamos às ordens, precisar da gente, tá bom? Nós que eu digo do programa, da Universidade.

D.C. - Tá bom!

A.G. - Do mestrado.

**RODRIGUES, M. do L.**

Entrevista concedida à Arlete Soares Godinho. Luís Correira, 19 out. 2020.

**Pesquisa:** A cor da memória: educação e arte pelo patrimônio na Vila Coqueiro da Praia, Luís Correira, Piauí, Brasil.

Responsável pela pesquisa: Arlete Soares Godinho.

Tipo de entrevista: História de vida ( ) total (x) tópica

Entrevistadoras: Arlete Soares Godinho (A.G.); Mariana Godinho (M.G.)

Entrevistada: Maria do Livramento (M. L.);

Idade: 63

Local: Rua José Pinto, 10331, Coqueiro. Data: 19/10/2020

Duração: : 1: 29: 41

Tipo de registro: gravador de voz e câmera do telefone celular.

Fotografia: Mariana Godinho Silva

Transcrição de entrevista: Ester Godinho.

Revisão de transcrição: Arlete Soares Godinho.

Transcrição da entrevista: (x) total ( ) parcial.

Data da transcrição: Junho de 2021.

M.L. - Puro e vivo no meu coração, na minha mente, e... todos os santos, e sou devota de nossa senhora da Conceição.

A.G. - Ai que maravilha!

M.L. - Eu já tenho rezado aqui com pessoas que vêm até de outro país

A.G. - Olha aí!

M.L. - Porque pede pra mim rezar, né? Então dá um tempo. Turista mais... faz pergunta como você aqui me perguntou em relação à religião, e também são muito católicos.

A.G. - Uhum.

M.L. - Isso que já aconteceu. Graças a Deus! Eu rezo com muita fé! (tem um certo tempo).

A.G. - Eu perguntei porque...

M.L. - A minha maior tristeza é essa.

A.G. - Eu fiz essas lembrancinhas e em algumas [eu coloquei um tercinho

M.L. - Não, mas tá lindas!

A.G. - E em outras eu não coloquei, porque pode ser que a pessoa não goste. Aí é álcool em gel, tá?

M.L. - Uhum.

A.G. - Com a logomarcuzinha do nosso museu.

M.L. - E máscara você não tem não?

A.G. - Tenho. Tem.

M.L. - Porque eu quero uma pra minha irmã.

A.G. - Tem.

M.L. - Eu faço questão de receber uma pra ter completo.

A.G. - Tá bom! [risos] Tá certa!

M.L. - E a gente tem que fazer essas coisas, minha filha ó! Porque é uma ajuda, você tá aqui, você tá completando, né? E falta isso aqui.

A.G. - É!

M.L. - Então, o que a gente pode fazer a gente faz.

A.G. - Graças a Deus! E eu agradeço muito. É...

M.L. - Aonde eu puder responder eu respondo!

A.G. - Tá bom! Pois vamo começar aqui.

M.L. - Eu tava falando aqui com uma sobrinha, que ela tá, ela passou [recorte no áudio]. O meu nome é Maria do Livramento Rodrigues.

A.G. - É... a senhora tem alguma profissão?

M.L. - Tenho.

A.G. - Qual é sua profissão?

M.L. - Eu, eu tenho que dizer só uma é?

A.G. - [risos] Não. A senhora fique à vontade pra falar da sua, sua...ocupação

M.L. - Comércio, comerciante é uma profissão, né? Porque você vai tá ali atendendo o público, né? É compras e vendas, né? Então pra mim isso aí é uma profissão, porque você tem que tá se comunicando com o público, então você tem que tá preparada pra fazer o atendimento, que são várias, várias opiniões, são várias, várias naturezas, e você tem que tá bem preparada pra isso, então pra mim isso aí é uma profissão.

A.G. - Uhum.

M.L. - E aqui no nosso país, eu acho que é a profissão que muita muita gente tem e tá querendo, quem não tem tá querendo. [interferência de pessoa próxima à L]

A.G. - Eu vou perguntar.

M.L. - Aí vem... eu, de criança, né? Até um certo tempo, a gente pescava.

A.G. - Uhum.

M.L. - Já era aqui pescador, porque meus a... meu avô era pescador, meu pai, meus tios, todos que moravam aqui era só pescaria, então a gente não ia lá pegar o peixe, mas a gente cuidava do peixe, tratava o peixe, certo? E existia a...a o sistema de vender o peixe, o peixe seco, a gente vendia pros serrano, aquele pessoal que vinha do pé de serra, das serra mais perto daqui, trazendo farinha, trazendo fumo, trazendo café.

A.G. - Vinha de onde?

M.L. - Pé de serra.

A.G. - Ah!

M.L. - Pé de serra. E... levava o peixe. Era como que fosse uma troca.

A.G. - Certo.

M.L. - Era bem interessante.

A.G. - Troca de mercadorias, né?

M.L. - É. Praticamente uma troca de mercadoria.

A.G. - Isso era em que ano, mais ou menos? A senhora lembra? Até que ano foi assim?

M.L. - Minha filha, eu tenho 63 anos, então, assim, meus 10 anos eu já começava a tá bem assim... prestando atenção, entendendo as coisas, eu vendo aquele pessoal, aquele comboio de gente, né? Que eles traziam os animais, traziam cachaça, traziam essas coisas que eles podiam trazer, eles traziam. E eles se arranchavam na casa dos meus avós, na casa dos meus pais, na casa dos meus tios, certo? Digamos que estejam uns 50 anos atrás.

A.G. - A senhora poderia me explicar, a senhora me desculpa a ignorância, como é, como era esse curral de, essa... é uma técnica de pescaria?

M.L. - É. Das mais interessante, das mais bonitas e das mais ricas pescaria aqui da gente.

A.G. - Como é? É uma rede?

M.L. - É não, minha filha! Ele é marcado no mar, certo? Ele é preparado com bastante varas, mourão, como a gente falava, tinha uns nome de mourão, tinha as varas, certo? E depois tinha aquela tecelagem de arame, arame galvanizado, pra poder aguentar os seis meses de pescaria, porque a existência de um curral é seis meses, né? Ali, o cardume de peixe que cai dentro de um curral daquele não sai por conta deles não.

A.G. - Todo esse peixe que caía era aproveitado, ou alguns eram extraviados?

M.L. - Todos!

A.G. - Todos aproveitados?

M.L. - Todos! Então só ia retirado de dentro daquele curral pelo pescador. Tinha as rede grossa, as rede fina, as rede grossa pra pegar até tubarão e as rede fina pra pegar aqueles peixe menor, pequeninim, como a sardinha, pilombeta, espada, e a rede grossa era pra pegar camurupim, que tem camurupim que pesa 80 quilos.

A.G. - Uau!

M.L. - 90 quilos. Quando entrava, não entrava só um, entrava vários, vários, aí tinha as outras espécies de peixe, né? Que pega todas as espécies de peixe.

A.G. - Hoje não usam mais essa técnica?

M.L. - Não usam mais, viu? E... ali enriquece a praia, ninguém passa fome. Então, o último curral que foi colocado aqui foi eu e meu pai que colocamo. Nós se empenhamo muito, porque é muito caro! Muito caro! Mas a gente fez, porque teve um ano de seca aqui. O peixe fica fracassado, né? A chuva também é pouca, e a gente considera uma seca, né? Porque você sabe que tem essas duas espécies de seca: a seca de água e a seca molhada, certo? E aí a gente resolveu fazer esse curral.

A.G. - A senhora ajudava a fazer?

M.L. - Ajudava sim!

A.G. - A produzir a parte de confecção dessa...

M.L. - Não. De confeccionar o curral era os homens, porque eles tinham que fazer, porque tem os banco, quase da altura desse, não é bem da altura desse poste, mas dali daquela caixa.

A.G. - Pra baixo.

M.L. - Pra baixo, eram os banco que eles preparavam pra poder ir, pra marcar, construir o curral.

A.G. - Uhum.

M.L. - O homem é inteligente, viu? Era um engenheiro puro e verdadeiro, né? De pesca. Então, eles levavam aquela canoa, já colocavam o banco lá, aí depois pegavam a canoa só com aquele material que eles iam usar naquele dia, e hora de maré também. Não podia trabalhar com maré cheia. Trabalhar com maré seca, como a gente fala, né? A gente falava assim. Depois que marcava aquele curral, porque lá tem sala grande, sala pequena, tem chiqueiro e tem a espinha, e por essa espinha que o peixe entra, certo? Muito linda a pescaria! Muito! Muito! Muito!

A.G. - Aí todo dia esvazia?

M.L. - É. Ele é despescado duas vezes no dia. Uma na noite e outra no dia, dependendo da maré. A maré é quem determina a hora de despescar o curral.

A.G. - E a extensão era de quantos metros mais ou menos?

M.L. - Olha, a extensão de um curral... talvez do tamanho dessa praça.

A.G. - Eita!

M.L. - Porque ele era dividido nessas partes que eu já falei...sala grande, sala pequena, chiqueiro e a espinha do curral, [que era só uma trilha de madeira. Viu?

A.G. - Ah então era bem grande!

M.L. - Nós não fizemo muito sucesso porque já tava já as embarcações também passando, e você que o tempo vai dando e... muitas coisas vai ficando pra trás.

A.G. - As embarcações... o que que fez acabar com essa técnica? Deixarem de usar?

M.L. - O que fez acabar com a pescaria de curral foi a iluminação.

A.G. - Elétrica?

M.L. - Tem muito a ver. É! E a iluminação, os barcos

A.G. - De motor?

M.L. - Que também fazia isso daí e a maior que eu acho foi os pescadores que entende da pescaria foram indo embora.

A.G. - E aí não foi passando pro filho, pro neto...

M.L. - Não foi passando porque, na verdade, minha filha, vou dizer pra você! Na verdade, nós estamos numa praia, o mar é o mesmo, peixe tem, mas acabou a pescaria. Por falta de que? Por falta de um incentivo. Certo? Porque teria que ter pessoas pra incentivar, viu?

A.G. - E... As as lembranças que a senhora tem de quando era criança aqui, a senhora poderia me falar assim o que, como era o lugar, como eram as casas, como eram as construções, a quantidade, assim, mais ou menos, com relação a hoje, como eram essas casas, o tamanho, quantidade de cômodo, material, o que a senhora for lembrando. A senhora poderia me descrever?

M.L. - Olha era bem... eu gostei muito da minha infância, certo? Porque tudo foi muito natural. Eu fui muito bem alimentada, eu digo eu, porque minha família e os que na época, certo? Foi muito bem alimentado. A gente não tinha muita fruta, a gente não tinha quase

nada aqui, a não ser o peixe, a farinha, o feijão que vinha do interior, tudo bem organizado, nada contaminado, certo? Tinha na zona rural, tinha aqueles trabalhadores com... com plantios de milho, feijão... lavrador, né? E tinha o período de fazer a farinhada também. E voltando pros serranos, né? Que vinham do pé da serra, trazendo também. Então, a gente ficava contente quando os pais da gente dizia, a mãe da gente dizia “hoje nós vamo comer um feijão com toicim de porco”. Todo mundo se alimentava caladinho satisfeito. Hoje, tá bastante [diferente.

A.G. - Diferente. É!

M.L. - Se você coloca, vai, faz um almoço, seu filho, sua filha, antes de chegar lá pra ver, pergunta o que é o almoço.

A.G. - A senhora lembra de comidas, assim, bem específicas que tinham? Algum tipo de...

M.L. - Lembro! Aqui tinha o peixe cozido, certo? Quando tinha o tempero, aquela cebolinha de palha e com um pouco de azeite de côco.

A.G. - Produzido aqui mesmo?

M.L. - Aí tinha o pirão, farinha. Aos domingo, tinha o arroz.

A.G. - Domingo? Era uma coisa especial o arroz?

M.L. - É! Era.

A.G. - Do côco se fazia só o azeite? Se aproveitava?

M.L. - Do côco a gente também aproveitava assim, porque tirava o leite dele e preparava o peixe salgado, né? Comer o peixe no leite de côco, que é muito gostoso. Esse leite que a gente preparava pro peixe, esse é o verdadeiro, porque hoje você vê, compra no supermercado, tem lá o nome, né? Mas o verdadeiro é aquele que você pega e rala naqueles ralinho que a gente fazia de lata, com prego.

A.G. - Eu vi uma entrevista que falava da dança do côco. A senhora tem lembrança?

M.L. - Tenho.

A.G. - Como é que era?

M.L. - A lembrança do, a dança do côco eu conheci, agora eu não posso lhe dizer assim o ano, mas foi um dos anos, eu acredito que foi no primeiro ano de governo do Alberto Silva, porque aqui era muito, assim, desabitado. A gente ia na cidade de ano em ano, certo? Tinha outras pessoas que ia mais frequente, que ia até Luís Correia pra pegar o trem, pegar depois aí o ônibus, certo? Então a gente já pegava aquela pessoa e pedia pra comprar o tecido pra fazer um vestido, alguma coisa assim. Então as viagens da gente era muito pouco. Geralmente, a gente se planejava pra ir lá em ano em ano.

A.G. - A dança do...

M.L. - Certo. Aí, muito desabitado, em relação assim a se comunicar com pessoas de cidade e tudo, era meio, *né?* Aí o governo, no governo do Alberto Silva, ele formou um projeto, por nome projeto Piauí. Então, veio também o projeto (Rondon), viu? Com vários formatos, a procurar fazer um desenvolvimento aqui. Eles vieram, quando eles chegaram, que se dirigiram aos pescadores, com muita delicadeza, com o jeito deles, eles disseram que queriam fazer uma reunião e eles fizeram, mas no dia da reunião eles trouxeram pra cada

pescador um pacote de biscoito. Eu tou lhe contando essa história, você pode escrever ela em qualquer lugar, que é verdade. Eu vejo as pessoas perceber os universitários e falar as coisa que num é verdade. Conta porque que o nome desse lugar é coqueiro, não sabe. Não tou querendo ser a melhor [risos da A.G], mas o que eu tou lhe dizendo aqui é verdade.

A.G. - Certo!

M.L. - É verdade! E eu me sinto orgulhosa em repetir a história daqui.

A.G. - Que bom!

M.L. - Porque pra mim ela é muito linda.

A.G. - A senhora sente saudade do...

M.L. - Sinto muita saudade sim!

A.G. - De, de, as brincadeiras eram, eram...

M.L. - Ah como eu tava, você fez a pergunta do côco

A.G. - Da dança do côco.

M.L. - Da dança do côco. Era uma grande festa! Se transformava em uma grande festa, porque eles vieram, né? Reuniram os pescadores e deram pra esses pescador, pra cada pescador um pacote de biscoito. A forma que eles acharam de conquistar, né? E daí eles conquistaram. Aí muitas moças, né? Que vinham também, junto do projeto e tal, aí eles perguntaram se eles dançavam, quem dançava xote, quem dançava baião, e falaram da dança do côco. E tinha um pescador daqui, cearense, com família já aqui, família e tudo formada aqui, que aqui quase muita gente era cearense. Meu pai é cearense, minha mãe também é cearense. Aí eu, ele, um deles, desse moço que sabia dançar a dança do côco, seu Braz, o nome dele Braz, aí foi uma festa, “agora a gente vai fazer a dança do côco!”, aí marcaram o dia, virava festa mesmo, porque aí tinha aquela que hora que eles não tavam pescando e eles iam.

A.G. - É uma dança de roda?

M.L. - É de roda.

A.G. - Homens e mulheres?

M.L. - Homens e mulheres.

A.G. - Que mais? As roupas eram como?

M.L. - Simples. Roupa comum.

A.G. - Não tinha uma roupa específica?

M.L. - Não!

A.G. - Tipo quadrilha, uma roupa colorida, florida.

M.L. - Não, não.

A.G. - E aí era de par, formava pares? Homem e mulher, ou não?

M.L. - Não.

A.G. - Só a roda mesmo?

M.L. - Fazia aquele círculo e ele ia dançar.

A.G. - E os instrumentos utilizados? Instrumentos musical, tinha?

M.L. - Não. Era o pessoal da roda que batia palma e cantava.

A.G. - E tinha músicas específicas? Características?

M.L. - Tinha. Tava, é o pessoal cantando.

A.G. - Falava de que?

M.L. - Tinha uma das música lá, que eu não lembro muito também, né? Porque o seu Braz que ensinava, viu? Aí ele ensinou uma musicazinha, era bem engraçada, ele cantava e a gente aprendeu [e a gente

A.G. - [A senhora lembra um trechim? [risos]

M.L. - Cantando e batendo palma e ele dançando, e aquele pessoal dos dois projeto, do projeto (rondon) e o projeto Piauí firme, viu? [risos da A.G.] Aí ele cantava: “Mulher parida não come, oi nasce, oi nasce, farinha do mesmo dia, oi nasce, oi nasce” [cantando]. Aí isso aí todo mundo cantava, e batia palmas e ele dançando, mas era animado!

A.G. - Eu imagino!

M.L. - Viu? Muito bom! Saudável, muita paz, muita união e eu sinto saudade! Mas valeu a pena! Sinto saudade, certo? Mas quero dizer que valeu a pena, que eu sou privilegiada de ter, de Deus ter me dado esse merecimento pra aproveitar tudo isso. E eu passo pras pessoas, quando me dá tempo, quando querem ouvir eu repetir essas histórias.

A.G. - E... a senhora lembra, a senhora estudou até que série? Até que ano?

M.L. - Eu estudei até o quinto ano, na época não falavam quinto ano, mas era quinto ano, minha filha, como que fosse terminando o segundo grau hoje, porque os professores eles ensinavam, aluno tinha que aprender, tinha os debate, certo? Vai você não responder direito. E tinha também a palmatória.

A.G. - Mas era numa escola mesmo, normal, tinha escola?

M.L. - Era nas escolas daqui mesmo. Teve aqui Carmosina Martins da Rocha, que o colégio recebeu o nome dela.

A.G. - Uhum.

M.L. - Era a professora que ensinava todo mundo aqui da região.

A.G. - Sim, já ouvi falar!

M.L. - Depois veio Paulo Paiva, que era um homem também muito inteligente, e todos eles eram funcionários da SUDECO, na época, que hoje é a IBAMA, certo? Essa Carmosina ela passou 7 anos sem receber nenhum centavo.

A.G. - E continuou trabalhando?

M.L. - E continuou trabalhando.

A.G. - Ensinando.

M.L. - E passando fome. Pra não passar tanta fome ela comia *cê* sabe o que?

A.G. - *An?*

M.L. - Porque a casinha dela era bem no lugar daquela casona ali que tem aquela ( ) toda iluminada, e a nossa sempre aqui. Só que era outra casinha também de palha, de taipa e tudo. Ela ficou uma mulher de ter uma roupa de uma cor.

A.G. - Ela comia o que?

M.L. - Ela comia pirão de siri.

A.G. - pirão de siri.

M.L. - Pegava o siri... cê sabe o que é siri, né?

A.G. - Sei.

M.L. - Aí lá lavava bem direitinho, colocava na panelinha com água e sal e aquele caldozim fazia o pirão, e ela ia comer junto com os filho dela e o marido.

M.G. - Então, e o marido dela fazia o que?

M.L. - O marido dela não era pescador. O marido dela ele trabalhava assim, de cair uma casa, que antigamente só caiava a casa, mas não tinha todo dia essa casa.

M.G. - Um trabalho esporádico, né?

A.G. - Tinha poucas casas, né?

M.L. - É! Aí fazia algum servicim por ali assim, era coisinha que não era um emprego, certo? Era uns ajudando os outros.

M.G. - E a senhora lembra se ela tinha muitos filhos assim?

M.L. - Lembro sim! Ela tinha sabe quantos filhos?

M.G. - Quantos?

M.L. - Ela tinha 4 filhos.

M.G. - Eita! Era muita gente!

M.L. - A minha mãe teve 12 né, meu amor!

A.G. - Uau!

M.G. - Não, mas eu digo assim, pra manter sem os empregos.

M.L. - É, mas os filho também ia pra praia pegar os siri enquanto ela tava lá.

M.G. - Ah! Então tá certo.

M.L. - Cuidando ali da casinha, até a hora de chegar as aulazinha dela, ela fazia a tarefinha da casa mais os filho, a filha (ficava lá) na praia pegando o siri, certo? Isso que eu tou dizendo no período que não tinha curral, porque quando tinha curral todo mundo tinha um peixe pra comer. Meu avó, que era um dos pescadores que colocava os currais, ele recebia muita gente e nós recebia muita gente no interior, que trazia o feijão verde, trazia milho verde, trazia melancia, trazia a... o jerimum, certo? Já vinha preparado pra esperar a maré, aí já deixava na casa do meu avô, certo? Já deixava aquilo ali, às vezes vinha pra cá também, dava um pouco pro meu pai e pra minha mãe. E assim, ele agradava o pessoal daqui, porque sabia que a gente ia dá de volta o peixe. Aí quando chegava a canoa de pesca, da pescaria do curral, o meu avô tava lá, o meu avô também ia! O meu avô também ia! Aí eu nunca esqueci! Quando aquelas pesqueirona, eles botavam aquelas palha de coqueiro fazendo como tapete, pra poder jogar aquele peixe ali em cima, certo? Aí a primeira coisa que meu avô fazia antes de ele vender o peixe, pra levar pro mercado em Parnaíba, ele atendia o pessoal do interior, com aqueles cofinho tudo já vazio, só mesmo no ponto, e ele pegava aquela cuia, cuia, né? Cabaça, aí já enchia aquilo ali “bora, meu filhinho!”, falava assim “bora aqui, meu filhinho!”. Enchia aqueles cofinho de, assim, uma fila!

A.G. - Aham!

M.L. - Ele enchia aqueles cofim de cada pessoa e dizia “vai lá, meu filhinho! Comer mais o pessoal, mais suas criança! Vai!”. Não cobrava.

A.G. - Era? Olha só! E esse, a senhora falou aí nos cofinhos, eles eram fabricados aqui?

M.L. - Era.

A.G. - De palha de que?

M.L. - De palha de Carnaúba.

A.G. - De Carnaúba.

M.L. - Aqui nessa região tem aqui um [falha no áudio] pra colocar o feijão, o milho, a farinha, a goma, faz aquela trança, né? Ele já tinha aquela grade própria pra ir costurando, aí formava aquelas saca, formava aquelas esteira, e também fazia os cofim. Só que eles, os filho não vão aproveitando o que os pais sabe fazer, é por isso que eu nunca deixei o artesanato de lado, que eu amo fazer artesanato.

A.G. - A senhora produz o que hoje de artesanato?

M.L. - Que eu produzo?

A.G. - Que a senhora faz?

M.L. - Olhe eu comecei fazendo tapete, certo? Porque nesse projeto Piauí eles criaram, a dona... a dona Almira Silva, que era cunhada do governador, ela adorava artesanato, e ela achou de bem trazer uma professora pra ensinar fazer o tapete, fazer sandália, e a gente aprendeu. Aqui ficou a fonte, a fonte de tapete é aqui nesse lugar.

A.G. - Qual era o material do tapete?

M.L. - Taboa.

A.G. - Taboa?

M.L. - É.

A.G. - E da sandália?

M.L. - Também!

A.G. - Ainda fazem?

M.L. - Não. Sandália não. Aí a gente também trabalhou com a (gave), né? Só que não foi muito pra frente, porque a (gave) é mais difícil, e a gente tem a taboa aqui perto. Não foi pra frente, minha filha! Foi pra frente, assim, aqui a gente tirava uma carrada de tapete pra São Paulo todo mês. Uma carrada que eu lhe digo é em média de 900 a 1000 tapete. Todas as mulheres trabalhavam. Hoje você não encontra mais uma pessoa que faça tapete. Se você chegar aqui e quiser um tapete, eu vou lhe atender com tapete porque eu mesma não vou fazer, mas eu tenho quem faça.

A.G. - E a senhora acha que isso acabou, essa tradição, por quê? De fazer artesanato, tapete...

M.L. - Acabou porque veio um desenvolvimento em parte de construção dos casarões, né? E... As pessoas foram se (unindo) pra olhar, e que não impedia de forma nenhuma eles olhar a casa e cuidar dos tapete.

A.G. - Ser cuidador da casa, caseiro é?

M.L. - Caaseiro.

A.G. - Aí deixaram de fazer os trabalhos artesanais?

Entrevistada: É! Aí iam trabalhar lá na barraca, lavar uma louça, num atrapalha nada! De jeito nenhum! Porque até hoje eu fazia um tapete de 3 metros por 2, com 15 aplicações. Muito lindo meu trabalho. Hoje eu não posso dizer que vou fazer dentro de um dia um tapete desse, não faço.

A.G. - A senhora ensinou pra os seus filhos a fazer?

M.L. - Eu tenho uma filha, ela não aprendeu porque também já, já parou a...a o trabalho de todo mundo aqui, porque eu acho assim, se as pessoas tivessem fazendo com certeza ela ia dá vontade também de fazer, porque um puxa outro.

A.G. - É verdade!

M.L. - Né? Mas eu não faço tapete, mas eu faço um jogo americano, viu? Eu faço uma bandeja. Maria Mirtes, tira só aquela bandeja ali pra mim mostrar. Eu posso fazer uma mandala, entendeu? Eu criar, porque artesanato é isso, cria! O artesão quando tá fazendo uma peça, no pensamento dele já tá tendo outra.

A.G. - A senhora se inspira em que pra fazer suas peças? Assim, o que, tem alguma coisa assim da paisagem, aqui do lugar, que lhe inspire? Ou não? Ou não precisa? Ai que linda!

M.L. - Não preciso não, fia! Essa aqui é uma das peças que eu fiz, eu já vendi!

A.G. - Aqui já tá vendida?

M.L. - Não, não tá vendida. Eu já vendi as outras que eu fiz. E o jogo americano é só é... é só mesmo o (centro) aqui, aí eu vou acrescentar ele com a metragem certa com o jogo americano. Eu criei isso aqui e eu já fiz venda pra Recife, uma cliente, e fiz venda pra duas, pra três cliente em São Luís, e vendi o restante que eu tinha agora. Assim, com o pouco de tempo que eu tenho, eu não vou abandonar, eu adoro trabalhar com essa, isso daqui, certo? Mexendo com a natureza, não maltratando ela, valorizando ela.

A.G. - Respeitando.

M.L. - Respeitando ela. Ela, ela é viva na água, né? Depois que ela saia da água ela já é uma (fibra) morta, mas ela continua vivendo.

A.G. - Olha que lindo!

M.L. - Então, o que eu acho, assim, eu gosto muito. É a palha, é o barro, é o cipó, tudo eu tenho [interrupção breve] tudo eu tenho isso assim, sabe? Eu sei da ( ) onde é que tá vindo, vem lá da lama, mas pra mim é grande valor, que a natureza, meu Deus! Né? Então é assim, aí eu faço isso daqui, eu faço esse jogo americano, o sousplat, né? Como eu lhe falei, e me ajudou muito agora nessa pandemia, porque a gente tá com artesanato, mas mora na mesma casa, e a porta do artesanato é essa bem aí. Foi por onde eu comecei a fazer compras e vendas, certo? Aí quando começou essa pandemia, eu vi muita gente falando quem tava sendo culpado, e eu aqui no meu ponto de vista, pela minha fé que eu tenho, graças a Deus, sempre achando que é uma passagem, que ia acontecer mesmo, entendeu? É uma lição pra cada um de nós.

A.G. - Qual é a lição pra senhora?

M.L. - A lição que Deus tá dando, porque o povo tá sendo dominado pelo egoísmo, pela ganância, e isso não pode acontecer, porque você vê, pega, não sei se você é católica.

A.G. - Sou.

M.L. - Se você pegar a bíblia, uma hora você vai ver que Deus ama aqueles que não abraçam o egoísmo, a ganância, o orgulho. Você tem que ser uma pessoa humana. Ele lhe manda pra cá é pra você respeitar o próximo, por isso é que tem lá nos 10 mandamento, pra leitura. Eu sigo muito, eu não vou dizer pra vocês aqui que eu sou uma pessoa perfeita, viu? Completamente correta. Eu luto pra mim seguir uma caminhada pra agradar primeiro a Deus e a todos nós aqui.

A.G. - É! Dá pra perceber que a senhora, a senhora tem assim uma, essa, esse lado assim místico, né? Espiritual até pela sua fala, mas assim, além dessa prática, né? Que a senhora tem, a senhora frequenta a igreja ou outras celebrações, a senhora gosta de participar? Festejo, procissão, alguma coisa assim?

M.L. - Olha eu vou ser bem sincera com vocês, aqui a gente tem essa igreja, essa capelinha, né? Quando foi pra gente construir, foi minha irmã, o frei que morava na Barra Grande, os dois se combinaram pra fazer a capelinha, foram lá, falaram com o bispo, ele autorizou e a gente começou a trabalhar, lutar pra conseguir a capelinha. Ela primeiro foi feita toda de palha, depois foi que foi feita de alvenaria, viu?

A.G. - Nessa época já tinha a praça?

M.L. - Não. Nem energia não tinha.

A.G. - E as casas ainda eram de barro?

M.L. - Tudo de taipa, viu?

A.G. - Cobertas de palha?

M.L. - Cobertinha de palha.

A.G. - Poucas?

M.L. - Aqui nesse lugarzim, ali, nessa...nessa

A.G. - Na praça? Onde hoje é a praça?

A.G. - Era aquela rodinha ali, naquela rotatoriazinha ali, ali era um barreiro, que o pessoal tirava o barro, aquele barro preto, é um dos bairro melhor, do barro melhor.

A.G. - Pra construção.

M.L. - Ele tem uma liga boa.

A.G. - Ah!

M.L. - Certo? E que ele ( ) e o outro lá no interior, em Carnaubal, entre Carnaubal e Coqueiro tem um barreiro que a gente trazia os barro, vinha de jumento.

A.G. - Pra construir as casas?

M.L. - Pra construir as casas, viu? E tinha as casinha aqui, as ( ) de casa.

A.G. - E aí teve é... essas construções de de tijolo, de alvenaria, começou, foi um projeto de conjunto habitacional, alguma coisa do governo, ou foi assim cada um por si?

M.L. - Cada um fazendo por si, viu? Cada um fazendo assim, comprando, dê licença!

A.G. - Sim!

M.L. - Pra não incomodar.

A.G. - [risos] É linda sua (tela)!

M.L. - Obrigada! É o...os não vou dizer turista, mas o povo de Teresina, o povo de Parnaíba, o povo de outras cidades, que queriam ficar aqui, eles compravam a casa do pescador, entendeu? E ali eles construía, derrubavam e construía a casa que eles queriam construir. E o pescador, na época ninguém num comprava terreno, né? Ninguém num vendia terreno aqui.

A.G. - Aí num tinha documentação?

M.L. - Não tinha documentação. Fazia a casinha lá. Quem só mexia com isso aqui era a capitania.

A.G. - Era o que?

M.L. - A capitania dos portos é quem ainda andava por ali.

A.G. - O que é isso?

M.L. - A marinha, capitania dos portos é... num tem o capitão dos portos da marinha?

A.G. - Ah tá!

M.L. - Onde tem a comarca em Parnaíba, eles que comandam aqui o litoral, entendeu? Esse curral também que eu lhe falei precisa de licença.

A.G. - Ah!

M.L. - Foi tirada, lá tá meu nome, porque eles não rasgam os papeis, né? Acredito muito que não rasga. Tem que tá lá, certo? Tá lá no meu nome esse curral.

A.G. - Deixa eu voltar um pouquinho bem aqui numa coisa que a senhora falou da pesqueira, né? Que como era mais ou menos. Ainda tem uma ali. Era daquele modelo ou tem alguma diferença?

M.L. - Querida, eu vou lhe dizer uma coisa, eu não fui mais na praia.

A.G. - Então a senhora, como era...

M.L. - Eu não conheço essa nova pesqueira que foi feita, ela é recente, né?

M.L. - A que tem ali tem é... se eu não me engano são duas paredes, aí o resto é só, aí é coberto de palha, e não é tão grande, a extensão mais ou menos é menor, daquela ponta da varanda até aqui e até ali a sala mais ou menos, até o final desse cômodo. Era maior do que isso?

M.L. - Era. Era maior, porque na pesqueira eles faziam sempre um quarto, pra guardar o peixe salgado, viu? Porque a gente quando é... ia consertar o peixe, na parte da noite, por exemplo, a maré ia ser 8 horas da noite, a gente já ia esperar aquele peixe lá. As criança, as mães de família, certo? Ia esperar, cada um com aquelas faquinha pequena, apropriada pra gente consertar o, a palombeta, a sardinha, a espada, e aí a gente ia esperar, então, quando era muito peixe, passava às vezes a noite trabalhando, viu? Quando terminava de consertar tudo ali era, tinha a pessoa pra conferir, viu? Aí tinha pessoas que consertava o peixe, tinha pessoas que consertava, aí dependendo da agilidade da pessoa, e aí salgava aquele peixe, dentro dos cachos de aruanã, que é a mesma família de tartaruga.

A.G. - As tartarugas grandes, né?

M.L. - É! Era.

A.G. - Que não tem mais, ou tá em extinção!

M.L. - Pois é!

A.G. - Ameaçada de extinção, né?

M.L. - Pois é! Mas salgava ali dentro. Não era proibido. A gente comia aruanã, muito bom! Muito gostoso! E quando era na hora de enfiar a gente já ia com aquelas palhinha, que vinha do interior, pra fazer os cambinho de peixe, de 10 peixim cada cambinho.

A.G. - Cambinho, né? Pra poder...

M.L. - É! Os cambinho! Lavava lá na beira do mar e estendia, que eles fazia aquela, aquele estaleiro, estendia tudim. Aquele peixe seco já era esperando os serranos. Muita fartura! Muito bom! Muito bom! Eu sinto muita saudade!

A.G. - Tanto alimentava, como também fazia a troca de mercadorias e vendia, né? Comercializava com Parnaíba, né?

M.L. - Com certeza! É! Vendia! Vendia! Isso aí era os peixe que...que esses peixe aí os pescador tinham eles como peixe de terceira, mas tem o peixe de segunda, tem o peixe de primeira, então...

A.G. - E o que é que faz a diferença entre essa classificação?

M.L. - O peixe de primeira é pescada amarela, é a cavala.

A.G. - Ahh!

M.L. - Certo?

A.G. - São os mais raros e mais caros, né?

M.L. - É! Viu? Camorim já era peixe de segunda, então o peixe de segunda, o camorim hoje é um dos prato mais preferido desse restaurante aí.

A.G. - Eu vou mudar um pouquinho de assunto aqui, perguntar a senhora, é... com relação à... aos doentes, a senhora tem alguma lembrança como era tratado? Tinha rezador? Tinha curandeiro? Ou era, como era? Como era que tratava os doentes antes de chegar esses, essas casas de tijolo...

M.L. - Tinha rezador!

A.G. - Tem, a senhora lembra de alguma história?

M.L. - Lembro! Lembro sim!

A.G. - Pois me conte! [risos]

M.L. - Os rezador daqui, olhe, eles rezavam de quebranto, certo? Porque hoje eu já posso lhe dizer que vi até criança morrer, hoje, hoje, no período, né?

A.G. - Mais recente!

M.L. - Mais recente, morrer de quebranto! Então, eu acho que isso aí também faz parte da fé, né? Porque se você tem fé você leva num, num rezador primeiro do que lá no médico. Então, tinha o rezador pra quebranto, aí rezava porque a mulher quando passa ali aquele resguardo, às vezes ela sente algumas dores, né? E eu vi, eu cheguei ver o rezador colocar o pé em cima da barriga da mulher, ela gritando de dor, e depois que ele terminou de rezar ela parou a dor.

A.G. - Colocando o pé?

A.G. - Colocando o pé. Naquela oração dele, permitia ele colocar o pezinho dele, não era imprensando não, era leve, rezando, durante a reza dele, o pé em cima daquela dor que a mulher sentia, certo? E quando terminava a mulher tava bem.

A.G. - Tava boa!

M.L. - Existia muita gente rezando! Tinha muita gente rezando! Eu tenho, eu tinha um tio, que na noite de São João, ele... ele tinha uma promessa, que fazia a fogueira, noite de São João, aí quando ela tava aquela brasa, ele ia na beira da fogueira e rezava aquela oração, espalhava aquelas brasa tudim, fazia como se fosse um tapete de brasa, e ele passava caminhando ali.

A.G. - Ai, meu Deus!

M.L. - E não queimava os pés!

A.G. - Nossa senhora!

M.L. - Não ficava uma papoca de nada. Aí as pessoas, né? “Passa de novo, seu Gonzaga!” Ele disse “eu não passo não!” Ele não passava não.

A.G. - A promessa dele era fazer isso?

M.L. - Era!

A.G. - Ele fez a promessa porque tava com algum, alguma doença, alguma coisa?

M.L. - Pescador, né? Pescador, tem o mar também, tem momento que o mar fica muito valente, certo? Muito valente, certo? Às vezes a mulher tá pra ganhar neném, não tem a ver, viu? Naquele tempo as mulheres não iam pra hospital, tinha as parteira, pra ir na casa das mulher, moravam, morava, tinha uma que morava aqui, ela não era assim tão...tão prática, mas ela chegou a pegar até o filho da minha mãe, comade Vicença, então as parteira aqui da minha mãe, viu? É tudo era comadre, né? Então os filho já chamava de dindinha ou de vovó, tomava a bença, e a gente pegava também costume, porque a mamãe chamava comadre e a gente já passava a ser comadre também.

A.G. - [risos] Todo mundo era comadre!

M.L. - Vovó Maria Guilherme, era a vovó Maria Guilherme era a mais, era a mais experiente, era a Vovó Maria Guilherme, viu? Porque quando ela ia pegar a criança ela tinha muitas orações, ela se preparava, ela rezava, então ela sabia quando ia dar certo e quando não ia dar certo ela sabia.

A.G. - Aí quando não dava certo, aí...

M.L. - Ela não ia, ela dava um jeitinho de não ir atender aquela mulher, porque ela não queria que a mulher morresse nas mão dela.

A.G. - Nas mãos dela!

M.L. - Morreu uma tia minha de parto aqui.

A.G. - Foi?

M.L. - Essa mesmo que era mulher desse meu tio que ele passava em cima da brasa.

A.G. - Sim!

M.L. - Ela casou com ele, ele já era viúvo. Ela fez uma experiência, noite de São João, com espelho. Ai minha vó conversava muito, eu conversava muito com minha vó, com meu avô,

com os meus tios, certo? Conversavam muito, eu gosto muito de conversar, e conversavam muito e a gente aprende muito com isso.

A.G. - Como é a história do espelho? É uma simpatia?

M.L. - Ela rezava aqui, era na noite de São João, antigamente, né?

A.G. - Uhum.

M.L. - Rezava aquela oração, comprava o espelho na cidade, um espelho lá da loja, aí ia e rezava na beira da fogueira com aquele espelho, pra ele mostrar com quem ia casar. Eu conheci duas pessoas, era minha tia e uma madrinha minha, que fizeram.

A.G. - E viram?

M.G. - Apareceu?

M.L. - Pediram e apareceu.

A.G. - Valha!

M.L. - Eu desmaiava!

M.L. - Com toda certeza, meu amor! É, é história certa!

A.G. - A simpatia, né?

M.L. - Aí minha tia, nesse tempo, era minha mãe, minha tia e outra irmã, eram três irmãs, né? Que vieram do Ceará, dentro duma canoa, pelo mar.

A.G. - Uh!

M.L. - Aí ela rezou pro espelho e guardou o espelho lá no local, pra meia noite ela ir olhar, aí ela meia noite foi ver. Quando ela pegou, quando ela olhou o espelho ela viu foi a cara desse meu tio que tava casado, e a esposa dele tava grávida perto de ganhar neném, entendeu? Aí foi uma grande tristeza que ela sentiu! Ela chorando muito chamou a minha vó e contou. E elas eram tudo pertinho, as casinha tudo pertinho, aquela amizade, aquela união, uma família inteira, certo? Várias famílias transformada em uma só, certo? Ela ficou muito triste, muito triste! Chorou muito contando pra minha vó, e minha vó conformando ela. Todas três ainda tavam moça! Minha mãe e ela e minha outra tia. Aí minha mãe, minha vó confortando ela e tudo, e ela por ali, mais... ficou triste na hora que ela viu, ele casado, a esposa já perto de ganhar neném. Queridas, ela aí ela já ficou com aquilo, né? Na cabeça. E a mulher do meu tio morreu de parto.

A.G. - No parto! Ô!

M.G. - E o neném? Sobreviveu?

M.L. - Eles foram cuidar. Sobreviveu! Sobreviveu! Foram cuidar. Aí quando foi no sétimo dia ela foi, todo mundo foi, né? Fazer a visita de sétimo dia lá na cova da mulher, pois na volta minha tia já vinha namorando com ele.

A.G. - Nossa!

M.G. - [risos] Meu Deus do céu!

A.G. - Foi ligeiro demais!

M.L. - Coisa do destino, minha filha! Coisa determinada! Foi Deus que determinou. Porque hoje as mulher vê um homem bem ali dentro dum carrão, eu não tou dizendo as mulher que seja todas.

A.G. - [Risos]

M.L. - As que eu observo, né? É as que eu vejo.

A.G. - Sei!

M.L. - Aí já se engraça com aquele carro ali. Aquilo não é amor!

A.G. - Ei, ei, dona Livramento, e por falar em morte, a senhora, é... como é que era as sentinelas, né?

M.L. - É!

A.G. - Como é que, tinha alguma, tinha música? Tinha alguma coisa assim que marcava a, que marca sua memória?

M.L. - Tinha! Tinha!

A.G. - Como é que era?

M.L. - Tinha as orações! Tinha! Viu? Tinha a oração maria valei-me, que é uma oração de grande poder, certo? Que os mais velhos já me falaram que essa oração leva a alma ao céu.

A.G. - A senhora lembra um trequinho?

M.L. - Eu lembro! Você quer pegar o meu livro de oração? Você espera?

A.G. - Espero.

M.L. - Eu vou pegar, tá?

A.G. - Tá bom!

M.L. - Isso aqui eu vou guardar logo.

A.G. - Tá!

[Pausa na entrevista enquanto a M.L. busca o livro de orações: 49:20 ~ 50:00]

M.L. - Vocês acreditam que eu abri meu livrinho de oração em cima do ofício de Imaculada Conceição?

A.G. - Oí!

M.L. - Esse daqui eu já rezei até quando, numa delegacia da polícia federal.

A.G. - Por quê?

M.L. - Ah minha filha, a história é longa!

A.G. - Ai eu adoro história! [risos]

M.L. - Eu vou só rezar aqui um pouquinho.

A.G. - Tá bom!

M.L. - Essa parte bem aqui do ofício de Imaculada Conceição.

A.G. - Tá!

M.L. - “Oremo oração de Santa Maria, rainha do céu, mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhora do mundo, que a nenhum pecador desamparais nem desprezais; ponde, Senhora, em mim os olhos de Vossa piedade. Alcançai de Vosso amado filho o perdão em todos os meus pecados, para que eu que agora venero com devoção santa mãe e Imaculada Conceição mereça em outra vida alcançar o prêmio da bem-aventurança, por merecer, por merecer do Vosso Bendito Filho Jesus Cristo, Nosso Senhor, que com o Pai e o filho e o Espírito Santo, vive e reina para sempre, amém! Seja em meu favor, virgem soberana, livrai-me do inimigo com o vosso valor. Glória seja ao Pai, ao Filho e ao amor também, que ele é um só

Deus, em pessoas três, e agora e sempre e sem fim. Amém!” Eu já (), né? Quando as pessoas aceitam eu rezo. [pessoa próxima faz uma pergunta para a L] Não, essa partezinha aqui não. Eu vou agora mostrar a Maria valei-me. Ela, ela afasta também o demônio, porque o demônio ele vive penetrando em todos os lugares. O demônio ele tem o poder, só que você tem que saber que o poder maior é de Deus, o puro e verdadeiro Deus, ele não pode mais do que Ele, ninguém! Certo? E eu rezo. Foi no ano passado foi, Marineide? Que nossa tia morreu, a tia Nazaré? Ela recomendou pra filha dela, que quando ela morresse, ela viesse aqui pedir pra mim rezar o ofício de Imaculada Conceição. E eu fui, ela, eu fui, claro que eu ia no velório da minha tia, e lá ela foi e falou “comadre, a mamãe pediu que quando ela morresse você rezasse o ofício da Imaculada Conceição”, porque hoje, aqui nesse lugar, eu nem sei quem é que reza, eu vou rezar até enquanto eu puder.

A.G. - A senhora fazia isso desde muito tempo? Desde antigamente?

M.L. - Acompanhando todo tempo minha vó, né? O pessoal, minha família do Ceará.

A.G. - Aí aprendeu, né?

M.L. - E a gente vai aprendendo, certo? A gente vai aprendendo e não é só aprender, é amar!

A.G. - Acreditar mesmo! Sentir!

M.L. - É acreditar! É sentir! Certo? Aí você acredita que quando eu comecei a rezar teve pessoas que saíram, que não gostava. Como é que você não gosta de ouvir uma oração de mãe Imaculada?

A.G. - Não, e se foi um pedido da pessoa.

M.L. - Teve pessoas que tavam lá, parenta também, saiu que não suportava. Eu digo “pelo amor de Deus! Como suporta outras músicas qualquer?”

A.G. - Devia ser evangélico, né? Talvez!

M.L. - Não é, minha filha! Foi eu acho que é só mesmo, e uma pessoa que vai sempre lá em Canindé, né? Em romaria.

A.G. - Ah então é católica!

M.L. - Mas eu observo assim que vai mais é pelo dinheiro.

A.G. - É e Maria Valei-me é o que a senhora vai rezar agora?

M.L. - É! Essa aqui é muito mais é poucas pessoas que sabem! Você pode ir nesse lugar aqui e perguntar “quem é que reza Maria valei-me? Quem é que reza o ofício de Imaculada Conceição cantada?”. Eu rezo é cantada. Dia 2 de novembro, eu tiro esse dia pra mim rezar pras almas.

A.G. - Que é o dia dos finados, né?

M.L. - Eu levo as flores naturais pra elas. Eu vou na loja, eu tou falando aqui pra vocês, mas eu nem gosto de tá assim falando, porque a gente faz de coração, então, Deus tá vendo.

A.G. - É porque eu tou lhe pedindo pra senhora contar.

M.L. - Tá pedindo, né? Mas eu tenho prazer, meu amor, de ir lá naquela loja, quanto mais flores eu compro, mais eu tenho vontade de comprar, porque é na intenção que é pra todos, certo? Já faço isso aqui mais de 20 anos. Graças a Deus sempre me deu, me dá o jeito, me dá, às vezes eu não tou mesmo assim com aquele dinheiro na mão, mas eu tenho um

cartãozinho, eu passo lá e levo. Não vou sentir pena, porque não, eu levo sim, porque eles precisam de flor, receber uma flor é vivo, né? Eles ficam felizes. É o encontro, é aquele dia. Aí eu vou, passo o dia quase todo, vou na manhã e volto meio dia, aí à tarde minha irmã vai comigo, aí a gente, opa desculpa! Aí a gente já sai quase de noite. Lutei pelo uma energia lá. Era tudo escuro, mas graças a Deus o vereador fez o pedido lá na câmara, foi aprovado, viu?

A.G. - A senhora vai cantar né?

M.L. - E foi feito. Aí você acredita que depois o político lá arrancou tudo?

A.G. - Por que foi o outro que botou?

M.L. - Mas depois botou de novo. Não, política é uma coisa meia, tem muita gente que entra ( ). Então, vou cantar aqui baixinho, tá?

A.G. - Cante! Que eu quero orar!

M.L. - [cantando] “Maria valei-me, Maria valei-me, a vossos devotos vinde socorrer. Teu povo vos ama, por nós vós aclama, saudoso suspira, por vosso amor, por vosso amor, por vosso amor. Salve mãe de Deus, salve mãe de Deus, rainha suprema sobre os anjos sois. Sois mãe de concórdia e misericórdia, sois vida e doçura, esperança sois, esperança sois, esperança sois. Sois mãe do senhor, sois mãe do senhor, soberana Maria, o trono de amor, ouve nossos brados, pois que desgraçados, na triste (erva filhos), vimos suspirar, vimos suspirar, vimos suspirar, gemendo de dor, gemendo de dor, chamando, chorando de mágoa, pedindo favor, neste vale triste, onde a pena existe, de lágrimas cheias e misérias, de misérias, de misérias. Ó vinde senhora, ó vinde senhora, nossa advogada, mostrai-nos seus olhos, olhos piedosos, misericordiosos, a nós degradados, pia mãe valei, pia mãe valei, pia mãe valei. Depois de acabado, depois de acabado, o cruel desterro dignai-vos mostra Jesus infinito, que é o fruto bendito, desse feliz ventre, ó mãe de Jesus, ó mãe de Jesus, ó mãe de Jesus. Clemente ouvi-nos, clemente ouvi-nos, ó pia valei-nos, ó (doce) acudi-nos. Ó virgem Maria, a Deus que nos cria, que criaste no peito, por todos rogai, por todos rogai, por todos rogai. Para que por vós, para que por vós, as promessas de cristo mereçamos nós, assim suplicamos, para quem deixamos a eterna glória para sempre amém, para sempre amém, para sempre amém!

A.G. - Que lindo!

M.L. - É lindo?

M.G. - Lindo demais!

A.G. - Dona Livramento

M.L. - Pois eu adoro rezar minhas orações!

A.G. - Eu adorei conversar com a senhora, achei super importante sua história, sua participação na história da Vila. Eu lhe agradeço imensamente!

M.L. - [pessoa próxima dirige a fala à M.L.] ah sim!

[Cumprimentos e agradecimentos entre A.G, M.G e M.L. - 1:02:23 ~1:02:43]

M.L. - Aí eu fui rezar a oração que também tá aqui nesse livrinho, são as treze palavras ditas e retornadas, que você pode rezar, às vezes você precisa de alguma coisa, resolver alguma coisa, que você não tá resolvendo, aí você faz, 13 dias você reza. Eu digo assim

porque minha, eu tenho umas parenta do Ceará, e elas rezaram, porque teve um tio meu, um homem trabalhador, ele era até presidente da colônia de pescadores lá e aqui em Parnaíba teve um camarada que ficou com raiva do meu tio e jurou a morte pra ele.

M.G. - Meu Deus!

A.G. - Foi. E lá elas muito unida, elas rezaram durante 13 dias essas palavra aqui, as 13 palavras ditas e retornadas, e eu gosto de rezar, porque ela também afasta o demônio.

M.G. - Olha, pois eu vou atrás dessa aí, eu sabia a de 30 dias.

A.G. - Eu quero, essa, eu vou lhe dizer uma coisa, essa... [áudio finalizado]

M.L. - Isso também por ter cortado um morro ali, que chamava morro do nego e tinha uma lagoa também perto que chamava lagoa do nego. Como lhe disse, disse aqui pra vocês que o egoísmo e a ganância não é nada coisa boa, certo? E resolveram fazer isso pra tarem construindo, pra tarem vendendo, apurando dinheiro, dinheiro é complemento, a gente precisa trabalhar pela sobrevivência da gente, mas a gente tem que ter a consciência, que dinheiro não é nada ao mesmo tempo, diante de certas coisas, certo? Aí cortaram esse morro e nesse morro ninguém nem sabe da história desse morro. Esse morro morou índia, nesse morro tinha pé de coqueiro, certo? E fizeram isso.

M.G. - Muito patrimônio foi perdido, né? Só pra lucrar.

M.L. - Foi. Eu fui numas pessoas que eu briguei, eu fui pra capitania, entrei na sala do capitão dos portos, brigando pro pescador construir novamente a sua casinha. Tem duas casa aqui que ( ) essa daqui também foi uma delas, essa daqui, fui chamada pra dizer, pra ele dizer pra mim que ia derrubar, e eu enfrentar ele, com a minha verdade e com o meu Deus no coração, certo? Ah minha filha, já tenho passado por muitos, mas quem se apega com Ele não cai não, viu? E minha irmã, ela foi convidada agora há pouco, pela dama da cidade e tal, ela foi uma enfermeira que segurou de hospital, ela ficou lá atendendo todo mundo e tudo enfrentava muitas coisas, e agora eles pensaram em chamar ela, aí ela pediu, queriam que ela falasse alguma coisa, que mais tivesse deixado, tivesse mexido com ela, aí ela dizendo pra mim “irmã, eu pensei de falar, pensei de falar assim da mamãe que eu cuidei”, não! A gente tem que cuidar da mãe da gente, do pai da gente, da família da gente, ela tá pedindo do seu trabalho, o que foi. Aí “me conte alguma coisa!”, aí ela foi me contar, né? “Pois então vamo escrever!”. Ela foi dormir e eu fiquei escrevendo, na madrugada, e era no outro dia que ela tinha que ir, viu? Eu digo “minha nossa senhora da Conceição, impõe na minha mente aqui tudo certinho, tudo que for pra...”. Aí eu fui e comecei a escrever, né? Na madrugada eu tava escrevendo, aí eu fui e coloquei “boa noite!”, porque era na parte da noite, aí ela veio, aí eu falei “fiquei feliz em receber o convite da senhora primeira dama da cidade, da cidade, dona Eulília. Ela me pediu pra contar sobre o que mais me marcou dentro, dentro do meu trabalho. Em 1971, ingressei na área da saúde, fiz um curso de... enfermagem e parteira prática. Durante esse tempo, o que mais me tocou... aconteceu no dia em que eu ia, que eu iria receber meu certificado. Cheguei no hospital, cheguei no hospital Nossa Senhora de Fátima, e me deparei com uma mulher chorando muito. Perguntei a ela o que estava acontecendo, ela me falou porque tinha vindo com uma mulher que estava grávida

e teve de fazer o parto na própria casa, mas sofreu complicações. Chegou no hospital, mas não resistiu e faleceu. Acompanhei, acompanhei, a acompanhante que estava chorando não conhecia a cidade, contou que estava esperando a polícia”, só um minutinho.

A.G. - Se a senhora quiser também pode enviar pra mim.

M.L. - “Ela estava”, vou só terminar aqui.

A.G. - Tá bom!

M.L. - “Estava esperando a polícia para fazer o sepultamento, né? Como indigente. Deixei, deixei de lado o meu certificado, que iria receber no mesmo dia, e tomei frente da situação, tomei a frente da situação, na tentativa de ajudar, de ajudar a moça. Consegui o carro com o ex prefeito Antônio de Pádua, consegui... de Pádua e fui deixá-las em Carneiro, do Ceará. O certificado recebi depois, depois. Trabalhei muito, com muito respeito e responsabilidade, para salvar vidas. Trabalhei por 39 anos nessa área e em Luís Correia, Parnaíba... Parnaíba, trabalhei no Hospital Nossa Senhora de Fátima, Santa Casa de Misericórdia”, ela, viu?

A.G. - Uhum.

M.L. - “Santa Casa de Misericórdia e em Brasília, e em Brasília trabalhei no IML. Em todos esses lugares, ganhei muita experiência e fiz grandes amizades, com médicos, enfermeiras, entre outros, amizades que levo até hoje, graças a Deus! Minha história, minha história é muito longa e bonita, irei escrever e deixar como lembrança. Agradeço e respeito todas as administrações... Administrações. Obrigada, dona Eulília!” É, não foi muito bem... “Dona Eulília, que Deus ilumine sempre. Assinado com muitas saudades, Mirtes Rodrigues”

A.G. - Ótimo! Muito bom!

M.L. - Aí eu, quando foi de manhã, levantei, tinha feito ali ( ), aí ela disse “mulher, tu fez e eu que assinei?”

A.G. - [risos]

M.L. - “Eu vou ler pra você ouvir”. Quando eu terminei ela chorou!

A.G. - Ô! Ficou emocionada!

M.G. - É uma história muito bonita!

M.L. - É! Como era muito rápido ( ), mas foi muito bonito, porque no dia dela receber o certificado dela, ela encontrou essa pessoa numa situação muito difícil, né?

A.G. - Deu a maior prova aí, né? [De amor à profissão.

M.L. - E ela deixou pra um lado e foi lá fazer o que mais tava sendo necessário.

A.G. - Mermam, eu tou procurando as 13 palavras aqui.

M.L. - Deixa eu ver só aqui se eu acho. [Pausa na entrevista: 11:36 ~ 12:26]

M.L. - Você já ouviu, você sabe, né? Já ouviu a ladainha de Nossa Senhora, né?

A.G. - Acho que sim, mas não lembro agora não.

A.G. - Sumiu, foi?

M.G. - [respondendo à irmã da M.L.] Ô muito obrigada!

A.G. - [risos] Ô meu Deus! Tô dando trabalho pra senhora!

M.L. - Minha filha, eu vou já lhe dizer uma coisa. Deus determina tudo na vida da gente, viu? Eu não ( ) com nada, porque Ele é o poder! Ele é o poder! Uma vez eu tava aqui e

entrou uma mulher rica, aí a mulher começou a olhar assim, a mulher muito granfina, a mulher muito granfina, olhar as coisas, ( ) parece que transformou assim, mas só que eu vejo assim que ( ) coisas boas, não só coisa ruim, aí ela foi e pediu pra ir assim pra um lugar [ruídos e conversas próximas], aí ela, eu botei uma cadeira pra ela sentar, viu? (ali pra banda ali daquele lado). Ela perguntou se eu já tinha ( ). Quando ela chegou, ela não era minha conhecida, era a primeira vez, ela vinha falando nela mesmo e depois ela foi e pediu, olhando, admirando as coisas, ela pediu. Eu não já te falei essa história aqui não? Eu te contei a história da mulher rica? Que ela pediu pra eu levar ela lá num lugar mais reservado? Ela mudou a fala.

M.G. - O que era que ela queria?

M.L. - Ela perguntou pra mim se eu já tinha ouvido falar em (Alice Correia), que foi a moça que se matou lá na praia do Atalaia.

A.G. - Praia do que?

M.L. - Praia do Atalaia ali. Eu com toda certeza! Com toda certeza! Aquele pessoal antigo daqui contava as histórias.

Irmã da M.L. - A família dela é daqui, né? A família dela é daqui de Luís Correia.

M.L. - De Parnaíba.

A.G. - Aí ela desapareceu na praia?

M.L. - Aí ela foi e perguntou se eu já tinha ouvido falar. Eu disse “Já!”. Falando só eu e ela lá nesse lugarzinho que eu botei. (Aí ela disse. - “Sou eu Alice”).

A.G. - Ui chega eu me arrepiei!

M.L. - Ela conversando comigo como se fosse uma princesa. O mar é sagrado!

M.G. - E o que foi que aconteceu com ela? Que eu ainda não entendi. Com a Alice Correia.

M.L. - Com a (Alice Correia)?

M.G. - An

M.L. - Ela tava passeando na praia com a mãe dela.

M.G. - Hum.

M.L. - Primeiro, ela era noiva, ela começou, ela tinha casa no Atalaia e eles iam sempre pra Atalaia. Ela passeando com o noivo dela, ela já começava a ver assim coisa de ouro no mar, na beira da praia.

A.G. - Aí foi atraída?

M.L. - Ela via as coroa de ouro, mostrava pra ele, ele não via. Tudo bem! Quando foi um dia, ela foi tomar banho no mar com a mãe dela. Quando elas entraram no mar, aquela voz começou a puxar elas.

A.G. - [Risos]

M.L. - Ela com a mãe, ela segurando na mão dela, né? Andando no mar e tudo, ela começou, aquele mar começou a ter aquela força chamando, e aí a mãe dela, que ficou, ela contou.

A.G. - Ah!

M.L. - Que a água do mar se abriu, fez um caminho.

A.G. - Ui! Que arrepio!

M.L. - E ela disse pra mãe dela “solte minha mãe, se não a senhora vai também!”. A última palavra que ela disse pra mãe dela. Deixou! Saiu pra praia, e ela saiu, saiu, até certos instante, aí a água do mar fechou de novo. Aí foi um reboição grande!

M.G. - Aí voltou e apareceu e pediu pra ir pra um lugar reservado aqui?

M.L. - Não, ela volta sim! Deus quando determina.

M.G. - Valha meu Deus!

M.L. - Não fique com medo não, minha fia, porque ( ) você não tinha coragem de ver se Deus der a liberdade, né? Porque precisa Ele, né?

A.G. - É!

M.L. - Se precisa Ele, porque tem evangélico aí que diz que quem morreu, Deus, que lá tá lá, que Deus não dá a liberdade. Dá! Deus dá a liberdade! Com a alma minha ele manda “Vai lá! Todo domingo ( ) tem que ir! Vai!”

A.G. - Tem alguma missão!

M.L. - Aí ela foi falou que tinha “cê conhece, você ouviu falar em Alice Correia?” “Já ouvi falar em Alice Correia!”. Aí ela foi, aí ela foi e viu e disse assim, aí teve, aí baixou a cabeça assim, aí ela foi, eu sei qual foi o milagre que ela fez antes dela morrer, Santa Adelaide, vou contar, eu era criança, aí ela foi, baixou a cabeça “tudo bem?” E eu “tudo bem!”, aí ela foi e falou assim, ela disse primeiro que era Alice, né? Eu respondi ela, aí ela falou assim, eu tava numa cadeira, aí ela foi e falou assim, conversando que nem a gente tá conversando, viu? Aí ela foi e disse assim “você conheceu cara...”, mas a voz, só cê ver a delicadeza, né? E não é do mal, porque coisa do mal que assombra a gente.

M.G. - Sim!

M.L. - Aí ela perguntou “você conheceu Clara Nunes?” Aí eu falei “É ouvi muito falar, conheço até as músicas dela, Clara Nunes”, aí ela foi e falou “Eu sou Clara Nunes, eu sou Clara Nunes”, então, o que eu vi ali naquela senhora, que ela, depois ela voltou ao normal dela, devolveu, olhou o artesanato, disse que voltava, então eu vi ali, eu comecei, assim, pensar direitinho, naquela história, aquela passagem ali é porque Deus envia as coisas na hora certa. Nós vive aqui no mundo, certo? Ele vive dando voltas, é por isso que a gente se encontra. O mundo é grande e ao mesmo tempo ele se torna pequeno, porque a gente vai se encontrando é nas volta do mundo e as volta elas são escuras e a gente vai se encontrando, então, eu acredito muito o mais sagrado, certo? Não é esse negócio de de espiritismo, essas coisas, eu também não vou duvidar de jeito nenhum, não vou duvidar.

A.G. - Respeita, né?

M.L. - Respeito, mas isso aqui aconteceu ( ) então Deus enviou ela aqui, como que seja uma mensagem, entendeu? Pra essas criatura que foram, que foram encantadas.

M.G. - Devia tá lhe agradecendo pelas [inaudível]

M.L. - [inaudível] Porque a encantada, quando ela se encanta, digamos com 15 anos, se um dia ela desencantar é com aquela mesma idade.

M.G. - Ah, como se ela parasse no tempo então?

M.L. - É! É verdade!

M.G. - Interessante!

M.L. - E aí ela veio, Alice Correia veio, ela veio, ela veio, o moço lá de Catandubas, vocês conhecem? Não sei se vocês conheceram aquele bairro Catandubas, que é aqui entre Luís Correia e Parnaíba.

M.G. - Conheci não.

M.L. - Num tem aquele posto que tem uma boneca?

A.G. - Hum.

M.L. - Catandubas é ali naquelas imediações, né? Aí ela veio, Alice Correia apareceu pra ele, né? Pedindo pra ela, pra ele ir na casa dos pais dela em Parnaíba.

M.G. - Dela Alice?

M.L. - Dela Alice.

M.G. - Hum.

M.L. - Pedir pra eles comprarem uma mesa, tudo, fosse tudo virgem, comprasse uma mesa, uma toalha branca, uma bacia de esmalte, não sei se vocês sabem o que é uma bacia de esmalte.

A.G. - Sei, sei.

M.L. - Uma bacia de esmalte e uma faca virgem, e dentro da bacia levasse leite. Ele, o homenzinho lá que ela apareceu, a mulher dele e os pais dela, a mãe e o pai, fossem só eles 4 pra praia lá, naquele dia que ela tava marcando, que ela foi encantada numa cobra, essa moça, aí ela botasse lá e quando fosse meio dia em ponto ia sair uma cobra muito grande de dentro do mar, ela ia em direção daquela bacia de leite, então quando ela fizesse, que ela começasse a tomar o leite, ele pegasse aquela faca e desse um pequeno corte no rabo da cobra e se retirasse imediatamente. O que que acontece, ele foi lá na casa dos pais dela, explicou tudinho bem direitinho, o pessoal muito rico, viu? A família Correia, aí eu tou contando isso aqui, mas vai ficar aqui entre a gente, porque têm pessoas que não acredita, né? Não vale a pena você conversar com pessoas que não vai acreditar naquela história que você tá, não é certeza o que você tá falando, aí ele...

M.G. - Ele foi? Os pais dela?

M.L. - Fizeram foi publicar no jornal, no jornal do Piauí todinho, no tempo que tinha jornal já, nos jornal só o que saía.

M.G. - Que ela tinha aparecido?

M.L. - Não, que ela ia aparecer.

M.G. - Olha, mas aí estragou o negócio!

M.L. - Estragou! Estragou, porque era uma ciência ali.

M.G. - Era pra ser só 4 pessoas!

M.L. - Era pra ser só 4 pessoas! Era o homenzinho, a mulher dele e o...

M.G. - Lotou a praia?

M.L. - Nesse dia, tinha até avião, cê acredita?

M.G. - Ah, mas aí a cobra não ia sair do mar!

A.G. - Aí não aconteceu não?

M.L. - Não.

M.G. - Não, que só era pra ir o casal e os pais dela.

M.L. - Disse que quando acontece assim redobra mais o encanto da pessoa.

M.G. - Aí isso aí era pra desencantar, né? Rapaz, que vacilo!

M.L. - Aí a bichinha...

M.G. - Não, mas esse pessoal deu uma vacilada, né?

M.L. - Muito grande! O desejo, sabe? A alegria foi tão grande neles e não teve uma pessoa pra prevenir. E o homem disse que “ era só nós 4!”

M.G. - Mas esperava essa menina sair de lá de dentro e depois dizia “ó gente, apareceu! Olha aqui!”

M.L. - Aí ela é... santa Adelaide, que você perguntou se ela tinha feito milagre, ela fez! Ela foi casada. Olha aqui minha flor, flor natural!

A.G. - Ah minhas irmãs fazem muito isso de botar dentro do livro.

**RODRIGUES, M. M.**

Entrevista concedida à Arlete Soares Godinho. Luís Correia, 18 out. 2020.

**Pesquisa:** A cor da memória: educação e arte pelo patrimônio na Vila Coqueiro da Praia, Luís Correia, Piauí, Brasil.

Responsável pela pesquisa: Arlete Soares Godinho.

Tipo de entrevista: História de vida ( ) total ( x ) tópica

Entrevistadora: Arlete Godinho (A.G.)

Observadora: Elenilce (E.)

Entrevistada: Mirtes (M.)

Local: Rua José Pinto, 10331, Coqueiro;

Data: 18/10/2020;

Duração: 30:33

Tipo de registro: gravador de voz e câmera do telefone celular.

Fotografia: Mariana Godinho Silva

Transcrição de entrevista: Ester Godinho.

Revisão de transcrição: Arlete Soares Godinho.

Transcrição da entrevista: ( x ) total ( ) parcial.

Data da transcrição: Junho de 2021.

M. - Aí foram, aqui tava muito ruim, foram procurar vida na Pedra do Sal, aí piorou mais a situação, voltaram da Pedra do Sal pro Coqueiro, aí quando chegaram aqui no Coqueiro aí foram lutar. Necessidade até demais, né? Aí meu avô começou assim a trabalhar com negócio de curral, aí eles foram miorando a vida.

A.G. - Curral de pesca?

M. - Curral de pesca. Aquela mesma coisa que tem lá em (Bitupitá).

A.G. - Uhum.

M. - Então, lá eles começaram botando, meu pai pegava assim uns peixe aqui e ia pra pra Luís Correia é com negócio de jumento, com carga, levando peixe pra pegar o trem, né? Porque não tinha ônibus, né? Pega trem, aí quando, lá eles faziam as compra e voltavam e continuavam assim fazendo desse mesmo jeito. Aí foi melhorando mais um pouco, aí hoje... tá aqui! Mas antes era melhor do que agora, com toda a necessidade, o Coqueiro era melhor do que agora. A gente não tinha luz, era tanta necessidade, era tanta necessidade de vim é... quando nós chegamo, minha mãe a ter nós, eu sou a mais velha das muié, nós somos 5 muié e dois homi. Quando a minha mãe foi ter assim nós, ninguém num usava fralda, ninguém num usava nada, só resto de roupa velha, num era velha, era roupa velha mesmo, a mamãe é... rasgava e fazia nossos cueiro. Não tinha esse negócio, não tinha bacia pra banhar, era naquela cuia, né? Antes era desse jeito. Não tinha papeiro, encontrava aquelas lata de manteiga itacolomy, aí que botava um arame e fazia o papeiro, no fogo de lenha, não

tinha açúcar, era sal, menino não queria comer, era aquela, era muito sofrimento! Muito sofrimento! Hoje eu vejo tanta coisa mudada que não, eu não fico satisfeita com isso. Não fico satisfeita! Eu lembro, porque muitas e muitas amigas que passaram aqui, que tá aqui neste Coqueiro, passaram essa mesma dificuldade. Hoje tem mais umas coisa, disse que se foi pobre não lembra, por quê? Não é assim não, gente! A gente tem que lembrar o passado, né?

E. - Então, assim, primeiro vieram seus pais, seus avós, né?

M. - Foi.

E. - Já traziam seus pais quando vieram?

M. - Não, trazia era minha mãe, aí meu pai veio de outra, outra cidade, outro lugar no interior de Ceará, de Acaraú, né? Aí não era no Acaraú mesmo, era outro lugarzinho no Acaraú, aí a gente chegou aqui, aí ficaram, ele depois, aí minha irmã, minha mãe tinha 3 irmã, que era minha mãe, minha tia Dalva e minha tia Fransquinha. Aí minha tia Dalva, minha mãe casou com o meu pai, minha tia casou com um outro meu tio que era viúvo, tio Gonzaga, e a tia Dalva casou com o tio Zequinha. Aí ( ) foi nessa situação de muito sofrimento, aí, assim, essas história assim, a minha irmã tem mais coisa pra contar, porque ela conversava muito com minha vó.

A.G. - A senhora chegou aqui com que idade?

M. - Não, eu nasci aqui!

A.G. - Nasceu aqui?

M. - Nasci aqui.

A.G. - Qual é a lembrança que a senhora tem de dessa praça, do lugar onde hoje é a praça? A senhora aqui não tinha igreja ainda?

M. - Não, quem começou a igreja, quem começou a mexer com a igreja foi a minha irmã. Mais tarde ela tá aqui, assim à noitinha, ela vem, a gente manda buscar ela e ela conta essa história. Então, não tinha a igreja, aí era, começaram a fazer ( ) com santa, fizeram uma barraquinha de palha, aí foram fazendo, chamando o padre, num era mesmo um padre, era um diácono, hoje já chama diácono, né? Aí quando começaram pra fazer essa igreja aqui, essa minha irmã, diga! [uma pessoa próxima se dirige à M]. Aí minha irmã começou a fazer essas coisas, a ir pra Carnaubal ( ) chegar até ali.

E. - Pode ir, depois a senhora continua, viu?

M. - ( ) Aí era uma barraquinha, né? De palha, aí quando já chegou a fazer essa igreja aí eu não tava mais aqui, não morava aqui, aí comecei a trabalhar na cidade de Luís Correia como enfermeira, né? Aí fiquei o tempo todo lá, e hoje minha mãezinha ela adoeceu e eu tive que vim cuidar dela aonde ela chegou a óbito, né? Aí fiquei aqui, deixei minha casa lá na cidade, né? Em Luís Correia, hoje minha casa tá alugada lá e eu tô aqui ajudando minha irmã, e tem meu pai que tem 88 ano, viu? Que também pode contar alguma história, mas meu pai ele conta história do tempo do bumba, mas eu acho melhor é... você ouvir a história da Livramento e da minha irmã Gorete, que mexeu com a igreja.

A.G. - A senhora pode falar da, a senhora lembra de quando aqui era lagoa?

M. - Lembro!

A.G. - O que que, o que que era feito aqui nessa lagoa? O que que acontecia? A senhora tem alguma história que a senhora lembre?

M. - Oia, o Coqueiro era cheio de lagoa! A lagoa vinha lá... assim vamo falar que ali da (Neca).

A.G. - Uhum.

M. - Era uma lagoa, aí vinha da lagoa, por aqui tudo era lagoa.

A.G. - Essa lagoa ela era usada como? Pra lavar roupa?

M. - Muita gente tomava banho, lavava roupa, aí depois aqui ficou uma lagoa, nesse lugar aqui, aí meu irmão Bedé pegou uma canoa e botou aqui, né? Aí era pato, todo mundo criava pato, era os pato andando dentro da lagoa e tudo, aí veio o Raimundo Fagner que ficava aqui, aí vinha ficar pra casa e ficava aquela ( ).

A.G. - O cantor?

M. - O cantor! Aí pegava a canoa e andava passeando dento dessa lagoa, o Fagner.

A.G. - [Risos]

M. - Aí ele ficava aí nessa casa, essa casa atrás era do (Gerson), que hoje é do (Onófrio Martins) aí ele chamava “Fagner, vem logo tomar o café!”, aí ele passava assim por a cerca, daqui era cerca, num era muro.

A.G. - Uhum.

M. - Aí ele vinha, ficava aí, aí saía e inventava de pescar, o Fagner mais meu irmão levava pro mar, (mãe) dizia “num leva este bicho pro mar não, que vai dar trabalho, ele vai se embriagar lá pro mar e tu vai ter que trazer pra casa!”

A.G. - [Risos]

M. - Eu sei que foi essa vida todinha. Agora mesmo, foi o ano passado, eu levei meu tio, ele, ele é meio, pra fazer reconhecimento de vida lá no banco, aí ele todo assim, eu digo assim, falei logo com o gerente “É melhor você me liberar logo ele, porque ele não é pessoa certa”, aí ele foi “Seu Antônio, qual é a música que cê gosta? Qual é o cantor mais que você gosta?” “Fagner”.

A.G. - [Risos]

M. - Aí ele “Fagner! Ah seu Antônio, eu também gosto muito do Fagner!”, aí ele disse “E você... eu até conheço o Fagner! Num conheço, Mirtes, o Fagner?”, eu digo “conhece!”, aí ele “Cê conhece o Fagner? Pois olha seu Antônio, eu não conheço o Fagner!” “Conheço, Mirtes! Ele num tava lá na casa da madrinha?”, eu disse “tava!”. Sei que era.

A.G. - Ele cantava pra vocês?

M. - O gerente ele morria de admiração da gente tá conhecendo assim o Fagner.

A.G. - [Risos]

M. - Não, o Fagner ele, assim, quando ele cantou, quando ele lançou o disco, que não era CD, tinha o disco e o LP, ele...

M. - Quando ele é... lançou o primeiro LP dele, ele mandou pro meu irmão Bedé, o Fagner, então eu digo assim, o Coqueiro era muito bom. Foi essa semana passada, chegou um pessoal de Brasília, minhas amiga, aí ela, a gente foi falar que o Fagner teve aqui e ela “Dona

Mirtes, o Fagner veio aqui!”, “o Fagner aqui”. É muito admirado o Fagner. Eu digo “gente, vocês, hoje o Fagner tá mais famoso, tá mais elegante, mas eu conheci o Fagner tão feio no mundo, que não tinha, que era feio mesmo! O Fagner era feio de carteirinha!”, depois que ele ficou assim mais famoso assim.

A.G. - E as casas eram como? Era de palha

M. - De palha!

A.G. - De barro.

M. - A primeira casa aqui que começou a ter casa de telha aqui era no lugar dessa casa.

A.G. - Essa daqui foi a primeira?

M. - Era palha, barro, madeira, é taipa.

A.G. - Mas coberta de telha?

M. - De telha! Aí depois, ali, ali era uma casinha, que a gente queria fazer a igreja também por ali. Era...

A.G. - Tinha morros?

M. - Ali era morro, aí tinha um ( ). Quando as pessoas começaram aqui a alugar alguma casinha pras pessoas de Parnaíba, que não era de Teresina, a gente ia pra essa casa, minha mãe, minha tia, com um monte de menino véi. E aí ficava os amigo da gente que vinha pra casa da gente, era, passava o cumpade da minha mãe, da minha tia, e eles ficavam tudo brincando, aí quando foi um dia eu... agora mesmo, nós já trabalhando, eu fui pra Teresina levar uma pessoa é..é pra sanatório, aí tinha que passar na clínica Tente, quando eu cheguei lá na clínica Tente...

M. - Era a pessoa que tava lá atendendo, aí quando eu comecei a abrir o, a ficha do meu tio, ele fez “Eu não acredito que você é a Mirtes!”, eu digo “Eu também tô lhe conhecendo da hora que eu cheguei”, a Nazaré do seu Silveira, ela disse “Mirte, eu sou a Nazaré!”, eu digo “Pois eu sou a Mirte!”, aí vai volta, eu trabalhando no hospital de Luís Correia, lá se vem ela da secretaria de saúde aqui, eu digo “Como o mundo é pequeno né, Nazaré?”

A.G. - A senhora é enfermeira?

M. - Aposentada.

A.G. - A senhora estudou?

M. - Estudei. Estudei o curso de

E. - Técnico?

M. - Não. Na época, eu fazia o curso de parteira prática, no Colégio das Irmãs, meus professor eram os médicos!

A.G. - Em qual cidade?

M. - Parnaíba.

A.G. - Em Parnaíba.

M. - Aí depois eu fui fazer um curso de Fortaleza, com aquele programa (Paulo Lima Verde), que ele deu todo apoio pra gente, deu a pensão, deu tudo, a gente ficou, mas eu fiquei todo tempo exercendo lá na...

A.G. - Aí a senhora ajudava a fazer...

M. - Eu fazia partos! Eu fazia os partos!

A.G. - A senhora tem alguma história, alguma lembrança sobre isso pra me contar? Sobre esses partos, teve alguma história interessante, alguma...

E. - Lenda? Superstição?

A.G. - Uma lembrança desse momento, como era? Como era que acontecia? A senhora ia nas casa das pessoas ou era no hospital?

M. - Não, era no hospital mesmo.

A.G. - Era no hospital mesmo. A senhora lembra que ano era? Que década? Que...

M. - Filha, eu me aposentei em 2010.

A.G. - Ahh

M. - Mas eu estava lotada na cidade, dentro de hospital, e fazendo! E fazendo os partos mesmo, né? É... agora mesmo, dia 26 de julho, foi o aniversário da cidade. Então, pelo meu trabalho, que exerci, que entrei na função de enfermagem, no ano de 71 na prefeitura até 2010 que eu me aposentei, exercendo a função de enfermeira. Na época...

A.G. - Já era no hospital, desde 71?

M. - Na época não tinha hospital, aí o prefeito me notou transportando paciente pra cidade de Parnaíba, aí voltava, aí quando precisava eu vinha buscar, me chamar, eu ia com o carro, levava os paciente pros hospital, aí o prefeito resolveu montar um posto de saúde, aí eu passei a morar nesse posto de saúde, atendendo tudo, né? Aí quando eu, depois o prefeito da cidade atual resolveu, atual não, o outro, o mesmo resolveu fazer o hospital, que é o hospital municipal Nossa Senhora da Conceição, aí nós fomos trabalhar no hospital, mas quando não tinha hospital e que iam me buscar pra ir levar mulheres pra ganhar neném em Parnaíba, chegava a ter menino dentro de carro, quando chegava já tava tendo, quando chegava lá, aí era o jeito eu ir pegar. Aí o meu curso eu ganhei a bolsa de parteira prática e recebi certificado e eu enfrentei, não me arrependi, né? Hoje eu acho muito mudado esses tempo da enfermagem, muito, muito, porque hoje eles não têm, eles tão com toda a teoria, mas não tão com a prática que eu tenho.

A.G. - Eu sei!

M. - Hoje mesmo meu, minhas pessoa chega, meu sobrinho chega e pergunta “tia Mirte, você tinha coragem enfrentar?” “filho, tem muita gente nas cadeira, mas eu enfrentava, mas eu não quero isso não!”

A.G. - Deixa eu lhe perguntar, mudando um pouco de assunto, a senhora tem lembranças, assim, da sua infância, das brincadeiras, como é que eram? Tem alguma lembrança marcante, poderia me falar um pouco sobre como eram essas brincadeiras de vocês?

M. - Amiga, olha, aqui não tinha assim, ninguém brincava de boneca, que não existia! Hoje a gente é... só vivia assim de trabalho pra ajudar os pais, né? Era muita necessidade! Então, brincadeira mais aqui era brincadeira de reunir os menino ficava aqui quando era ( ), não tinha pracinha, era um monte de menino só brincando de roda, só os primo mermo, porque não tinha muita gente aqui. Só era brincando de roda e fazia aquela, o que inventava de brincadeira só era brincadeira vea que num era, mas era cheio de de vida, cheio de alegria.

A.G. - E... a senhora lembra de uma, da dança do côco, a senhora chegou a participar? Que eu ouvi algum relato falando dessa dança do côco. A senhora lembra dela? Pode falar ()?

M. - Olha, eu não lembro não, não lembro não, não participei nem pra ir assistir essas coisa, né? Tinha, tinha.

A.G. - A senhora se divertia como? Brincava, é... ia pra festa?

M. - Não, minha mãe era muito rígida, deixava a gente sair assim não, nera, quando a gente, ela se associou num clube de uns trabalhadores, da cidade de Luís Correia, aí quando tinha assim essas festa assim na sociedade, aí a gente ia, ela levava a gente, só entrava pessoas com, acompanhado com os pais, aí ela, como ela era sócia, aí levava as sobrinhas e a gente, né? Aí depois, hoje, hoje é tudo destrambelhado, não tem mais, ninguém tem noção de...

A.G. - [Risos] A senhora casou com alguém daqui? Como é que...

M. - Eu não! Não casei nunca na vida não.

A.G. - Não casou?

M. - Não, eu fui pra Brasília, aí lá em Brasília eu trabalhava no Instituto Médico Legal, lá em Brasília, aí depois eu vim passear aqui, aí eu flertei aqui na época, ia passando assim perto da () aí me chamou, “Mirte, tu tá aqui?”, “tô”, ele “Meu Deus do céu!”, aí quando foi de tarde veio, me mandou um vereador aqui, o vereador veio e disse “Mirte, o prefeito mandou lhe chamar agora lá no gabinete!”, aí eu fui, aí ele “Mirte, não volte pra Brasília agora! Vá tomar de conta desse posto de saúde de novo!”. Aí eu fiquei tomando de conta do posto de saúde. Lá era a casa onde eu morava, lá era o atendimento de médico, lá era o atendimento de curativo de cirurgia, tudo eu fazia.

A.G. - Em Luís Correia?

M. - Em Luís Correia. Aí depois ele me botou pra morar lá. Morria gente, encontrava, procurava é defunto afogado, levava e mandava eu fazer velório, mandava fazer enterro, então, minha vida foi assim, eu num num tive, assim, ah... a saúde em Luís Correia foi eu fui () não, foi trabalho! Eu disse, no dia 26 de julho foi aniversário da cidade, a mulher do prefeito me telefonou e me chamou pra mim ir fazer uma live lá.

A.G. - A senhora fez?

M. - E contar a história da da minha vida até ali, né? Mas ele queria que eu ficasse era falando, aí eu fiz a carta todinha, né? Tem a carta, depois as minhas irmã aqui.

A.G. - Depois a senhora poderia me emprestar pra eu fotografar essa carta?

M. - Não

A.G. - [risos]

M. - Depois, quando você voltar minha irmã pode arrumar pra você que ela guardou!

A.G. - Ótimo!

E. - É sobre o que a carta?

A.G. - A vida dela.

E. - Ai que legal!

M. - Você é... eu vou contar a história.

A.G. - Uhum.

M. - Aí o repórter me entrevistando, eu falando, mas que eu queria mesmo era que ele visse a carta.

A.G. - Mas a senhora fez a live?

M. - Fiz que foi, tinha que ser

A.G. - Foi gravada será?

M. - Foi! Foi gravado! Tá nos telefone, tá nas internet, né?

A.G. - Uhum.

M. - Mas a carta minha irmã tem ela pra olhar.

A.G. - Eu quero a carta pra eu tirar uma foto! [risos]

M. - Aí eu acho assim que trabalhar com saúde, me perguntaram o que que eu achava nesta, pelos médico e a enfermagem que tava trabalhando na frente desta, deste vírus, eu falei “é que Deus defenda eles todos, viu? Porque ali eles tão lutando por a vida de um ser humano e a vida deles, né? Só Deus mesmo que vai defender a situação deles lá, porque vi amigo que trabalhei, médico que trabalhei falecer, vi enfermeira companheira falecer por este tal vírus, então gente, é uma situação muito difícil. Então, cada um que tá lá vá com responsabilidade, assuma suas responsabilidade”.

A.G. - É... mudando um pouco de assunto, com relação às comidas, assim, que a senhora de mais antigamente, a senhora tem lembrança? Do tipo de...

M. - Lembro sim, minha filha! Lembro muito bem! Cê sabe como era as comida aqui do Coqueiro? Os homi ia pescar de madrugada, chegava 5 hora da tarde, as mulher tudo em cima dos morro olhando se as canoa já vinha pra usar, porque até 5 hora da tarde não tinha almoço. Era só o peixe cozido quando a família chegava, o pescador chegava do mar e botava, não tinha o tomate, não tinha a cebola, não tinha o pimentão, não tinha nada. Hoje todo mundo só quer comer coisa chique. É... muito sofrimento, então minha amiga, eu lhe digo

A.G. - Eles saíam sem se alimentar pra pescaria?

M. - Sem nada! Porque não tinha! Nem se alimentava quem ia, nem se alimentava quem ficava. O pessoal aqui só comia arroz de 8 em 8 dias.

A.G. - Arroz?

M. - Arroz.

A.G. - E o que era a comida básica, porque [arroz hoje é básico!]

M. - Pirão! Pirão de farinha! Pirão de farinha com peixe.

A.G. - Pirão de farinha com peixe. Arroz era luxo?

M. - Arroz era luxo! Café com farinha de puba quando tinha, se não era farinha branca mesmo, não tinha pão, não tinha nada. Só existia pão aqui na semana santa!

A.G. - E o côco nunca foi usado assim pra poder fazer outros, outros alimentos?

M. - Tinha, e cadê o produto? O côco tinha, e cadê o produto pra fazer? Não tinha.

A.G. - Só tinha o côco mesmo?

M. - Não tinha.

E. - Porque pra fazer um óleo, pega tipo, pega um azeite, né? Pega mais coisa.

M. - É!

A.G. - Aí assim, teve um relato que eu ouvi que o pescador disse que quando chegava tinha umas mulheres oferecendo é vendendo lanche na beira da praia.

M. - Quando foi melhorando, né? Quando foi melhorando.

A.G. - Já mais pra cá?

M. - Justamente. Muitas vezes eu fui com minha mãe, a gente vendia aquele que chama mingau de milho.

A.G. - Aham.

M. - Chamava chá de burro na época, né?

A.G. - Aham, sei!

M. - A gente fazia, a gente botava nas lata de querosene, aí ia de madrugada pra lá esperar pra eles comerem, comprarem.

A.G. - Quando chegassem.

M. - Antes de ir!

E. - Era doce com açúcar?

A.G. - Ah! Antes de ir tomava o chá de burro.

M. - É! Tomava o chá de burro.

A.G. - Isso já num tempo melhor, né?

M. - Melhorando. Agora que tava começando a melhorar, porque condição de comprar um copo de chá de burro eles não tinha, né? Aí eles ia pro mar, pra vender o peixe, aí vinha os comprador de peixe de Parnaíba, aí voltava pra Parnaíba com eles, aí comprava aqueles peixim.

A.G. - Qual era o, levados em que transporte pra Parnaíba?

M. - Antes era de animal, aí depois já começou a aparecer um Jipe, aí vinha uma chuva do teto, fazia uma lagoa, esse Jipe só andava pela beira da praia que não tinha estrada. O pessoal daqui de Coqueiro ia pra Parnaíba era de mês em mês, que não tinha condição de fazer nada, aí depois que meu avô começou a botar curral, aí começou a aparecer peixe, aí as mulher ia consertar peixe.

A.G. - Tinha muito peixe? Fartura?

M. - Tinha muita fartura.

A.G. - E como foi é... a senhora lembra assim foi, vocês acharam o que da construção das ruas, como foi que isso começou? A construção de casa, conjunto?

M. - Quando começou vim turista pra cá, né?

A.G. - Foi aí que começou?

M. - Aí foi que começou, aí foi que começou.

A.G. - Primeiro.

M. - Mas hoje eu digo, pra tá melhor no Coqueiro deveria ter turismo. O turista vem pra cá por amor que é a praia, que é o litoral, mas turismo aqui não tem pra oferecer pro turista não.

A.G. - Não tem estrutura, né?

M. - Não tem é turismo mesmo, não tem! O prefeito, não tem o secretário de turismo que desenvolva, *né*? O melhor gestor que passou no Piauí, pro litoral, se chama Freitas Neto, o resto tudo é um palhaço!

A.G. - [risos] A senhora sente saudade de que? Dos tempos mais antigos tem alguma coisa que a senhora lembra com saudade?

M. - Minha amiga, eu vou lhe dizer pra sofrimento não é bom nem lembrar, *né*? Eu lembro do sofrimento, mas saudade eu não tenho não.

A.G. - Não tem. E, assim, quando morria alguém, como era que era feito aqui? Como era o velório? A senhora tem alguma lembrança?

M. - Falava sentinela, *né*?

A.G. - Sentinela.

M. - Passava a noite tudo lá é olhando o defunto, quando terminava era vez iam enterrar numa rede, vez fazia umas grade, botava umas tauba num pau pra levar, *né*? Pro cemitério, lá em Carnaubal.

A.G. - Enterrava no Carnaubal?

M. - É no Carnaubal ainda hoje é!

A.G. - E levava o corpo ou numa rede ou nessa, nesse, uma grade de madeira. Uma vez a.. a Tereza me contou uma história, dum mulher que foi levada pela beira da praia, aí os homens cansaram, aí colocaram ela numa pedra e o corpo sumiu. A senhora lembra dessa história? Conhece?

M. - Não, eu num lembro não.

A.G. - [risos] Tá bom!

M. - O corpo sumiu?

A.G. - Sim. Disse que cansaram, aí eles botaram a mulher em cima dum pedra, aí o corpo desapareceu, aí disse que fica aparecendo a, tipo o espírito, a alma dela.

M. - Não, nunca ouvi essa história de corpo não.

A.G. - De veia da pedra.

M. - Já uma veia da pedra, *né*? Mas...

A.G. - A senhora conhece essa história, essa lenda?

M. - Conheço essa história, mas num é essa mulher morta na beira da praia.

A.G. - [risos] Não é assim não, *né*? Como é a história que a senhora conhece?

M. - Ó deixa a minha irmã contar pra vocês.

A.G. - Deixo! Deixo!

M. - Porque eu não vou...

A.G. - Não lembra direito, *né*?

M. - Não teve essa mulher morta que o pescador cansou, não teve não.

A.G. - [risos] Não teve não. Tá certo. O seu nome é Mirtes?

M. - Isso.

A.G. - Tá. A senhora estudou, *né*? Na, em Parnaíba, *né* isso?

M. - Eu fazia o curso de enfermagem.

A.G. - Fez o curso de enfermagem e a senhora pode me dizer a sua idade?

M. - 68 anos.

A.G. - 78?

M. - 68.

A.G. - Ah tá, porque eu tava achando já [risos] 68 anos. Ok! Dona Mirtes, pois muito obrigado! A senhora é católica?

M. - E muito! Gosto muito da igreja, mas eu não desrespeito as outras religiões não. Eu quero que respeite a religião. Uma vez eu chamei, o *homi* só falando muita coisa, muita coisa, eu chamei “deixa eu lhe perguntar uma coisa, existe Nossa Senhora? Porque *cês* tão falando muito, agora existe nossa senhora?, aí ele disse “existe!”. Ah porque muito crente que eu pergunto diz que não existe nossa senhora, então sente! Converse mais com ele!

A.G. - [risos]

M. - Aí ele ficou conversando. É eu acho que, olha, eu gosto muito da igreja. Eu trabalhando mesmo fiz 6 anos de festejo na cidade.

A.G. - É... deixa eu lhe dar uma lembrança aqui. Mariana, tira uma foto aqui minha com ela.





Arlete Godinho  
2020

